



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ROBERT SANTOS DO CARMO**

**UMA CARTOGRAFIA VERDE NA ENGRENAGEM:  
NARRATIVAS EM FORMAÇÃO NO ENTREMEIO  
PSICOLOGIA E REDUÇÃO DE DANOS**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2021**

**ROBERT SANTOS DO CARMO**

**UMA CARTOGRAFIA VERDE NA ENGRENAGEM: NARRATIVAS EM  
FORMAÇÃO NO ENTREMEIO PSICOLOGIA E REDUÇÃO DE DA-  
NOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia.

**Orientadora: Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos.**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2021**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Carmo, Robert Santos do

C287c      Uma cartografia verde na engrenagem : narrativas em formação no entremeio psicologia e redução de danos / Robert Santos do Carmo ; orientadora Michele de Freitas Faria de Vasconcelos. – São Cristóvão, SE, 2021.

121 f. il.

Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Psicologia. 2. Redução de danos. 3. Psicólogos - Formação. 4. Conduta. 5. Cartografia. I. Vasconcelos, Michele de Freitas Faria de, orient. II. Título.

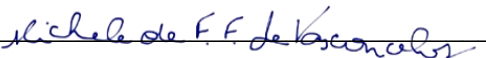
CDU 159.9

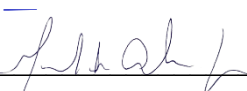
**ROBERT SANTOS DO CARMO**

**UMA CARTOGRAFIA VERDE NA ENGRENAGEM: NARRATIVAS EM FORMAÇÃO NO ENTREMEIO PSICOLOGIA E REDUÇÃO DE DANOS**

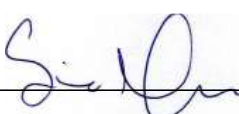
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia.

**BANCA EXAMINADORA:**

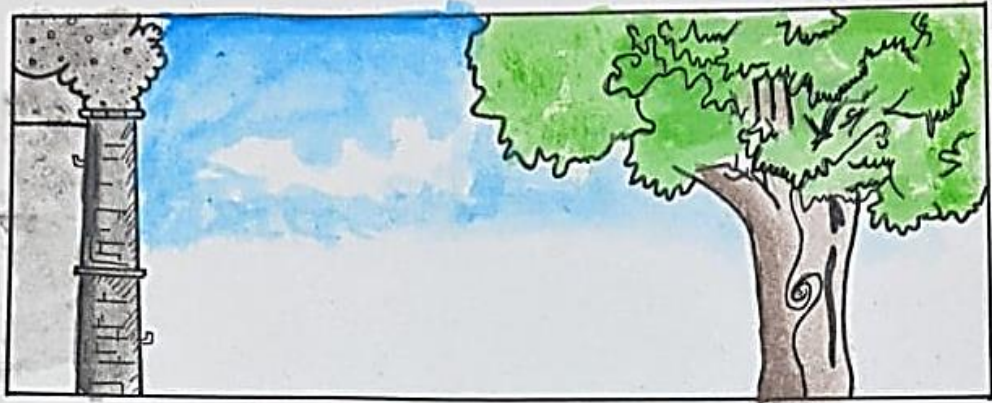
  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos (orientadora)**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (PPGPSI/UFS)**

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Livia de Rezende Cardoso (PPGED/UFS)**

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon (PPGPSI/UFRGS)**

**São Cristóvão, 15 de abril de 2021.**



À Rosa pelo convite para abaixar e ver, do chão, as coisas chãs.

A quem os predicados esvaem.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é lembrar. Lembrar é um absurdo: inaugura, falha, soluça, alegre, dói, goza. Agradecer é esquecer. Esquecer é irracional, infantil, (im)possível, corta, sara. É lembrar e esquecer, aquecer, ativar a trincheira e abraçar a alegria de bem-viver um caminho acompanhado.

Agradeço à Deus e a quem veio antes. *Agô.*

À minha mãe Lealda (*in memoriam et corde*), sobre quem ainda é difícil predicar. Pela ausente presença, por mostrar-me que o amor sempre encontra brechas. Todo homem precisa de uma, dizem os velosos, e eu a dizia.

Ao meu pai, por educar-me com o que falta aos livros didáticos. Pela sensibilidade de poucas palavras e sorriso envergonhado.

À vovó Beatriz e minha tia Maricelda, por se fazerem mães de novo.

Aos meus familiares, por lembrarem-me do que importa.

À Rose e Julinha, minhas primas, por me fazerem forte.

Aos meus amigos, Ingrid, Ruth, Diógenes, Maria, Vanessa, Ayane, Sofia, Luyne, Sandra e Cassiano, pelos encontros alegres.

À Marleide, por acompanhar avidamente a escrita-vida.

À Michele, que se faz muito mais que uma orientadora, por sustentar o verde em mim e a psicologia mangaba em nós. A gente se encontrou porque era preciso.

À Linha 5, o entre meio das linhas: Erica, Joemilly, Si, Thaislla, Stona e Maisa, pela construção de uma universidade com camaradagem e gosto pela palavra.

À Gabi, Lili, Edileuza, Bruno e João, pela companhia sensível no mestrado.

Ao GEPEC e ao Balbucios, pela desaprendizagem.

Aos professores Marcelo Ferreri, Simone Paulon, Livia Cardoso e Marcos Ribeiro, pelo cuidado na banca de qualificação e por aceitarem o convite.

As(os) professoras(es) da graduação: Aline Belém, Augusta, Evanildo, Marcos e Hortência, pelo professorar sensível.

À Fernanda Hermínia, orientadora no trabalho de conclusão de curso, pelo incentivo que me pôs atento à movência.

Ao Projeto Redução de Danos, em nome de Dani, Wagner, Selma, Cris e José Roberto, redutores que me desfizeram psicólogo.

Ao Consultório na Rua, em nome de Ellen, Luzia, Aline, Isabel, Cris, Edney e Camila, por produzirem variação em minha formação e pela duração dos afetos.

Aos participantes da roda de conversa, pela potente composição.

À Robevânia, pela escuta.

À Jô Rodrigues, pela sensível e bela produção da aquarela na capa deste trabalho.

A todes que encontrei na rua, na escola, na universidade, em casa.

Me fiz Exu,  
Ou Exu me fez (...)  
Inundado de ideias pré-estabelecidas  
e precavidas  
que imobilizam o movimento,  
implodi, explodi.  
Movimento não se prende, expande.  
Trai as certezas  
porque não as suporta,  
afogam ou boiam,  
mas não nadam, nunca.  
Tem medo de se molhar,  
de afundar,  
de entrar e não voltar.  
As águas chamam,  
convidam, puxam,  
tiram-me do chão,  
embora, ainda, continue ali.  
É preciso escolher  
Se bem que não se simula liberdade,  
não se simula um nado, um mergulho,  
ou pula na água e faz-se uma:  
movimento e mar;  
ou permanece seco  
e espera a próxima implosão.  
Mergulho.  
Exu levou-me ao mar; fez-me mar.

## RESUMO

Esse estudo propõe-se a acompanhar um processo formativo que se dá no entremeio psicologia e redução de danos, ao mesmo tempo em que, inspirando-se na cartografia, segue o traçado de uma pesquisa e de um pesquisador em formação. Para tanto, utiliza registros mnêmicos e escritos de estágios curriculares realizados na graduação em psicologia, articulando-os com registros de uma roda de conversa realizada com profissionais formados em psicologia que desenvolvem ou desenvolveram práticas de/trabalhos na redução de danos no/do município de Aracaju-Sergipe e de Salvador/Bahia. Dessa forma, ensaia-se uma escrita verde e afeita ao movimento, dando corpo aos afetos na encruzilhada dos encontros. Tateando o entremeio entre redução de danos e psicologia, ali onde o meio se faz território de habitação comum, narrou-se efeitos da inserção de psicólogas(os) na dinâmica de uma política pública em álcool e outras drogas, abrindo passagem para uma clínica de/na rua que borra as noções de núcleo e campo, provocando um processo formativo que faz emperrar a engrenagem madura, disciplinar, fabril, moral e empreendedora da psicologia. Outrossim, que produz fetiche por todo o currículo, desocultando o oculto do currículo em redução de danos. Neste entremeio, experimenta-se uma porosidade à dimensão da vida, do cotidiano, do sol que faz feder; um processo de (des)subjetivação e indiscernibilidade: *o que porra tem a ver com a psicologia isso que estou fazendo aqui?* Debatendo-se com desejos salvacionistas de uma disciplina - psicologia ou redução de danos -, uma em detrimento de outra, o corpo vai devir-ando um território trans-indisciplinado, comum, coletivo; corpo-efeito de uma redução dos danos da moral.

**Palavras-chave:** políticas de formação; psicologia; redução de danos; cartografia.

## ABSTRACT

This study aims to keep track of a formative process which takes place between psychology and harm reduction, at the same time in which, drawing its inspiration from cartography, follows the layout of a research and of a developing researcher. For this purpose, it uses mnemonic registers and writings of curricular internships held in the graduation in psychology, arranging them with registers of a round of conversation performed with professionals graduated in psychology who develop or have developed practices of/works in the harm reduction in the/of the municipality of Aracaju, Sergipe and of Salvador, Bahia. In this way, an unripe and affectionate to movement writing is rehearsed, fleshing out the affections at the crossroads of meetings. Groping the in-between of harm reduction and psychology, there where the middle becomes territory of common housing, effects of the insertion of psychologists were narrated in the dynamics of a public policy on alcohol and other drugs, opening the way to a clinic of/on the street which blurs the notions of core and field, triggering a formative process that jams the ripe, disciplinary, manufacturing, moral and entrepreneurial gear of psychology. Likewise, which produces fetish throughout the curriculum, uncovering the hidden of the curriculum in harm reduction. In this in-between, one experiences a porosity to the dimension of life, of the everyday, of the sun that causes stink; a process of (un)subjectivation and indiscernibleness: *what the fuck has to do with psychology what I am doing here?* Floundering with salvationist desires of a discipline - psychology or harm reduction -, one in detriment to the other, the body keeps becoming a trans-undisciplined, common, collective territory; effect-body of a harm reduction of morality.

**Key-words:** politics of formation; psychology; harm reduction; cartography.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|          |                                                                                                                                         |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| CAPS     | Centro de Atenção Psicossocial                                                                                                          |
| CFP      | Conselho Federal de Psicologia                                                                                                          |
| LGBTQIA+ | Lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis, queers, intessexuais, assexuais e todas as demais existências de gêneros e sexualidades. |
| PRD      | Projeto Redução de Danos                                                                                                                |
| Psi/psi  | Psicologia                                                                                                                              |
| RD/rd    | Redução de Danos                                                                                                                        |
| UAA      | Unidade de Acolhimento Adulto                                                                                                           |
| UAi      | Unidade de Acolhimento Infanto-Juvenil                                                                                                  |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. <i>No qual o autor, a respeito do nome de Tistu, tece algumas considerações da mais baixa importância</i> .....                   | 12  |
| 2. <i>Esse menino revela boas disposições para a jardinagem</i> .....                                                                | 15  |
| 3. <i>É preciso vigiar de perto esse menino; ele pensa demais</i> .....                                                              | 17  |
| 4. <i>No qual Tistu tem uma aula de psicologia, seguida de uma de fábrica que, em seguida, ganhou ares de empresa</i> .....          | 29  |
| 5. <i>No qual Tistu, a propósito da guerra, faz novas perguntas...</i> .....                                                         | 41  |
| 6. <i>No qual se sucedem as mais espantosas notícias...</i> .....                                                                    | 51  |
| 7. <i>No qual recebemos uma lição de miséria: a moral como droga de nosso tempo, ou ainda: “o que vê quem vê o seu tempo?”</i> ..... | 60  |
| 7.1 A subjetivação como projeto moral .....                                                                                          | 71  |
| 7.2 O primado da consciência .....                                                                                                   | 72  |
| 7.3 Sacerdócio psi .....                                                                                                             | 74  |
| 7.4 Outros frutos do Espírito, da Verdade: caridade, cidadania e desejo. ....                                                        | 77  |
| 7.5 Eficácia e validação: a fruta reluzente e o broto .....                                                                          | 87  |
| 8. <i>No qual Tistu é mandado à escola, onde não fica. Já Felipe, fica.</i> .....                                                    | 91  |
| 9. <i>No qual Tistu denuncia a(de) si próprio numa encruzilhada</i> .....                                                            | 103 |
| 10. <i>Considerações crônicas</i> .....                                                                                              | 107 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                                                                    | 116 |
| APÊNDICES .....                                                                                                                      | 125 |
| APÊNDICE A - Roteiro para roda de conversa .....                                                                                     | 125 |
| APÊNDICE B – Termo de Consentimento .....                                                                                            | 126 |

**1. No qual o autor, a respeito do nome de Tistu, tece algumas considerações da mais baixa importância<sup>1</sup>**

*Eu queria usar palavras de ave para escrever<sup>2</sup>, pode ser de qualquer ave, de beija-flores a abutres, com asas curtas ou largas, desde que estas palavras sejam feitas de movimento e de pausa no movimento<sup>3</sup>. Sem compromisso com a “verdade” ou origem das coisas, antes com a invencionice e encruzilhada do movimento nas coisas ou vice-versa. Sem binóculos para observar, de longe, as aves e astros aos céus, embora este tivesse sido um dos sonhos na infância, interessa, pois, construir um caminho com as aves, em que também seja possível voar. Se tudo isso parecer uma poesia ensaísta, verde, que borra ciência e história com vida: melhor ainda, a gente gosta das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias. Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia<sup>4</sup>. Somos afeitos à poesia, pois esta pode fazer desfuncionar a fábrica madura da ciência, fazer vacilar o empreendimento científico-moral.*

Por vacilar, dizemos da mestiçagem, da potência do entremeio, da encruzilhada e do fetiche como usinas maquinicas de subjetivação e pedagogias outras, produzindo desvios na formação monodisciplinar, cognitivista, ascética, cidadã e humanista emprenhada no saber-fazer-poder psicológico e na política de redução de danos, com ênfase em seu simulacro de currículo oculto. Para tanto, acompanha-se a duração dos efeitos dos estágios curriculares no Projeto Redução de Danos e no Consultório na Rua, bem como da inserção em um programa de pós-graduação. Outrossim, acompanha-se a produção de uma vida, de um corpo psi-redutor e pesquisador, artistando, lembrando e esquecendo.

Nestes escritos, privilegiam-se as palavras e gestos verdes que estão sendo inventados e construídos num processo formativo que tem se inscrito em meu corpo, entre a função psicólogo e redutor de danos. Alguns outros pronomes, falantes e escritores também compõe estes escritos, desfazendo assim uma pessoalidade restrita a mim, mesmo porque a experiência nos expõe, de nós mesmos, alongando as fronteiras de um corpo com órgãos. Por isto, ao organizar

---

<sup>1</sup> Todos os títulos referem ao livro infanto-juvenil “O menino do dedo verde”, de Druon (1976).

<sup>2</sup> Barros (2010, p. 449).

<sup>3</sup> Kastrup (2015).

<sup>4</sup> Barros (2010).

estas palavras em torno de uma norma acadêmica, não privilegiarei o nome dos escritores e falantes, estes se concentrarão nas notas de rodapé, parte indispensável nesse trabalho.

Ainda sobre isto, o amontoado de palavras alinhadas à direita e em itálico corresponde a trechos de literatura infanto-juvenil, músicas, poemas, notícias e recortes de diários de campo ou falas de psicólogas(os)-redutoras(os) de danos e um historiador-redutor de danos que participaram de uma roda de conversa<sup>5</sup>. O amontoado alinhado à direita sem realce, são pensamentos de pesquisadores não-ilesos. Além disto, todas as palavras em itálico ou negrito são utilizadas para apontar recortes de falas de outrem ou para destacar, respectivamente.

Deste modo, esta dissertação é composta por oito seções, excluindo-se a introdução, que corresponde a esta seção, e as considerações crônicas, ao final. Seções-capítulos, seções-ensaios, seções-crônicas, seções-verdes que são igualmente efeitos e processos de uma escrita imiscuída com a vida, com a cartografia dos afetos que pediram passagem na encruzilhada entre redução de danos, psicologia e pós-graduação. Cada capítulo marina uma ideiazinha, uma(s) história(s) e seus vícios, debatendo-se com desejos salvacionistas de uma disciplina – psicologia ou redução de danos –, uma em detrimento de outra. Como em um tropeço, a escrita-corpo esbarra com a moral e produz derivas, desvios, gestos e pistas ti(s)tubeantes, devir-andando um território trans-indisciplinado, comum, coletivo; corpo-efeito de uma redução dos danos da moral.

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre a roda, ver o Apêndice A.

*Fale!*  
*Entre!*  
*Se abaixe!*

## 2. *Esse menino revela boas disposições para a jardinagem*<sup>6</sup>

“*Você ainda está verde!*”, gritou a chaminé da fábrica<sup>7</sup> em relação ao meu domínio sobre o método da cartografia. Concordei com ela. Entrar em contato com essa “coisa” que é e não é um método, ao menos em contraposição às perspectivas metodológicas usualmente utilizadas e valorizadas no ambiente científico, exige uma (des)familiarização com certos conceitos, *epistemes* e linguagens. Ou ainda, exige cultivo<sup>8</sup>.

Nesse sentido, aceitei que estar verde pudesse ser um sinônimo para pouco contato. Todavia, ao aceitar essa qualidade (ou, na perspectiva das ciências positivistas, a falta dela), pude me encontrar inseguro. Os braços cruzam, o couro cabeludo coça, as palavras e possibilidades de perguntas ou respostas inundam os pensamentos, mas a insegurança inviabiliza e minimiza a ação, como se tudo que pudesse ser falado beirasse uma margem de erro ou de imaturidade (*você ainda está verde!*).

Acompanhando o (meu) processo<sup>9</sup> pude notar que cultivo e acúmulo de informação<sup>10</sup> são modos de operação diferentes, quicá opostos. Dessa forma, nem verde e tampouco maduro podem qualificar a experiência com a cartografia, mesmo porque no cultivo o controle dá lugar ao contato<sup>11</sup>. Ter pouca ou muita informação indica a possibilidade de controle sobre o que se lê ou ouve e, conseqüentemente, opera-se uma lógica desenvolvimentista ou de evolução do conhecimento: em dado momento não se sabe ainda, em outro começa-se a aprender a partir da aquisição de saber e transmissão da informação e, por fim, sabe-se tudo e não se cartografa nada.

Cultivar cartografia implica em alinhar-se e demorar-se<sup>12</sup> em estudos teóricos, conceitos e escritos, afinal, é importante ter a(o) que(m) amar, ensina Frejat<sup>13</sup>. Todavia, não se demora porque há uma falta que requer um saber, um saber que pode ser alcançado em totalidade ou

---

<sup>6</sup> Sr.º Bigode à Tistu em Druon (1976, p. 40).

<sup>7</sup> Referência a Druon (1976). A fábrica, na ocasião, chama-se professor, mas, pode-se chamar educação, ciência, academia, psicologia. A fábrica hoje pulverizada, ganha contornos empresariais e faz de todos e cada um de nós, almas-empresa (Deleuze, 1992); de nossos corpos e nossos gestos seus empreendimentos.

<sup>8</sup> Pozzana (2013).

<sup>9</sup> Pozzana e Kastrup (2015).

<sup>10</sup> Pozzana (2013).

<sup>11</sup> Pozzana (2013).

<sup>12</sup> Fischer (2005).

<sup>13</sup> “Amor pra recomeçar”, música do Frejat (2001).

uma realidade passível de representação<sup>14</sup> pelo saber, mesmo porque tais entendimentos reafirmam uma noção de “verdade” que, por sua vez, nos mantêm desvitalizados<sup>15</sup>.

*Isto prova simplesmente que as idéias pré-fabricadas são idéias mal fabricadas, e que as pessoas grandes não sabem mesmo o nosso nome, como também não sabem, por mais que o pretendam, de onde foi que viemos, por que estamos aqui e o que devemos fazer neste mundo. [...] Se só viemos ao mundo para ser um dia **gente grande**, logo as idéias pré-fabricadas se alojam facilmente em nossa cabeça, à medida que ela aumenta. Essas idéias, pré-fabricadas há muito tempo, estão todas nos livros. Por isso, se a gente se aplica à leitura ou escuta com atenção os que leram muito, consegue ser bem depressa pessoa importante, igual a todas as outras [...] As idéias pré-fabricadas, que os outros manejam tão bem, recusam-se a ficar em nossa cabeça: entram por um ouvido e saem pelo outro, e vão quebrar-se no chão. Causamos assim muitas surpresas. Primeiro, aos nossos pais. Depois, a todas as outras pessoas grandes, tão apegadas às suas benditas idéias!*<sup>16</sup>

Desse modo,

[...] a formação do cartógrafo não se fundamenta na experiência passada, mas encontra sua chave na experiência presente. Trata-se mais de um refinamento da percepção do que um apelo ao saber acumulado ou à memória. É, acima de tudo, uma questão de aprendizado da sensibilidade ao campo de forças. Trata-se enfim, de um cultivo da atenção concentrada e aberta à experiência de problematização<sup>17</sup>.

Conhecer é fazer uma questão com o corpo<sup>18</sup>. Cruzar os braços, coçar a cabeça e ser inundado por perguntas e respostas que não se mobilizam para sair – como se já não estivessem em um dentro-fora –, indica, assim, uma enação<sup>19</sup> e não uma aprendizagem verde; uma relação mobilizadora entre o (meu) corpo e o que leio e ouço, trata-se de afetos<sup>20</sup>, ali onde o corpo é travessia, encontro, ali onde se desfaz o eu, o meu.

---

<sup>14</sup> Passos, Kastrup e Escóssia (2015).

<sup>15</sup> Larrosa (2014).

<sup>16</sup> Druon (1976).

<sup>17</sup> Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 201).

<sup>18</sup> Pozzana (2013).

<sup>19</sup> Passos e Kastrup (2013). O conceito é desenvolvido por Varela (2003) e opõe-se ao entendimento de percepção como um sistema de registro e processamento de informações, como reconstitutivo de um mundo preestabelecido, afirmando, em contrapartida o “direcionamento perceptivo da ação em um mundo que é inseparável de nossas capacidades sensorio-motoras. As estruturas cognitivas emergem de padrões recorrentes de ação direcionada perceptivamente. Posso resumir, então, afirmando que a cognição consiste não de representações, mas de **ação corporificada**. De maneira correspondente, o mundo que conhecemos não é preestabelecido; é, ao contrário, **enactado** [acionado] através de nosso histórico de acoplamento estrutural” (p. 86).

<sup>20</sup> Rolnik (2019, p. 53-54) argumenta que afeto não é uma emoção psicológica. Semelhante à percepção, o afeto aqui “compõe uma experiência de apreciação do entorno mais sutil, que funciona sob um modo extracognitivo, o qual poderíamos chamar de intuição: saber-do-corpo; saber-do-vivo; saber-etológico. Um saber intensivo, distinto dos conhecimentos sensível e racional próprios do sujeito”.

### 3. *É preciso vigiar de perto esse menino; ele pensa demais*<sup>21</sup>



Eu, esse jovem à direita, em meados de abril de 2017, enquanto realizava estágio supervisionado no Consultório na Rua. Na foto, eu e a psicóloga do serviço, estamos conversando e ouvindo um usuário em uma praça da cidade onde mora. Nesse dia, conversamos sobre sua vida, alimentação, ferimentos e foram feitos os curativos pela auxiliar de enfermagem. Conversamos também sobre o seu uso de álcool. Ele nos contara que havia recebido uma proposta para ser internado por um período em uma comunidade terapêutica. O ouvimos, tentamos dialogar com as pessoas que estavam intermediando essa internação; fizemos redução de danos.

Cheguei ao Consultório na Rua como estagiário pela faculdade em que estudei. A escolha dos estágios se deu em uma sala com todos os meus colegas, onde o professor dizia os nomes dos campos disponíveis nas diversas áreas (saúde, educação, assistência social) e procurávamos conversar e entrar em um consenso quanto ao campo. Quando ouvi “Consultório na Rua” meus olhos saltaram, lembro de ter ficado *afobado*<sup>22</sup> e feliz ao mesmo tempo, no entanto pensava se não era o momento de experienciar outro campo, haja vista que tinha feito estágio no Projeto Redução de Danos nos semestres anteriores. Todavia, antes que eu pudesse titubear, a fala do professor irrompe: *Robert, esse campo combina com você*. Eu sorri e confirmei – com uma pulga atrás da orelha: combina comigo? Por que ele acha que combina comigo?

Sem que tivesse parado para perceber, o verbo combinar pegou *delírio* em mim. Primeiro, fez *nascimento* quando pude estagiar com o Projeto Redução de Danos. Depois, nem lá, nem cá, lá e cá, *pegou delírio*, como diz Manoel de Barros. Delirando, desvirando, verdeando,

<sup>21</sup> Sr.º Trovão à Tistu, em Druon (1976, p. 47).

<sup>22</sup> Nervoso, apressado.

viadando, devir-voando. Aqui, inscrevem-se narrativas científicas, literárias e corpóreas *escrevíveis*<sup>23</sup> que dão passagem ao delírio, afinal *a literatura é delírio*<sup>24</sup>.

- *E o senhor, não vai falar nada não?*, me perguntou descontraidamente o jovem que acolhíamos no Consultório na Rua.

- *Ela é minha enfermeira! Queria que ela tivesse falado mal que ela ia ouvir*, disse outra protegendo a enfermeira da equipe.

- *Pedaço de bolo? Pedaço de bolo eu tenho na bolsa, e meus amigos?*, falou Carlos à equipe após contarmos que compraríamos um pedaço de bolo para comemorar seu aniversário na rua. Quando chegamos com o bolo ele contou aos amigos: *eu não disse que eles viriam?* Nesse dia recebi o segundo pedaço de bolo e ouvi: *obrigado... vocês estão aqui pra cuidar da gente*.

- *Cadê o carro? Queria ir para rua, gosto de ir pra rua!*, perguntou auxiliar de enfermagem da equipe.

- *Vocês são anjos*, disse uma moradora que recebera cuidado na rua.

- *Sabe o que aprendi com vocês? A dar atenção a todos*, disse outro. Naquele momento eu não disse para ele, mas poderia facilmente acrescentar: *Eu também*.

- *Eu sou apaixonada pelo Consultório e pelo PRD*<sup>25</sup>, *são meus amores*, assinalou uma funcionária da Secretaria de Saúde.

- *Tem que limpar tudo da cidade, a polícia tem que prender [...]* Quando eu for o prefeito dessa cidade vou resolver, resmungou o cidadão que passara pela equipe enquanto conversávamos com um grupo de usuários.

- *Amor da minha vida, meu anjo*, exclamou alegremente Fabiano (*in memoriam*) ao ver a psicóloga.

- *Para trabalhar com morador de rua tem que ter coragem, missão, vocação*, contou dona de um bar que nos auxiliara.

- *É lindo isso que vocês fazem, Deus é bom*, afirmou a colega de uma das pessoas em situação de rua.

- *Temos que ir mais para rua*, contou médico da equipe.

- *O consultório na rua tem a cara delas, elas gostam dos usuários e os usuários delas*, comentou profissional da unidade de saúde.

- *Você não vai entrar, Robert?*, perguntou Rosa, usuária do serviço, querendo saber se eu entraria na sala do consultório enquanto ela era atendida. A pergunto: *você*

---

<sup>23</sup> Referência a Silva (2010).

<sup>24</sup> Deleuze (1997, p.15).

<sup>25</sup> Programa Redução de Danos ou Projeto Redução de Danos é o primeiro serviço responsável pela promoção de educação em saúde por meio das estratégias de redução de danos. Em Aracaju, o serviço é vinculado à Secretaria Municipal de Saúde. Diferentemente do Consultório na Rua, é formado unicamente por redutores de danos, que são profissionais de saúde/assistência ou pessoas que possuem alguma proximidade-desejo com o público atendido (usuárias/os de drogas e profissionais do sexo). Vale ressaltar que as(os) profissionais de saúde ou assistência não exercem suas funções enquanto tais, mas como redutores de danos. Assim, para elas(eles), a profissão (psicólogo/o, assistente social etc.) funciona como um “currículo oculto”.

*quer que eu entre? E ela retrucou tanto faz. Sorri e entrei. Foi também Rosa, em outro momento em que a encontrei pelas ruas, que disse enquanto conversávamos (eu, em pé, e ela, sentada “mangueando”<sup>26</sup> alguns “trocados”): Robert, se abaixe!*

Diante disso, cabe perguntar: como não pegar delírio? Como não cartografar? A organização histórica da Redução de Danos no Brasil permite identificar que, por um lado, ela é operacionalizada e localizada em estabelecimentos de saúde e assistência social, pois funcionava<sup>27</sup> legalmente como diretriz no cuidado para pessoas com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Por outro, compreende-se que o seu funcionamento não se circunscreve de maneira imobilizada, mas em territórios vivos que reúnem e produzem diversas narrativas e modos de subjetivação, constituindo-se, assim, no entre (o serviço e a rua, o profissional e o usuário, o usuário e a rua, o estagiário-pesquisador e o serviço-rua, o serviço e a sociedade).

Cartografar é priorizar a experiência [o entre], o saber oriundo e produzido na experiência, acompanhando os afetos que são produzidos nos sujeitos, pesquisadores e “pesquisados”, desfazendo a trincheira a que estão sujeitos como sujeitos; tateando efeitos e no conhecimento de acordo com o processo de investigação<sup>28</sup>. Nesse sentido, não há neutralidade. *Não vai falar nada? Não vai entrar? Se abaixe!*

- *Você é gay? Você ficaria comigo?* perguntou profissional do sexo e travesti durante realização de estágio com o Projeto Redução de Danos em Aracaju/SE, em meados de 2016.

O pesquisador-cartógrafo não vai ao campo para coletar os dados de pesquisa, como algo que já está lá, pronto e à espera de alguém que os colha e os analise. (...) não se trata de ir ao campo para coletar os dados de pesquisa, mas de imergir no campo, interagir com ele, deixando-se envolver reflexivamente, sempre atento aos movimentos e intensidades, à espreita ao que vai sendo produzido como material de pesquisa. Mais do que focalizar e selecionar informações, a atenção deve se concentrar e se voltar para os processos em curso, buscando detectar signos e forças circulantes, mesmo que, aparentemente, desconexos e fragmentados<sup>29</sup>.

A Redução de Danos, enquanto uma estratégia clínico-política, é executada a partir de ações construídas ao longo do percurso de cuidado<sup>30</sup>. Ainda que existam diferentes procedi-

---

<sup>26</sup> Termo usado por ela para se referir ao gesto de pedir dinheiro para se alimentar, segundo explicação da mesma. Valho-me, outrossim, de Gama Júnior (2019), colega de linha, onde desenvolve o manguio como “forma distinta de se relacionar com a alteridade que possibilita, por meio de sua história de vida e criatividade, ao morador de rua aquisições que não conseguiria de uma outra forma” (p. 28), como um gesto criativo e astuto.

<sup>27</sup> Em abril de 2019, o governo federal instituiu uma “nova” política sobre drogas que extingue a Redução de Danos como diretriz ético-política no cuidado em saúde para as pessoas que fazem uso de drogas.

<sup>28</sup> Passos e Barros (2015).

<sup>29</sup> Souza e Francisco (2016, p. 818).

<sup>30</sup> Souza (2007).

mentos metodológicos para reduzir danos (beba água, não compartilhe seringas, tenha sua pitteira, use camisinha, faça isto ou aquilo), tais orientações não são – ao menos, deveriam não ser – prescritas ou pré-determinadas, mas se organizam nas relações e no contato. A radicalidade de sua potência se dá mais pela ampliação da vida do que pela diminuição do risco<sup>31</sup>.

*- Tem camisinha feminina? [...] é só tirar a argola [...] e eu vou ao céu! [...] se ele mexesse com vocês eu ia enfiar o canivete nele. Logo com vocês que trazem o que me leva ao céu?*

Nessa ocasião, outra profissional do sexo e travesti refere-se alegremente à camisinha entregue pelo Projeto Redução de Danos como o que poderia levá-la *ao céu* (em referência ao orgasmo), e por isso aguardava tanto. A distribuição desse insumo (camisinha), por exemplo, não se dá apenas para atenuar riscos, legitima-se com isso a expressão de uma sexualidade, dá-lhe opções de cuidado, lhe amplia a vida e a leva ao céu, seja lá onde/qual seja ele. Assim, a camisinha é e não é apenas uma camisinha. Esse é o barato<sup>32</sup>?

Nesse sentido, a Redução de Danos desenvolve-se como um método para incluir as minorias<sup>33</sup> – lembrando que precisamos passarinho as palavras inclusão e minoria –, deslocando-se do foco inicial em prevenção. Com isso, oportuniza-se a abertura de espaços de gestão pelas pessoas envolvidas com as estratégias de redução de danos, entre elas, travestis, usuárias(os) de drogas, profissionais de saúde, redutoras(es) de danos e outras(os), contribuindo então para que usuárias(os) de drogas não sejam identificadas(os) ao estigma de doente ou criminosa(o)<sup>34</sup>.

*De Wagner, para o mundo:*

*No mundo que nós vivemos hoje não tá nada fácil de sobreviver, pois vivemos o nosso cotidiano sem o “próximo”. Sei que ninguém tem nada a ver com problemas ou dificuldades de ninguém. Falo eu por mim, tudo que já passei e estou passando, mas como nós que vivemos situações miseráveis, como nós mesmos podemos nos ajudar? Se o governo e os políticos e as autoridades competentes é quem proporciona tudo isso para os mais fracos? Quando tudo isso vai acabar? Sem soluções só acaba em sofrimento enquanto os mais fortes se vangloriam dos mais fracos.*

---

<sup>31</sup> Lancetti (2011).

<sup>32</sup> Gíria para designar o efeito de uma droga.

<sup>33</sup> Souza (2007, p. 43) utiliza o conceito minoria para se referir aos “grupos que se viam à margem dos serviços de saúde”, à *margem* das políticas de Estado, argumentando, pois, que a redução de danos possibilitou tanto a mobilização social dos mesmos a partir dos movimentos sociais, quanto a inserção (*inclusão*) destes grupos nos serviços públicos de saúde. Deleuze (1992), propõe uma ampliação na concepção de minoria ao pensá-la como um devir, um processo. Assim, minoria não seria “oposto” à maioria, pois explode o controle e formatação a um modelo. Em uma democracia do devir (minoritário) “não há nem integração, nem exclusão, todo mundo se torna [...] potencialmente minoritário, na medida em que não há mais modelo algum”, há multiplicidade (LAZZARATO, 2004, p. 150).

<sup>34</sup> Souza (2007).

*Está faltando paz, união e interesse tanto de um lado como de outro. E com tudo isso nós mais fracos não somos dignos de nada.*<sup>35</sup>

Ao se construir como um estado de relação e não apenas como uma técnica (informação verbal)<sup>36</sup>, a Redução de Danos amplia vidas nos processos, nos territórios em que tece cuidado por muitas mãos. Semelhantemente, a cartografia também intenta o acompanhamento de processos, de efeitos-subjetividade, de derivas subjetivas. Metodologicamente ocorre uma inversão, ou seja, a escolha pelo método cartográfico não conduz a metas e resultados estabelecidos anteriormente, ou ainda à representação de um objeto, mas, ao próprio caminho de investigação<sup>37</sup>.

*Difícil fotografar o silêncio.  
Entretanto tentei. Eu conto:  
Madrugada a minha aldeia estava morta.  
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.  
Eu estava saindo de uma festa.  
Eram quase quatro da manhã.  
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.  
Preparei minha máquina.  
O silêncio era um carregador?  
Estava carregando o bêbado.  
Fotografei esse carregador.  
Tive outras visões naquela madrugada.  
Preparei minha máquina de novo.  
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.  
Fotografei o perfume.  
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na  
pedra.  
Fotografei a existência dela.  
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.  
Fotografei o perdão.  
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.  
Fotografei o sobre.  
Foi difícil fotografar o sobre.  
Por fim eu enxerguei a 'Nuvem de calça'.  
Representou para mim que ela andava na aldeia de  
braços com Maiakowski – seu criador.  
Fotografei a 'Nuvem de calça' e o poeta.  
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa  
mais justa para cobrir a sua noiva.*

---

<sup>35</sup> Fala de Wagner durante intervenção poética-urbana que realizei com as pessoas atendidas pelo Consultório na Rua. Negro, adulto, respondeu judicialmente por *cinco processos criminais de um mesmo artigo: homicídio*, sendo três atos e duas tentativas. Tem um relacionamento difícil com a família, o que tem reforçado seus pensamentos homicidas e suicidas. Se sente bem ao ir para o serviço de saúde, pois sente que temos um olhar diferente para ele. Tem buscado tirar seus documentos para tentar conseguir um emprego. Sonha em ter sua casa própria, sua esposa e filhos, ter um emprego e aprender um esporte.

<sup>36</sup> “Redução de Danos é o que se situa no cruzamento de olhares, é uma circunstância em que humanos se reconhecem em seus olhares, é um estado de relação e não uma prática” (Antônio Nery Filho, psiquiatra responsável pela pesquisa e promoção de Redução de Danos na Bahia, durante 2º Encontro Aracajuano sobre Drogas, em 2016).

<sup>37</sup> Barros e Kastrup (2015); Passos e Kastrup (2013).

Ocorre mencionar que ao operar metodologicamente de modo semelhante ao fotógrafo Manoel – processual, insistente, sensível, atento, situado, aberto, exposto e in-comum –, a cartografia e a redução de danos nos convidam à adoção “de uma certa maneira de estar no mundo, de habitar o território existencial e de se colocar na relação de conhecimento” e de cuidado<sup>39</sup>, produzindo, assim, uma política cognitiva e uma política relacional.

Fotografar o silêncio é difícil, fotografar o meu medo e insegurança também<sup>40</sup>. Fotografar as formigas que ocupam o ferimento do senhor em situação de rua é difícil, fotografarmos sua idade e suas roupas molhadas em um canto na rua também. Fotografar o susto de ser abordado em um suposto assalto. A reação das meninas que prontamente dizem como nos defenderiam e o motivo pelo qual fariam. Fotografar os peitos e bundas à mostra. A pele amarelada. Os dentes cariados e a falta de dentista no posto de saúde. Os *cinco homicídios*. A fissura. A contrafissura<sup>41</sup>. O sol ardendo no lombo<sup>42</sup>. O *aqui não atendemos morador de rua*. A *área dele não é aqui!*<sup>43</sup> As sopas do mal<sup>44</sup>. Os celulares e relógios escondidos no bolso por precaução. O convite para tomar café-da-manhã na *Casa-que-Brilha*<sup>45</sup>. O trabalho em rede. O vínculo. A despedida. O reencontro. A oportunidade de trabalho recebida. A falta dela. A voz e violão diários daquele que se sabe pouco sobre sua história. O abraço. A recusa dele.

---

<sup>38</sup> Barros (2000).

<sup>39</sup> Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 202).

<sup>40</sup> Música “Queima a minha pele”, de Baco Exu do Blues (2018).

<sup>41</sup> Conceito de Antonio Lancetti (2015) para designar o sintoma social ou “afã por resolver imediatamente e de modo simplificado problemas de tamanha complexidade” (p.30), como é o caso do abuso de drogas. Sintoma esse que, segundo ele, opera na mídia, na política, na clínica e na subjetividade contemporânea.

<sup>42</sup> Expressão utilizada para referir-se às costas.

<sup>43</sup> Fala de médica da unidade de saúde em que levamos morador de rua que necessitava de atendimento. Ele preferia ir na farmácia para comprar pomada vaginal, pois já sabia que funcionava.

<sup>44</sup> “Existem sopas para o bem e para o mal”, fala de Antonio Nery Filho no 1º Seminário Redes Aracaju, em 2016.

<sup>45</sup> Referência à casa de Tistu, o menino do dedo verde. Embora nessa casa não haja riqueza como a de Tistu, há poesia.



Colagem grupal com os trabalhadores do Consultório na Rua. Acervo pessoal, 2017.

Com que cara fotografar? Qual pode ser a cara de uma psicologia que se faz encontro na rua, com a rua? O que fazer? O que falar? Há algo que pode ser feito? Qual teoria utilizar? Faz-se clínica? O que é clínica? Como produzir saúde mental sem moradia, água e alimentação de qualidade? Como produzir saúde entre a busca incansável de crack entre as pedras? Como reduzir danos? Como escutar que estar na rua é uma escolha? Como escutar? O que pode uma clínica de/na rua? Se pode falar em práticas ‘psi’ que germinam do encontro com a rua? Nesse encontro, o que sobraria de psi nessas práticas?

Então, com que cara vamos seguir adiante? Qual é a cara viva, estremecida, com a qual possamos afirmar a vida? Com que cara encarar o que nos acontece? Qual é a voz viva, trêmula, balbuciente que corresponde a essa cara, qual a língua que lhe convém?<sup>46</sup>

*Não vai falar nada? Não vai entrar? Se abaixe, escuto.* Expressões como essas, convocam questionamentos acerca da (minha) formação de psicólogo; da formação em psicologia, como um saber especializado; mas convocam também questionamentos acerca de uma formação entendida como educação pedagogizada, com conteúdos prescritos, estruturando o campo de ação das pessoas, constituindo posição de sujeitos, modos de ser psicólogo, modos de (nos) conduzir como profissionais psi. A potência dessas questões-pedidos está em serem ordinárias, triviais, em fazerem parte do comum, do cotidiano, quando fazer parte do cotidiano parece ser o incomum na psicologia. Ao ser convidado a falar, entrar e se abaixar, faz-se um convite também à ciência, nesse caso, à psicologia a adotar uma (outra) práxis, a se abaixar, sair de seu

<sup>46</sup> Larrosa (2014, p. 78).

pedestal, dos *settings* fechados da academia e dos consultórios e arriscar uma outra cara, imiscuindo-se na vida, na rua. Neste sentido, o convite é clínico, ético, estético, é político.

Em 2017, ao relatar a experiência de estágio com o Projeto Redução de Danos, escrevi que:

Nos poucos momentos da graduação onde as vulnerabilidades da população em situação de rua foram sinalizadas e, questionadas às alternativas de atuação da psicologia com esse público, respondi que não teria *outra atitude* a não ser *chorar*, pois em meio a tantas *necessidades* e *ausências* [de saúde, educação, lazer, moradia, água potável, alimentação de qualidade, cidadania, roupas limpas e relações familiares minimamente estruturadas], oferecer os serviços da *ciência* em questão seria *inviável* e *questionável*, pois *como construiria recursos para uma saúde mental sem levar em conta os outros aspectos constitutivos do sujeito? Como sustentaria uma saúde mental sem uma saúde física, social, econômica ou até espiritual?* Foram esses os questionamentos que me fiz, possivelmente em meio a uma *imaturidade acadêmico-prática* (grifos meus).

Na oportunidade, embora estivesse contextualizando as percepções iniciais que tive com a população em situação de rua antes mesmo de estar na condição de estagiário, reduzi os questionamentos a uma possível imaturidade acadêmico-prática, repito, i-maturidade (*you are still green!*). À época, as noções de cidadania, sujeito biopsicossocial e assertivas gestálticas e fenomenológicas puderam indicar uma práxis, para além do ato de chorar.

Ao pagar o preço do combustível, de ser sensível e suscetível<sup>47</sup>, imaginei que i-maturidade e choro tivessem a mesma raiz, como se a emoção fosse impedir ou manchar a ação<sup>48</sup>. “Se há tantas ausências, não faz sentido ser psicólogo com as pessoas em situação de rua, me resta chorar pelas ausências. Não sei o que fazer”, imagino que pensei isso ao responder à pergunta feita pela professora de Saúde Mental. Não é que agora faça sentido, ou seja, que tenha me dado por convencido ou maduro quanto às possibilidades de práticas psi com a rua, ou que não mais choraria. Há psicologia que *aclara* demais os sentidos, impõe-lhes *reis*, *regências*, *édipos*, *casas*, *propósitos*, *modos de dizer* e não *vareios do dizer*<sup>49</sup>. *Apaga a memória, nega o passado, reifica o presente, sequestra o futuro*<sup>50</sup>, a estas: *minha verde renúncia*, *meu choro verde*. De certo, compreendo, pois, que emoção é “um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos”<sup>51</sup>. Neste sentido, esta emoção (e as outras que

<sup>47</sup> Música “Cansado”, de Sant’Anna (2011).

<sup>48</sup> Didi-Huberman (2016), ao retomar a concepção dos filósofos clássicos sobre emoção, como Kant e Platão, discorre sobre a ideia da emoção como impasse – da linguagem, do pensamento, da ação.

<sup>49</sup> As palavras em itálico são referências ao poema VI e VII do “Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada” em Barros (2010).

<sup>50</sup> Silva (2010, p.8).

<sup>51</sup> Didi-Huberman (2016, p. 26).

se sucedem) me impeliram a pôr os dedos verdes por entre as coisas, a escrever, fazendo vibrar em mim uma *necessidade de expressão para isso que não sei nomear*<sup>52</sup>.

O que vou dizer é desconhecido até mesmo para mim. O que é possível falar no encontro com a barbárie?<sup>53</sup>

Inusitado dar-me conta que perguntas como estas “*como construiria recursos para uma saúde mental sem levar em conta os outros aspectos constitutivos do sujeito? Como sustentaria uma saúde mental sem uma saúde física, social, econômica ou até espiritual?*”, verdes como o choro, encontraram, à época, respostas aclaradas, sérias e psicológicas. Inusitado, pois, que não são perguntas novas: a constatação de que a vida depende de condições de vida que a sustentem<sup>54</sup> não é recente. Inusitado, talvez, seja que as respostas aclaradas e psicológicas tenham aclarado também o compromisso positivo com a minimização da precariedade<sup>55</sup>. Inusitado que sejam perguntas imaturas. Não, inusitado fazê-las verdes.

Quanto à cidadania, cabe, assinalar que “elas [as populações] recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas. Estar protegido da violência do Estado-Nação é estar exposto à violência exercida pelo Estado-Nação” (p.47). Parafraseando pergunta de Emicida em uma de suas entrevistas (informação verbal): a gente quer emancipar a todas(os) ou fazê-las(os) uma engrenagem mais madura para alguma coisa? A posteriori, estes ditos continuarão a fazer laço nestes escritos.

Volto assim a brincar com a i-maturidade, talvez porque como Tistu, eu não seja como todo mundo, nem sirva para escola, nem para fábrica de interiores<sup>56</sup>, nem para o empreendedorismo acadêmico. Interessa, pois, cartografar um processo formativo no entremeio redução de danos e psicologia.

*Vamos experimentar com ele um novo sistema de educação, já que não é como todo mundo! Ele aprenderá as coisas que deve saber, olhando-as com os próprios olhos. Ensinar-lhe-ão, no local, a conhecer as pedras, o jardim, os campos; explicar-lhe-ão como funciona a cidade, a fábrica, e tudo que puder ajudá-lo a tornar-se gente grande. A vida, afinal, é a melhor escola que existe. Vamos ver o resultado!*<sup>57</sup>

Ao retomar a escrita realizada para finalização do estágio, *uma ideiazinha começou a fazer-me cócegas bem no fundo da cabeça*<sup>58</sup>, dou-me conta que com o Projeto Redução de

---

<sup>52</sup> Veigas (2015, p.10).

<sup>53</sup> Venas e Ribes (2019).

<sup>54</sup> Butler (2015, grifo meu).

<sup>55</sup> Ibid.

<sup>56</sup> Referência a conceito proposto em Baptista (2000) e que será desenvolvido ao longo do texto.

<sup>57</sup> Druon (1976, p. 31-32).

<sup>58</sup> Druon (1976, p. 52).

Danos, sou mobilizado pelos afetos que o vínculo e o respeito com as diferentes pessoas e a diferença me provocavam, afinal, era um convite-oportunidade para que eu pudesse me relacionar comigo e com o outro de maneira mais vitalizada (não só, mais viada, desvirada e verde também). Apesar de redefinir as possibilidades de atuação do psicólogo, tanto pelo fazimento de uma clínica peripatética<sup>59</sup> quanto pela abertura de campo de trabalho nas políticas públicas de saúde, interessava-me mais o meu processo formativo a partir dos afetos que as cenas de estágio me provocavam, e penso que isto se deve por duas (des)razões.

A primeira tem que ver com o corpo: única razão possível<sup>60</sup>. Um corpo branco, jovem, interiorano (do interior sergipano e de mim mesmo), desviado e desmembrado de uma igreja tradicional evangélica e também *viado*. Não bebia nem fumava, mas inculcava com a diferença – outrora para corrigi-la, e agora? –. Como ser redutor de danos sem usar ou ter usado drogas? Pergunta essa corriqueira entre as formações de redutores. Lembro-me de um representante dos usuários de drogas questionar a redutora de danos se ela fazia uso de alguma droga para trabalhar neste lugar. Eu fazia? Faço? Como então ser redutor de danos sem ter se exposto a danos, a danos decorrentes do uso de drogas (ilícitas)? Ledo engano, a moral causa danos! A correção ou salvação de almas também. O ‘bom’ também é *narcótico, perigoso, sedutor, venenoso*<sup>61</sup>. Assim sendo, a redução de danos contribuiu para reduzir os danos da moral – não que ela não possa contribuir para uma outra moral, provocação essa que discutiremos em outro momento.

Caso seja possível citar ainda uma segunda (des)razão, acrescento que, o Projeto Redução de Danos tem uma particularidade: uma ocupação com atribuições próprias, não necessariamente registrada na Classificação Brasileira de Ocupações, mas é como se assim o fosse em alguma medida. O redutor de danos pode ter uma formação em psicologia, serviço social, enfermagem, psicanálise, ou mesmo não ter ensino superior, mas esses currículos são nomeados como *ocultos*. E embora os estudiosos do currículo possam questionar este termo, aqui ele parece funcionar bem, pois coloca o ensino superior, a tal formação pedagogizada sob rasura. Afinal, o que se precisa mesmo para “ser” redutor de danos? Talvez essa não seja a melhor pergunta porque ensaja a prescrição de outras maneiras de ser, de outra especialidade e o que queremos aqui é olhar para a redução de danos como um território transdisciplinar, ou mesmo trans-indisciplinado; um território de formação afeito a mestiçagens, uma habitação comum por

---

<sup>59</sup> Lancetti (2011).

<sup>60</sup> Nietzsche (1883/2011).

<sup>61</sup> (Nietzsche, 1877/1998).

um excesso de diferenças e acesso a diferenças; formação em redução de danos como possibilidade de pensar “a diferença no currículo”<sup>62</sup>.

Como as profissões ou formações outras que as(os) trabalhadoras(es) possuíam(em) são transportadas, de algum modo, para este lugar denominado como *currículo oculto*, desobriguei-me de questionar ou refletir demoradamente sobre a práxis das psicólogas que trabalhavam no serviço, porque, de algum modo, todas(os) eram redutoras(es) de danos e tinham as mesmas responsabilidades, ao menos no Projeto Redução de Danos.

O redutor de danos é, assim, o responsável por ‘abrir campo’, fazer contato com as pessoas da rede de interação social [...], apresentar a proposta de trabalho para a população-alvo e, a partir desse acesso, fazer a identificação dos usuários [...], buscar sua aceitação e executar as atividades programadas<sup>63</sup>.

Mesmo com ressalvas à definição simplista, observa-se nela atribuições justas<sup>64</sup>: abrir campo, apresentar a proposta, realizar identificação, buscar aceitação e executar atividades. A especificidade do trabalho da(o) redutora de danos, quando na atuação nos Projetos de Redução de Danos, caracteriza-se por abarcar estas atribuições, aparentemente bem definidas e justas, mas, tais atribuições não são justas, elas compõem o trabalho, mas não dão conta de descrever o imprevisto, plasticidade psíquica<sup>65</sup> e atletismo afetivo<sup>66</sup> que o mesmo convoca. Neste sentido, qual o trabalho do redutor de danos?

É importante destacar ainda que, em 2003, quando a redução de danos se torna método da Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas, são estabelecidas quatro principais instituições de promoção à redução de danos, são elas: os Programas Municipais de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids por meio dos Projetos de Redução de Danos, as Organizações Não-Governamentais de Redutores de Danos, os Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas, e os Centros de Referência Nacional de Álcool e outras Drogas<sup>67</sup>. Ou seja, ao menos em termos contratuais ou trabalhistas, existem profissionais que são redutores de danos e profissionais que ocupam a função de psicólogas(os), assistentes sociais, enfermeiras(os) e afins. Desse modo, quem é a(o) redutora de danos? A(o)

---

<sup>62</sup> No sentido descrito por Paraíso (2010).

<sup>63</sup> Brasil (2001, p. 67, grifo meu).

<sup>64</sup> “Não ideias justas, justo ideias” (DELEUZE, 1992, p. 53).

<sup>65</sup> Lancetti (2015) afirma que plasticidade psíquica diz respeito às transformações subjetivas que ocorrem nos cuidadores; o contrário de rigidez.

<sup>66</sup> Conceito que Lancetti (2015) toma emprestado de Artaud para referir-se ao corpo da(o) redutora de danos, que “busca carinhosamente o corpo de seu interlocutor, se aproxima, escuta, olha, toca. (...) não dá sermões, olha o corpo, escuta suas expressões, se interessa pela biografia” (p. 63).

<sup>67</sup> Souza (2007).

profissional contratada(o) como tal que trabalha nos Projetos de Redução de Danos? As(os) psicólogas(os) e outras(os) profissionais que trabalham ou pesquisam a temática? As(os) psicólogas(os) e outras(os) profissionais que trabalham norteadas(os) por este tal método? Quem é redutora? As(os) profissionais? As(os) profissionais especialistas? Quem é redutora?

Como este é um trabalho sobre processos formativos, ou melhor, um trabalho que intenta acompanhar processos formativos que se dão entre psicologia e redução de danos, pensando nos afetos que a experiência provoca na profissão e o que se passa no entremeio psicologia e redução de danos, perguntas como as feitas anteriormente podem não ser respondidas explicitamente, haja vista a problemática que se apresenta neste trabalho, mas nos possibilitam pensar que há um cenário que parece borrar as noções de núcleo e campo<sup>68</sup> entre os psicólogos que trabalham com redução de danos.

*Então o que é que a redução de danos tem pra me pra trazer pra psicologia? Porque se vocês perguntassem de fato, se isso fosse algo muito fechado eu não poderia tá aqui porque eu nunca trabalhei como psicóloga e redução de danos, **porque eu era redutora de danos e psicóloga, dois vínculos diferentes.***  
(D., grifos meus)

*(...) que tinha uma coisa misturada ali, que eu não sabia muito bem lidar com isso, as vezes eu queria separar 'eu sou psicólogo e redutor de danos', eu falei isso muito tempo na minha vida, sou psicólogo e redutor de danos, sou psicólogo e redutor de danos... hoje pra mim **faz muito mais sentido ficar nessa separação.***  
(J., grifos meus)

*O que porra tem a ver com a Psicologia isso que eu tô fazendo aqui?*  
(J.)

---

<sup>68</sup> Núcleo se refere a um conjunto de saberes e práticas que delimitam a identidade de uma área do conhecimento ou de uma profissão, e campo a um espaço de limites indefinidos onde há a confluência entre diferentes disciplinas e profissões (CAMPOS, 2000).

#### 4. No qual Tistu tem uma aula de psicologia, seguida de uma de fábrica que, em seguida, ganhou ares de empresa

*Desde que se entendia por gente Tistu ouvia repetirem:*

*- Tistu, meu filho, nosso negócio é excelente. Canhão não é como guarda-chuva, que ninguém quer comprar quando faz sol. Ou como chapéu de palha, que fica na vitrine quando chove. Canhão sempre se vende, seja qual for o tempo (...)*

*- Tome sua sopa, Tistu, porque você precisa crescer. Um dia você será o dono de Mirapólvora. Fabricar canhões é muito cansativo, e não há lugar para maricas em nossa família<sup>69</sup>*

Mirapólvora, cidade em que Tistu mora, tem esse nome em decorrência da fabricação de canhões. É um mercado promissor que movimenta toda a cidade. Em épocas de guerra o trabalho na fábrica multiplica, dobrando o número de funcionários. Muito embora as pessoas próximas a Tistu e ao dono da fábrica, seu pai, apoiem os Voulás no conflito que estava prestes a ocorrer, a fábrica produz canhões tanto para os Voulás quanto para os Vaitimboras, os inimigos. Como disse o Sr. Trovões à Tistu “É o comércio”<sup>70</sup>.

Ainda não estou convencido totalmente de quais maneiras a fábrica, os canhões e o comércio em Mirapólvora têm relação com a psicologia, redução de danos e formação. Mas, Tistu, ao receber seu duplo zero na aula sobre o conflito geográfico entre estes territórios, que, misteriosamente se localizam à direita e à esquerda de um deserto, recusa a lógica predominante na cidade e, de algum modo, recusa-se a *crescer*, a ser o sucessor de Mirapólvora, ao menos, desta Mirapólvora – a denúncia *você ainda está verde* não importa aqui, Tistu recusa a maturidade.

Estas recusas e a possibilidade de elas encaminhá-lo à condição do que a sua Dona Mamãe nomeou como “marica”, lembra-me do devir-criança, do devir-homossexual e do devir-minoritário<sup>71,72,73</sup>. Antes de demorar nesses conceitos, cabe, nesse momento, pontuar que os devires singularizam problemáticas que não são de um domínio pessoal, patológico ou simbólico, mas sim da produção de derivas nos modos de subjetivação que se conectam a outras problemáticas que estão no “próprio coração da produção da sociedade”, colocando em questão

---

<sup>69</sup> Druon (1976, p. 20, grifo meu).

<sup>70</sup> Druon (1976, p. 106).

<sup>71</sup> Guattari e Rolnik (2005).

<sup>72</sup> Vale lembrar que chorar, por exemplo, emoção descrita um pouco antes, é relacionada a uma infantilidade ou falta de hombridade.

<sup>73</sup> Deleuze (1992).

o que têm se produzido nas relações sociais, nas subjetividades<sup>74</sup>. E isto tem que ver com formação ou deformação.

Como é possível para uma pessoa *não formada* ou não suficientemente *deformada* que visa supostamente a diminuição do uso de drogas aceitar pessoas que chegam nas mais variadas condições, muitas vezes machucadas, ébrias, deprimidas, ou exaltadas pela diminuição do uso e condições existenciais téticas?<sup>75</sup>

Há poucos dias estive em uma formatura em psicologia de alguns amigos queridos que encontrei na instituição da qual *fui formado*. Atento às pessoas, às cores, às memórias, aos apitos ensurdecadores, à alegria estampada nos rostos das mães e pais, aos abraços, afetos, ao tempo e à imagem escolhida pela turma para “representá-la”.



Convite de formatura. Acervo pessoal, 2020.

Ao perceber que a imagem era *formada* por um cérebro e um coração em disputa ou complementariedade, indicando, ao que parece, a divisão costumeira entre razão e emoção; uma subjetividade (ou melhor, um indivíduo<sup>76</sup>) dividida, penso: isto é *formação*. A solenidade inicia. Chega o momento em que as oradoras proferiram o discurso. Inúmeros agradecimentos, relatos de situações embaraçosas e divertidas, de aprendizagem. Entre eles, destaca-se, para mim, a alegria e o tom de descoberta ao revelarem ao público que puderam aprender e identificar tanto em si mesmas quanto nos outros os transtornos mentais. Elas diziam, rindo: *todo mundo saiu com um CID*<sup>77</sup>. A professora que ensinara a disciplina sobre o CID estava à mesa como

<sup>74</sup> Guattari e Rolnik (2005, p. 86).

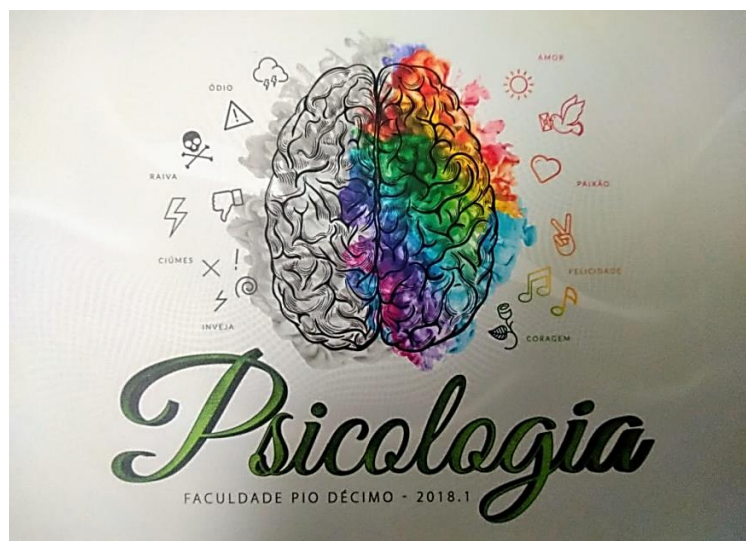
<sup>75</sup> Lancetti (2015, p. 55).

<sup>76</sup> Baptista (2000).

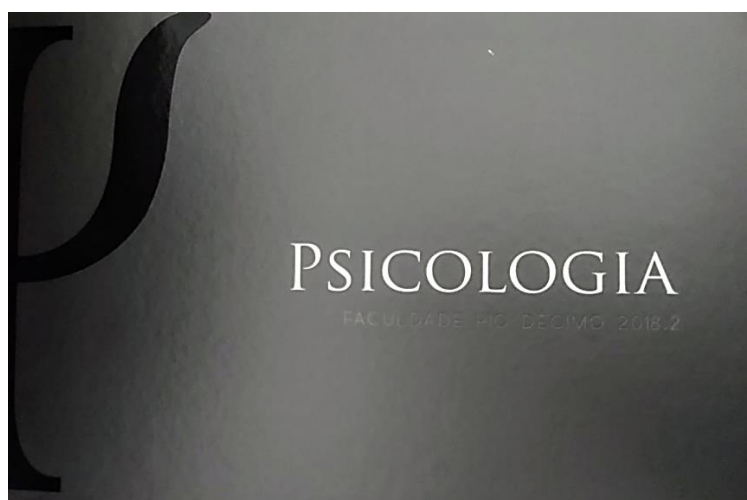
<sup>77</sup> Abreviatura para Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

homenageada e parecia desconfortável. As alunas pareciam *desejar* o diagnóstico<sup>78</sup>. “Que espécie de *vida* promove essa concepção de *desejo*?”<sup>79</sup>.

Curioso com as imagens e discursos na formatura resolvo procurar os convites de formaturas que guardo em casa, tanto da turma a qual formei, quanto de uma turma posterior a minha. A *formação* também estava lá.



Convite de formatura da minha turma. Acervo pessoal, 2018.



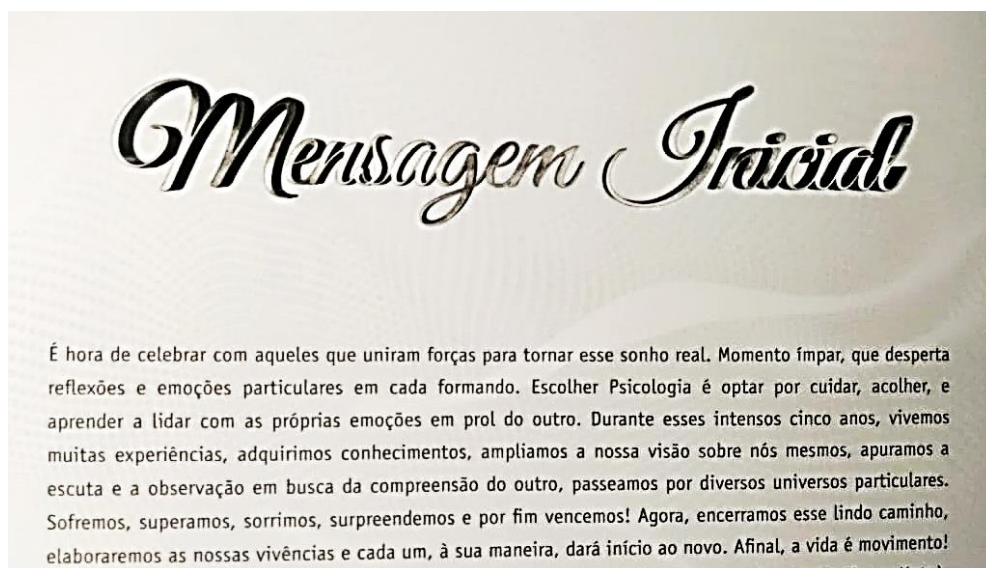
Convite de formatura de turma posterior. Acervo pessoal, 2018.

<sup>78</sup> Vale ressaltar que o discurso das oradoras também fazia menção ao compromisso da psicologia com os Direitos Humanos, mas, por hora, dedicarei minha atenção a este trecho do discurso.

<sup>79</sup> Rolnik (2007).

Com cores vibrantes ou neutras<sup>80</sup>, alegre ou *clean*<sup>81</sup>, com uma expressão do *indivíduo dividido* – isto é quase uma redundância – ou não (*talvez não*), com uma oposição e moralização entre as emoções ou não, a ciência-profissão da qual falamos tem imagens, cores, gestos, roupas, palavras, comportamentos, vozes, cheiros – ou ausência deles – e ruídos *psis*<sup>82</sup>.

Não apenas a imagem escolhida, o discurso das oradoras, mas também a mensagem no convite: em todos está a *formação*. E não há aqui a tentativa de categorizar ou analisá-las como recursos simbólicos que revelam a “verdade” de algo, e sim de visualizá-las como especificidades do dispositivo<sup>83</sup> *formação*, como produtos e produtoras de uma formação. Em ambas as mensagens prevalece uma ênfase no humanismo, evolução e auto-cuidado. Nos tornamos mais humanos. Nos *formamos* mais humanos, quase ilesos. Vencemos. Brilhamos<sup>84</sup>.



Mensagem inicial no convite da minha turma. Acervo pessoal, 2018.

<sup>80</sup> “É recomendável utilizar roupas com cores mais neutras e que não marque os decotes. Não esqueçam do jaleco. Quem não trouxer jaleco não pode atender, normas do Centro de Práticas” da faculdade em que me (de)formei, dizem as supervisoras de clínica, embora nem todas concordem piamente. Aliás, piamente não, porque não piavam – protestavam.

<sup>81</sup> Alusão a *design* minimalista.

<sup>82</sup> Baptista (2000).

<sup>83</sup> “Qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

<sup>84</sup> Baptista (2000, p. 80) discorre acerca dessa formação que faz brilhar; que prefere a lua ao sol. O sol faz suar, feder, expõe à vida, aos viventes, às coisas.

## MENSAGEM INICIAL

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” (Jung, C.)  
É com o coração repleto de amor e orgulho que concluímos mais uma etapa nas nossas vidas e arriscamos dizer ser uma das mais importantes e decisivas. Caminhamos com persistência durante esses cinco anos, que nos fizeram entender que a vida acadêmica não é fácil, que fazemos amigos sim, que alguns professores são mais que mestres, são amigos, e que vamos do choro a alegria em minutos a cada novidade, e tudo bem! Aprendemos que alguns colegas vão se desvincular durante a caminhada e isso não quer dizer que vão ser esquecidos, e que vamos ter medo do que vai acontecer no próximo passo, mas que a graduação em Psicologia ensinou muito mais que teorias, ensinou a todos nós a Resiliência, o respeito à diferença e a capacidade de empatia. Hoje nós somos graduados em Psicologia e isso nos faz muito mais que novos profissionais, faz de nós melhores pessoas para a vida. Estamos apenas começando!

Mensagem inicial no convite de turma posterior. Acervo pessoal, 2018.

Aos ilesos, vencedores:

*Tem que doer  
Pode até sangrar  
Tem que arder  
Pode aliviar  
Tem que arrepiar  
Tem que tirar os pés do chão  
Tem que acordar pra querer cantar o refrão  
Tem que deixar tonto  
Tem que bater saudade  
Mesmo sem estar pronto  
Tem que dar vontade  
Tem que confundir  
Mesmo sem explicar  
Tem que fazer sorrir  
Pode até fazer chorar  
Só não pode sair ileso daqui<sup>85</sup>*

E como se formam estes desejos – de diagnóstico, de mais humanidade, de cuidar, de auto-cuidado? De salvação, sã-nidade, proteção – de si mesmo e do outro –? De cuidar-controlar de quem faz uso de drogas? De impô-los a abstinência? De propô-los a redução de danos? De ter cheiro (inodoro), roupas, gestos, cores, vozes e ruídos *psis*? De se impregnar de cheiros, roupas, gestos, cores, vozes e ruídos outros?

---

<sup>85</sup> Música “Ileso” de Sant’Anna (2015)

A fábrica é uma pista. A psicologia é uma fábrica<sup>86</sup>. A empresa é uma pista. A psicologia é uma empresa. Conhecer sua história e seus vícios é uma pista. Como o desejo *de ser não deriva de um desejo ontológico e sim de uma certa história e suas invenções*<sup>87</sup>, importa que discutamos um pouco acerca das condições socioculturais para que se tornasse necessário surgir uma ciência psicológica ou mesmo o próprio fenômeno psicológico<sup>88</sup>.

**Tabela 1: Relação das disciplinas cursadas na graduação em Psicologia**

|                                                  |                                              |
|--------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| Processos Psicológicos Básicos I e II            | Psicologia da Saúde                          |
| História da Psicologia                           | Psicologia Institucional                     |
| Introdução à Filosofia                           | Psicologia Escolar-Educacional               |
| Antropologia                                     | Saúde Mental e aspectos psicopatológicos     |
| Neuroanatomofisiologia                           | Necessidades educativas especiais e inclusão |
| Leitura e Produção de Texto I                    | Psicologia Organizacional e do Trabalho      |
| Introdução à Estatística                         | Psicologia e Políticas Públicas              |
| Epistemologia e Matriz do Pensamento Psicológico | Ética Profissional em Psicologia             |
| Psicologia do Desenvolvimento I e II             | Psicofarmacologia                            |
| Sociologia                                       | Estágio Básico em Psicologia I e II          |
| Metodologia da Pesquisa Científica               | Aconselhamento Psicológico                   |
| Pensamento e Linguagem                           | Behaviorismo                                 |
| Psicologia Social I e II                         | Psicanálise                                  |
| Metodologia da Pesquisa em Psicologia            | Psicodiagnóstico                             |
| Análise Experimental do Comportamento            | Estágio Específico em Psicologia I, II e III |
| Psicologia da Personalidade                      | Ludoterapia                                  |
| Psicologia da Aprendizagem                       | Elaboração de documentos psicológicos        |
| Psicopatologia Geral I e II                      | Humanismo                                    |
| Intervenções de grupo e relações humanas         | Planejamento e Gerenciamento de Projeto      |
| Fundamentos teóricos de práticas breves          | Trabalho de Conclusão de Curso I e II        |
| Psicologia e realidade brasileira                | Sexualidade e Gênero                         |
| Psicologia Comunitária                           | Prevenção e Promoção de Saúde                |
| Técnicas de Exames Psicológicos I e II           | Psicologia Jurídica                          |

Apesar desta ter sido a (minha) grade curricular, ela apresenta uma tendência da formação em Psicologia: inúmeras disciplinas que objetivam preparar-nos para *apreender* o fenômeno psicológico – algo que parece difuso e múltiplo, mas passível de *controle*, afinal, tornar-nos-emos *preparados*<sup>89</sup> para tal feito e venceremos. A tônica parece muito semelhante aos princípios dos Alcoólicos Anônimos (não só deles): da admissão de uma falta à gratidão e compartilhamento da conquista; cada dia uma vitória. Entretanto, este é um currículo que carece de

<sup>86</sup> Baptista (2000).

<sup>87</sup> Silva (2001, p.144-145).

<sup>88</sup> Figueiredo e Santi (2008).

<sup>89</sup> “O aluno da Pio Décimo sai preparado para atuar onde quiser, com bagagem teórica e prática em diversas áreas, e **tendo o reconhecimento do mercado** como principal diferencial” (PIO DÉCIMO, [201?]). Disponível em <https://faculdade.piodecimo.com.br/curso/1116/45322/area-de-atuacao>. Vale dizer que preparado e maduro são sinônimos, correlatos. Acredito ainda que o reconhecimento no mercado também é o mais novo correlato de “preparado” para ser psicólogo, *expert*, empreendedor de si.

história, sobretudo de história em uma perspectiva genealógica, não da história que guarda sentido, direção e lógica, como se não houvesse “conhecido invasões, lutas, rapinas, disfarces, astúcias”<sup>90</sup>.

A história será “efetiva” na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar<sup>91</sup>.

Nesse sentido, embora a maioria das aulas pudesse nos (me) situar acerca de uma história, ela parecia sempre nos remeter a uma origem. Recordo que nas aulas de Epistemologia e Matriz do Pensamento Psicológico aprendi que poderíamos situar a psicologia de três formas: como saber, a partir dos pré-socráticos, socráticos e uma cambada<sup>92</sup> de filósofos, predominantemente homens; como ciência, em 1879, a partir do tão conhecido laboratório de Wundt; e enquanto profissão, quando, em 1962, a psicologia é regulamentada no Brasil. Obviamente, o objetivo da disciplina era nos situar sobre o modo como as teorias do conhecimento em nossa área foram gestadas ao longo do tempo, contudo, o que encontramos no começo histórico das coisas foi a origem e não a discórdia ou disparate<sup>93</sup>, salvo em raros momentos<sup>94</sup>.

O que conhecemos hoje como subjetividade privatizada, ou seja, a experiência de sentirmos coisas que nos dizem respeito única e exclusivamente, não é um acontecimento linear e “natural” que acompanha todas as sociedades humanas. Apesar de podermos facilmente nomear que possuímos emoções, desejos, expectativas ou liberdade para tomar decisões, esta experiência só se configura desta forma numa sociedade com características particulares<sup>95</sup>.

Não é da nossa “natureza” nos reconhecermos com estas capacidades, nem, provavelmente, com quaisquer outras, afinal de contas, “cada elemento tomado como fundamento absoluto ou causa primeira de tudo que existe foi também, por sua vez, criado num determinado momento com uma determinada finalidade”<sup>96</sup>. Dessa forma, a experiência de sentirmos que possuímos um “eu” é uma das condições socioculturais para que o fenômeno psicológico fosse

---

<sup>90</sup> Foucault (1979, p. 15).

<sup>91</sup> Foucault (1979, p. 27-28).

<sup>92</sup> Grupo ou turma.

<sup>93</sup> Foucault (1979, p. 18) propõe o inverso: “O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate”.

<sup>94</sup> Um salve especial para Psicologia Institucional. Lembro que a disciplina tinha me surpreendido tanto que utilizei o nome “institucional” em diversos itens pessoais por muito tempo, como se eu quisesse tatuar para lembrar.

<sup>95</sup> Figueiredo e Santi (2008).

<sup>96</sup> Figueiredo e Santi (2008, p. 39), ao escreverem sobre a genealogia para Nietzsche.

necessário e, com isso, uma ciência independente pudesse ser igualmente necessária para ocupar-se de estudá-lo, decifrá-lo, compreendê-lo<sup>97</sup>.

*O que pode um corpo sem juízo?*

*Quando saber que um corpo abjeto se torna um corpo objeto e vice-verso?*

*Não somos definidos pela natureza assim que nascemos, mas pela cultura que criamos e somos criados*<sup>98</sup>.

Além disso, a experiência de crise deste “eu” também configura uma condição para a construção deste projeto de subjetividade e de ciência. Ocorre que nas sociedades pré-capitalistas as pessoas tinham diferentes referências coletivas, seja em Deus ou nas comunidades a que pertenciam. Mesmo que, por exemplo, algumas delas pudessem ser escravizadas, não lhes era possível chegar à miséria, o que difere de uma sociedade capitalista, haja vista que a possibilidade de lutar por condições melhores e a de chegar à miséria são “igualmente”<sup>99</sup> possíveis. Com a perda destas referências, as pessoas precisam encontrá-las em si mesmas<sup>100</sup>.

Desenvolve-se, assim, uma valorização da individualidade, da intimidade e, por sua vez, da liberdade. O transcendente, dotado da capacidade de conferir “verdade” sobre o mundo, deixa de ser Deus e passa a ser o próprio homem, a forma-homem europeu, branco, da razão, da ciência, da cisheteronorma e, nas versões mais atuais, do empreendedorismo. Contudo, “a liberdade individual acabou não sendo vivida como tão boa assim (...) todos parecem se defender contra o desamparo, a solidão e a imensa carga de responsabilidade que implica ser livre, ser singular (...), ser diferente”<sup>101</sup>. “O que é que eu vou fazer com essa tal liberdade?”<sup>102</sup>, devem ter se perguntado.

Este contexto de desconforto com a liberdade favorece a instalação de um sistema de docilização dos indivíduos – modo-indivíduo, tipo de subjetividade<sup>103</sup> gestada nesse modelo de sociedade capitalista em suas modulações do capital e dos modos de subjetivação. Por meio das Disciplinas, ou Regime Disciplinar, são operacionalizados diferentes mecanismos de controle nas escolas, prisões, fábricas, meios de comunicação, órgãos administrativos do Estado e afins<sup>104</sup>. A presença sorrateira e sagaz das Disciplinas, ao mesmo tempo que produz indivíduos, em alguma medida, torna-se percebida pelos mesmos; surgem os conflitos e guerras que, por

---

<sup>97</sup> Figueiredo e Santi (2008).

<sup>98</sup> Música “Corpo sem Juízo” da Jup do Bairro (2019).

<sup>99</sup> Utilizo as aspas por entender que a experiência de desigualdade é preponderante e, mais do que isto, útil para o Estado-capital.

<sup>100</sup> Figueiredo e Santi (2008).

<sup>101</sup> Figueiredo e Santi (2008, p. 47).

<sup>102</sup> Música “Essa tal liberdade”, do Só pra contrariar (1994).

<sup>103</sup> Baptista (2000) utiliza mais o termo indivíduo.

<sup>104</sup> Figueiredo e Santi (2008).

sua vez, desarticulam tanto a crença na fraternidade quanto na importância de se valorizar os interesses particulares, levando-os então a desconfiarem da liberdade e da diferença veiculadas<sup>105</sup>.

No caso das(dos) trabalhadoras(es), a tentativa de reagir a isso através dos coletivos não foi recebida com passividade. Com isso, num cenário em que relações de poder sustentam-se em saberes científicos, o Estado e a administração pública desenvolvem práticas de previsão e controle para tornar os indivíduos suficientemente *preparados, treinados, selecionados e vencedores* para os diferentes trabalhos, ou melhor, para a *ordem social*<sup>106</sup>. É este um contexto fértil para a consolidação do projeto de uma ciência psicológica, encarregada, portanto, de sustentar uma liberdade dentro da ordem<sup>107</sup>, seja no século XIX ou XXI<sup>108</sup>.

- É o *comércio*, acrescentou o Sr. Trovões<sup>109</sup>.

Longe de propor uma revisão histórico-bibliográfica da história da psicologia, objetiva-se com esse panorama das condições socioculturais para a instauração de um projeto de subjetividade e de ciência, ambos privatizados, demarcar que as “técnicas e objetos *psi*, cristalizados em espaço privado, representam o destino de um pensamento e de uma época”<sup>110</sup>. Logo, quando o Sr. Trovões resume no *comércio* a explicação para a dupla negociação da fábrica de Mirapólvora com os Voulás e os Vaitimboras, revela que, semelhantemente à fábrica *psi*, possui “pressupostos éticos-políticos e não evidências compulsórias”<sup>111</sup>.

Com efeito, importa dizer que a psicologia funciona como um estabelecimento fabril, suas técnicas fabricam indivíduos. Distantes do dia-a-dia e da luta social, a psicologia produz discursos cheirosos, preparados e maduros, roupas nos conformes, gestos, cores que não são as de Frida Kahlo, vozes e ruídos que lhe são próprias<sup>112</sup>. Mas, ao se esbarrar com o dia-a-dia e a luta social, borra-se a disciplina psicologia e, com ela, as noções de núcleo e campo...

*Aí uma outra cena que me vem é... foi de uma festa no CAPS que eu trabalhava e lá tinha uma pegada muito do hip hop, né? E aí eles eram a galera do hip hop da ga-*

---

<sup>105</sup> Figueiredo e Santi (2008).

<sup>106</sup> Social aqui é radicalmente diferente nas sociedades pré-capitalistas. Nestas “a produção era sempre diretamente social”, ou seja, para a comunidade e entre elas. Em contrapartida, ordem social remete a produção para manutenção de uma lógica estatal de democracia e cidadania (FIGUEIREDO; SANTI, 2008, p. 44; p. 23). Vale lembrar que a ilusão da liberdade é sustentada pela compreensão da democracia.

<sup>107</sup> Figueiredo e Santi (2008); Baptista (2000).

<sup>108</sup> A lei 4.119, de 27 de agosto de 1962, que regulamenta o exercício de nossa profissão no Brasil ainda endossa como uma de nossas funções privativas a solução de problemas de ajustamento (BRASIL, 1962).

<sup>109</sup> Druon (1976, p. 106, grifo meu).

<sup>110</sup> Baptista (2000, p. 93).

<sup>111</sup> Baptista (2000, p. 12).

<sup>112</sup> Baptista (2000).

*lera da zona leste de São Paulo e eu era a nordestina, porque eu também era diferente... eu também era uma coisa... eles eram diferentes pra mim, porque eles tinham um sotaque apegado, 'mano', não sei o que, e eu era a nordestina, né?, que eles me imitavam o tempo inteiro, e aí rolou uma festa que a gente dançou muito, todo mundo junto... e eu me lembro a sensação física de todo mundo dançando e eu nunca tinha dançado hip hop, eu nunca tinha dançado aquilo e todo mundo suado, todo mundo misturado, aquela coisa... com a sensação de corpo mesmo... Quando eu cheguei eu falei 'que doidera, e eu sou psicóloga de lá, né? Boto fê...' (risos). 'Quer dizer que eu sou psicóloga e tava trabalhando lá, né?', é assim que a gente faz clínica no CAPS  
(M1.)*

Não conheço as habilidades da entrevistada com a dança e muito menos o cheiro de seu perfume preferido ou do que utilizara para ir ao Centro de Atenção Psicossocial<sup>113</sup> (CAPS) que trabalhava, como também não sei se usava perfume. Entretanto, ao imaginar que todos dançavam, misturados, suados e que havia uma “sensação de corpo”, deduzo que essa experiência tinha cheiro e que os odores se misturavam<sup>114</sup>.

Eu que sempre gostei de perfumes ainda não havia parado para pensar sobre o meu cheiro, não o do meu corpo, mas o do meu corpo perfumado. Isto me ajudou. No mesmo dia em que vou à cerimônia de formatura utilizo um transporte de aplicativo para me deslocar até o local do evento. O motorista parou o carro do outro lado do condomínio em que moro, atravesso, entro no carro e desejo boa noite. Ao dar a partida, ele comenta “senti seu perfume quando você apareceu na rua”. Alegre com o comentário dele, afinal, gosto de me sentir perfumado, respondo “Foi? Isso é bom, né?”. Ao que prontamente ele diz: “deve ser caro”. No momento, disse apenas que não sabia o preço, pois havia ganhado, todavia, pus-me a ruminar isso posteriormente. Não era a primeira vez. Em um jantar familiar, um dos convidados da minha Dona Mamãe dissera: “ele tem cheiro de rico”. O meu corpo tem cheiro de branco, de classe média, de lavanda, de psicólogo.

É difícil imaginar o encontro entre o cheiro de lavanda e de pele negra e pobre<sup>115</sup>. Dificilmente o cheiro de psicólogo e de povo se misturam. Perfumamos as clínicas, criamos roupas apropriadas para a ida ao psicólogo, roupas de psicólogo, clínicas de psicólogos, cores

---

<sup>113</sup> Os CAPS são dispositivos públicos de saúde mental que funcionam em diferentes modalidades (em termos de tamanho/complexidade, horário de atendimento e especificidade do público atendido), de modo a ofertar cuidado multidisciplinar e reabilitação social à crianças, adolescentes e adultos que possuam transtornos mentais graves e persistentes ou questões quanto ao uso de álcool e outras drogas.

<sup>114</sup> Baptista (2000).

<sup>115</sup> Não há aqui a intenção de encasquetar com uma identidade ou de negar que peles negras também podem ter cheiro de lavanda, porém, inspirado em Baptista (2000), utilizo este fato – não uma metáfora, como ele bem explica –, para elucidar que a desigualdade social também tem odor; e historicamente a população negra tem suas carnes vituperadas como fétidas.

de psicólogos, sorrisos de psicólogos, cara de paisagem de psicólogos, entre tantos outros aparatos *psis*.

A perna negra cheira mal quando faz muito calor. Mais nova, era alcoólatra. Bebendo muito, necrosou rapidamente. De pé muito tempo, as varizes doem. Diz ela que o motivo da ferida foi ter comido carne de boto. Não come peixe atualmente, de jeito nenhum. Além de peixe, não gosta de lembrar o passado na roça onde viveu e trabalhou muito. Varizes e álcool compõem a perna da empregada gorda do quinto andar. [...] A perna negra ganha salário mínimo, e de vez em quando é roubada pelos parentes que residem ao lado de sua casa. Levam o bujão de gás e algum trocado. Neste momento, a perna incha, se revolta e chora.

[...] Fedor, varizes, a cor negra da pele necrosada são fragmentos e crônicas de vida e de morte que mobilizam sentidos que superam o orgânico. Os fragmentos da perna negra não são naturais; são peles, músculos, nervos e feridas, que expressam sentido à luz da cotidianidade. Em cada crônica de sua perna, existem diferentes textos. Lendo-os, através de sensações que apropriam e que são apropriadas, veremos o quanto de vida foi exteriorizado, e o quanto de vida foi negado. A perna negra sente também alegria e saudade, e fundamentalmente, dor<sup>116</sup>.

“Por que a labareda se apaga quando entra em contato com a memória da cidade?”<sup>117</sup>.

A chaminé da fábrica quebra? A labareda apaga ou acende com a memória da cidade? Apagam-se as ilusões<sup>118</sup>? Acendem a cotidianidade<sup>119</sup>? Mudam-se as engrenagens e o produto? Mirapólvora ou Miraflores<sup>120</sup>?

---

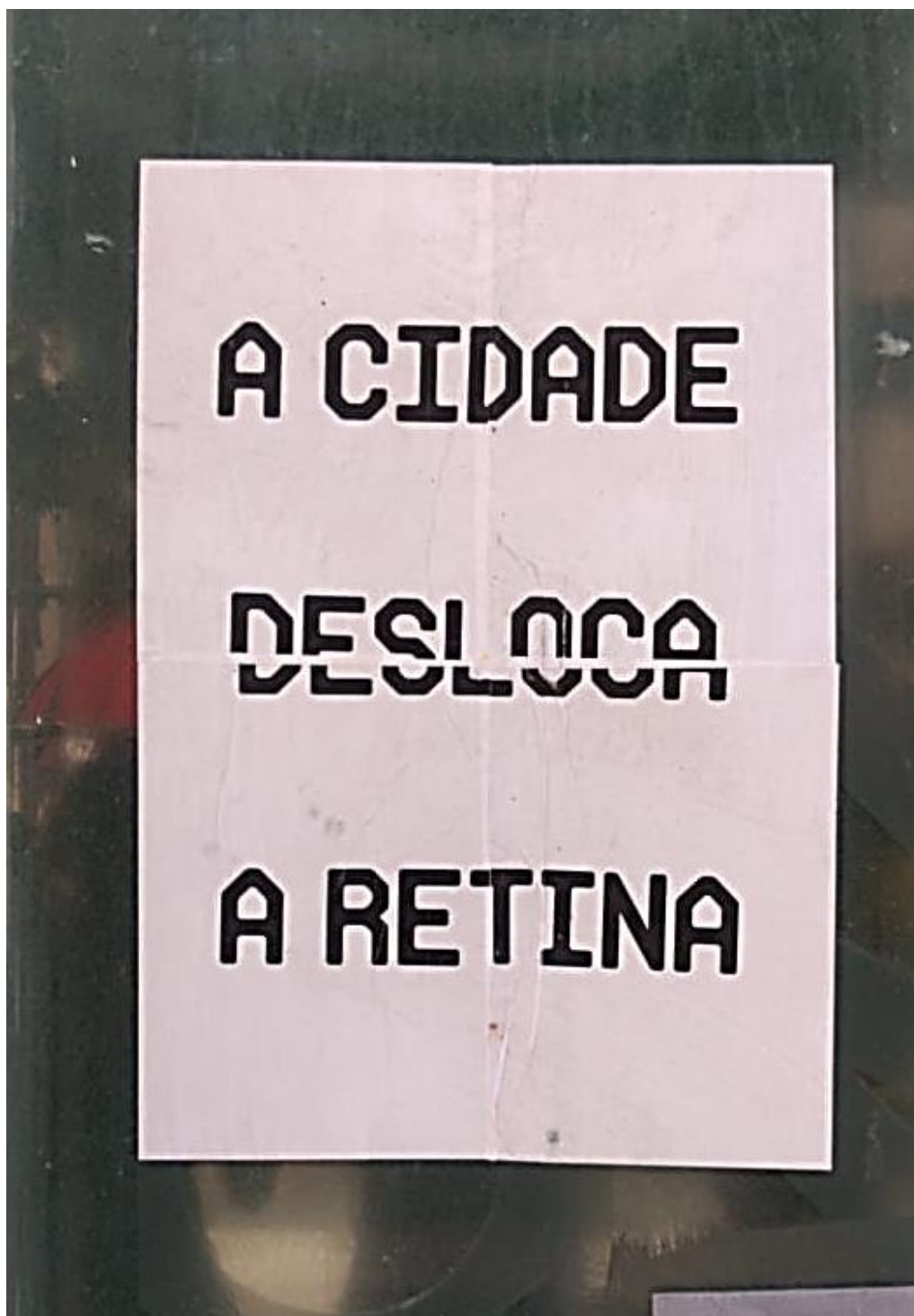
<sup>116</sup> Baptista (2000, p. 58-59).

<sup>117</sup> Baptista (2000, p. 28).

<sup>118</sup> “A liberdade tendo fim em si mesma ausenta-se das tramas do cotidiano e da história e integra-se ao indivíduo” (Baptista, 2000, p. 112).

<sup>119</sup> Baptista (2000) utiliza essa nomenclatura a partir do pensamento proposto por Walter Benjamin, para designar o dia-a-dia inseparável da luta social, como explicita a situação da mulher da perna negra ferida.

<sup>120</sup> Em Mirapólvora, os canhões puderam *produzir outras coisas*: flores diversas; por isto, Miraflores.



Rua no Recife Antigo (PE). Acervo pessoal, 2020.

## 5. *No qual Tistu, a propósito da guerra, faz novas perguntas...*

Durante o sexto período do curso de graduação em psicologia tive a oportunidade de fazer a disciplina de Psicofarmacologia com, na época, a única especialista em dependência química do estado<sup>121</sup>. Mulher, branca, paulista, rica, psicóloga, admiradora de Ronaldo Laranjeiras, expoente no tratamento para *dependência química* via abstinência, com o qual teria se especializado. Em algumas de suas aulas *psiquiatrizadas e psicologizadas*<sup>122</sup>, afirmara que o CAPS *não funciona*. Havia sido psicóloga em um CAPS Álcool e outras Drogas, mas precisou sair por perceber que não funcionava, não havia possibilidade de *aplicar todo o seu repertório de conhecimento* naquele espaço, comentara. Na época, eu havia iniciado o estágio no Projeto Redução de Danos, e por estar ciente das divergências entre o paradigma da abstinência e o da redução de danos<sup>123</sup>, hesitei.

Vale ressaltar que não estava hesitando apenas dos comentários sobre a experiência de uma profissional específica, que, até aqui espero ter ficado evidente, explode uma configuração coletiva, explode uma história das práticas psi, de como elas se constituíram. Estava hesitando em acreditar, a partir da minha recente experiência com a redução de danos, que os discursos em torno da *ciência* pudessem ser *verdadeiros*. Ou seja, estava desconfiando da indissociabilidade entre “verdade” e ciência, entre saúde e medicina, entre psicologia e saúde, quiçá entre saúde e doença. Ao hesitar, recuso a crescer, como Tistu.

*Eu lembro do caso de um adolescente que por muito tempo era usuário de referência de [fala o nome de um colega] no CAPS, depois ficou comigo, ele me deu esse presente e aí ele tava na rua há muito tempo, ele veio do interior, foi trazido por uma comunidade terapêutica do Bom Jesus e por uma decisão judicial, totalmente desconectada com o território, lá sofreu muito, abusos... e ele fugiu e foi pra o Pelourinho... E aí, a gente encontrou, ele foi inserido no CAPS, a gente fazia esse cuidado assim, e ele ficava num território por Nazaré, próximo ao centro histórico, e numa noite ele levou uma facada, e assim, muito fundo, de expor assim o tendão... E aí ele chega no CAPS, chegou no CAPS, de manhã... Nesse dia, por algum motivo eu cheguei tarde e aí é por isso que algumas coisas eu comecei a não me ver mais neste serviço... a única possibilidade era ou ele entra no Samu, na ambulância e vai pra fazer esse... ‘tem que suturar ou ele vai embora... Se ele não aceitar isso tem que ir embora, porque ele não pode ficar aqui no serviço dessa forma’. Aí daqui a pouco recebo mensagem e tal, e aí já recebi com a foto... é... ele até foi, mas ele*

<sup>121</sup> Foi assim que a psicóloga e professora se apresentara para a turma. Desconfiei que não fosse verdade (e não era), mas ela era a professora, a psicóloga, a especialista.

<sup>122</sup> Nomes que estou dando para a ênfase no modelo psiquiátrico ou biomédico, bem como em uma psicologia do indivíduo.

<sup>123</sup> Souza (2007) discorre acerca das divergências entre os paradigmas. Ele utiliza a nomenclatura “paradigma” como referência ao termo designado pela Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas (2003), que indica, por sua vez, a consolidação da redução de danos como abordagem-método adotada nacionalmente. Fato que nomeia, por exemplo, como dimensão abstrata da redução de danos ou “plano abstrato e virtual”.

*morria de medo de hospital, ele morria de medo de agulha... porque ele tinha passado por muito disso, assim, de ir pros lugares sem ele... sem permitir que ele decidisse qualquer coisa... Aí eu cheguei, opa, isso é grave assim... e aí essa coisa assim de eu e [nome do colega]... e aí foi logo quando eu assumi a referência dele e a gente foi construindo com ele o que era possível – mesmo... Porque ele disse assim ‘eu não vou... eu não vou... mesmo’. Aí a gente vai, chama a médica do Consultório na Rua, ‘olhe aqui, veja o que que é possível, eu fico com você, eu vou com você, a gente pode fazer...’, mas assim tem um tempo também por conta da sutura, precisa fazer. Ele aceitou, mas só pra olhar, pra médica olhar, não aceitou suturar, mas a gente também fica assim nesse conflito ético ‘como é... ele é um menino que tá na rua, qual é o limite também, o que é que a gente faz, até onde a gente vai, respeitar o desejo do outro...?’ E aí é... a gente conseguiu que ele começasse a tomar uma medicação pra que não inflamasse e aí ele foi pra UAA, UAI<sup>124</sup>.*

*(...)*

*E aí a gente ficou lá, e aí tentando... só que ele tava muito cansado porque não tinha dormido, tinha apanhado muito, e a gente combinou que ‘a gente vai fazer o curativo, hoje você não vai, amanhã eu tô aqui cedo para você ir, ainda dá tempo’, porque o tempo são no máximo 72 horas e ele topou, porque naquele momento ele precisava descansar... E é isso foram dias e dias e dias... ele... só pra encurtar a história... ele não foi enfim, isso não foi suturado, a gente continuou com o cuidado com o médico do CAPS, e aí o médico dizia assim ‘ele não vai ter de novo o movimento do braço...’ e a gente conversava com ele, ele fazia o curativo... ‘se eu trocar o papelão...’, porque ele também não quis ficar na UAA, ‘se eu trocar o papelão todos os dias, ajuda?’. E aí a gente ‘assim, pela sua possibilidade’, né?... a gente foi pro Ministério Público pra saber a responsabilidade dos serviços. Teve um dia que ele tava... aceitou assim ‘não, eu vou, mas meu cachorro tem que ir junto’, e aí o serviço não aceitava o cachorro, então ‘não dá pra mim’, e a gente foi costurando isso, esse foi um caso que mais... que mais me tocou nesse sentido assim, de que é... a gente foi entendendo realmente quais eram as possibilidades e quais eram as implicações, mas essa coisa de garantir, nesse sentido, a vida do outro, mas também não utilizava essa coisa assim por conta é... de uma perspectiva de cuidado eu vou romper o desejo dele (...). E hoje ele não tem problema nenhum com o movimento do braço.*

*(...) É tanto que ninguém acreditou, o médico clínico do CAPS falou assim ‘eu não acredito’.*

*(L.)*

Longe de ser uma problemática daquela professora, o seu desconforto e conclusão pela não funcionalidade dos CAPS é uma questão da cultura profissional dos(as)(es) psicólogos(as)(es)<sup>125</sup>, é uma questão de formação. Ela indicou isso ao sugerir que há uma incompatibilidade entre os seus conhecimentos e o modo de operação do serviço público de saúde. Sabemos que esta incompatibilidade se dá, especialmente, pelas disputas ético-políticas entre o paradigma da abstinência e o da redução de danos, entretanto, outro fator também merece atenção.

Sabemos que a psicologia carrega consigo uma estrutural e congênita ideia-projeto naturalizante de subjetividade: o indivíduo ou sujeito psicológico. Esta, por sua vez, sustenta

<sup>124</sup> Unidade de Acolhimento Adulto e Unidade de Acolhimento Infanto-Juvenil, respectivamente.

<sup>125</sup> Dimenstein (2000, p. 101), inspirada em Vasconcelos (1997), entende como “o conjunto de ideias, visão de mundo e estilo de vida profissional adotado por um grupo profissional específico, que vem determinar a adesão e preferência por certos modelos de atuação, por certos referenciais teóricos, assim como, por certos padrões, códigos e regras de relacionamento entre os pares e com a comunidade leiga; além de definir suas formas de organização e representação na sociedade”.

teorias e práticas psicológicas que afirmam um “eu” abstrato, a-histórico e universal, semelhantemente às noções de saúde, doença, corpo e morte que passam a ser vistas como evidências “naturais”, objetivas. É, por sua vez, na cultura profissional que estas construções teórico-políticas ganham proporção<sup>126</sup>.

Imbuídas(os) e seduzidas(os) por esta ideia-projeto e pelas diferentes teorias estritamente psicológicas que a sustentam, compreendemos que, no âmbito das políticas públicas<sup>127</sup> de saúde e assistência social, seja perfeitamente possível fazer esta *psicologia stricto sensu*<sup>128</sup> funcionar nem que, para isso, seja preciso dizer que equipamentos e práticas outras não funcionam. Todavia, a diversidade socioeconômica e cultural das(os) profissionais e da clientela (classes populares) também influencia na perspectiva de subjetividade, na concepção de saúde-doença, na expectativa quanto ao tratamento e nos ideais de cuidado-cura que adotam<sup>129</sup>. Dito de outro modo, nem tudo é transferência, contratransferência e *rapport*<sup>130</sup>. Ou ainda, a pobreza produz narrativas próprias em torno da subjetividade e da dinâmica saúde-doença; faz a psicologia *amargar*. A pobreza (e a realidade brasileira) funcionam, elas mesmas, como resistência<sup>131</sup>, não da clientela, mas à psicologia, à fábrica de interiores.

*Quando Juvêncio apareceu  
Mascava uma raiz de pobreza coisa que serve!  
E cuspiu dentro de casa o amargo em nós*<sup>132</sup>.

---

<sup>126</sup> Dimenstein (2000).

<sup>127</sup> De maneira geral, as políticas públicas correspondem as ações que os governos escolhem fazer ou não fazer (Souza, 2006).

<sup>128</sup> Nomenclatura dada por entrevistada.

<sup>129</sup> Dimenstein (2000).

<sup>130</sup> Conceitos *psis* que, de maneira geral, versam sobre a adesão e eficácia do tratamento.

<sup>131</sup> Utilizo resistência aqui para fazer oposição ao seu entendimento indexado a uma individualização e psicologismo (*não da clientela*) e também para insistir nela como afirmativa, como “elemento a assegurar a insubmissão a uma subjetividade forjada” (CANAVÊZ, 2015, p. 241).

<sup>132</sup> Poema “Raphael” em Barros (2010).



São João do Consultório na Rua. Acervo Pessoal, 19 de Junho de 2019.

*A primeira grande crise que tive foi assim ‘como é que fica a relação transferencial?’ . Porque eu tentava sistematizar a escuta, mas estagiário, né? É a segunda pessoa depois de ninguém (...) eu ia distribuir o lanche, eu ia distribuir o vale-transporte que ninguém queria fazer, mas quando eu fazia essas coisas eu tinha contato com a história das pessoas e com relatos que eram fundamentais pra mim como psicólogo... né? Ou como aspirante a psicólogo... e que eu não tinha muitas vezes parando, sentando e formando o setting... O primeiro marco que eu atribuo pra isso então eu chego atolado em uma psicanálise freudiana e minha supervisora local era psicodramatista... E a gente precisava dialogar sobre isso... né? E ela recém-chegada tinha uma coisa que era assim... registro que eu ia fazer no prontuário... Antes eu tinha que dizer pra ela, de vez em quando eu tinha que botar no papel, ela autorizar e depois eu transcrever... porque tinha essa preocupação, ela carimbava junto com a que ia ficar registrado... E me interessava isso que acontecia fora do espaço, mas eu sentia necessidade de alguns momentos ter o espaço do setting assim, então o primeiro marco foi ‘como é que eu dialogo com alguém sem perder o respeito que... tá pensando o sujeito numa visão muito diferente da que eu penso?’ , e, apesar de eu estar no campo da psicologia, depois a redução de danos vira uma grande mochila.*

*eu aprendi a deslocar o divã... e que eu podia colocar o divã na calçada embaixo de um poste, e que mesmo que eu tivesse um outro setting era uma escuta psicanalítica assim... era uma perspectiva de sair é... da ideia de contenção pra... pra tentar ajudar a pessoa no processo de organização, né? O que é que tem de sofrimento e o que é que a gente pode fazer é... com isso.*  
(W.)

“A depender de mim os psicanalistas estão fritos”, diz a música<sup>133</sup>. Nela seu compositor afirma saber resolver os seus próprios conflitos e eu não duvido. Acrescentaria, porém, que

<sup>133</sup> Música “A depender de mim” do Baleiro (2010)

se conflito (e desejo, saúde, doença, vida, morte, corpo) diz de uma ideia individualizada, “natural”, estrutural, universal, essencialmente patológica, negativa e faltosa<sup>134</sup>: as(os) psicanalistas, publicitárias(os), padres, pastoras(es) e psicólogas(os) estão fritas(os)<sup>135</sup>, resolveremos *nos* conflitos de modos outros - verdes, infantilados, passarinhados e imoralistas<sup>136</sup>. Há, portanto, a necessidade de extrapolar os limites da especificidade *psi*<sup>137</sup> ou de convocar novos intercessores<sup>138</sup> para problematizar esta psicologia e correr o risco de bifurcar<sup>139</sup>.

Através do princípio de conexão, assistimos a psicologia transpor seus próprios limites. Os pontos de conexão, as zonas de bifurcação, os pontos de divergência, são zonas de indiscernibilidade. É justamente aí que se situa o terreno mais propício da invenção. Habitamos este espaço quando não sabemos se estamos fazendo psicologia, se o que fazemos é ainda psicologia.<sup>140</sup>

*O que porra tem a ver com a Psicologia isso que eu tô fazendo aqui?*  
(J.)

*(...) eu assaltava, eu chorava, eu cheirava e eles achavam um máximo quando eu cheirava com eles, né? Eu fumava crack, é... eu amava, abraçava... então... eu tava lá junto com eles e sentia junto através do psicodrama<sup>141</sup>.*  
(M1.)

A inserção de psicólogas(os) nas políticas públicas de saúde e assistência social, com ênfase para a redução de danos parece borrar as noções de núcleo e campo. Quando, na década de 80, as(os) psicólogas(os) iniciaram atendimentos clínicos para as classes populares por meio da Psicologia Social Comunitária, Saúde Mental e outros segmentos afins, se inicia um processo

---

<sup>134</sup> Dimenstein (2000), citando Vilhema (1993), diz que quando há uma produção de discursos e técnicas que endossam essas narrativas há um *apartheid clínico*, pois, nega-se as diferenças culturais.

<sup>135</sup> Não afirmo nessa discussão uma desimportância, digamos assim, da psicanálise e psicologias. Muitas queixas são bem conduzidas por profissionais como estes. Eu sou psicólogo, faço análise e reconheço em/com o meu corpo a importância disto. Todavia, Dimenstein (2000), indica uma perspectiva pertinente ao evidenciar que geralmente há uma discrepância entre os modelos de subjetividade adotados pelos profissionais e pela clientela. A condição socioeconômica implica necessariamente na adoção de modelos diferentes e conflitantes entre si. Não é que o modelo adotado geralmente pela clientela fuja completamente da subjetividade privatizada, mas, há diferenças. Com isso, os projetos psicoterápicos, conforme menciona a autora, ou mesmo os projetos terapêuticos devem inicialmente compreender estas distinções. E, isso, até o momento, não me parece com atenção flutuante e nem com redução fenomenológica, por exemplo, talvez com outra coisa: “a modéstia do analista não é, portanto, uma atitude aprendida mas a expressão da aceitação dos limites do nosso saber” (FERENCZI, 1992, p.31).

<sup>136</sup> O uso do termo “imoralista” é um anúncio do que desenvolverei a posteriori.

<sup>137</sup> Dimenstein (2000).

<sup>138</sup> Deleuze (1992).

<sup>139</sup> Kastrup (2000).

<sup>140</sup> Kastrup (2000, p. 5).

<sup>141</sup> Ainda que não mencionar essa informação me pareça mais oportuno, digo que se trata da narração de uma realidade suplementar, de uma cena psicodramática em que a psicóloga fizera no CAPS em que trabalhara.

de desconstrução da ideia clássica de clínica<sup>142</sup>. Aliás, a passagem das(os) profissionais clínicas(os) para os equipamentos da Saúde e Assistência Social operou (e opera) deslocamentos não apenas no *setting*<sup>143</sup>.

Vale retomar que as condições para o surgimento de uma ciência psicológica e de sua inserção nas políticas públicas não possuem uma causalidade unidimensional. Além dos fatores já mencionados anteriormente, acrescenta-se ainda o contexto econômico brasileiro que se instalava no período em que a psicologia foi regulamentada como profissão: o regime militar. Com o “milagre econômico”, conduzido neste período, intensifica-se a promoção dos setores da indústria e comércio entre as classes média e alta, o que contribuiu para o fortalecimento da experiência de uma interioridade psicológica e de um projeto individualizante e psicologizante da família nuclear, provocando, por sua vez, a demanda pelo consumo de serviços psicológicos, entre eles, a psicologia clínica<sup>144</sup>. “A oferta cria a demanda”<sup>145</sup>.

Entretanto, o fracasso do “milagre econômico” provoca uma recessão que altera tanto o modo de vida e subjetivação das classes média e alta, quanto agrava as condições de sobrevivência das classes populares. Por outro lado, com o período de redemocratização do Brasil e o impacto dos movimentos sociais, a ciência-profissão é requisitada para produzir respostas para as novas demandas que se apresentam. As condições socioeconômicas e políticas que, outrora passavam despercebidas em nome de uma neutralização do fato social, tornam-se uma questão<sup>146</sup>.

*E era um dispositivo que me encantava assim, porque como eu sou de movimento social essa coisa do princípio da simetria, de que os profissionais você não conseguia diferenciar direito quem era profissional, quem era usuário, e que as pessoas se tratavam de uma maneira diferente e que não tinha toda essa coisa do pessoal da saúde (...)*

(R.)

---

<sup>142</sup> Ferreira Neto (2010).

<sup>143</sup> Paulon (2013).

O conceito *setting* está associado a uma estrutura clínica mediante a qual opera-se um modelo intra-individual, com horário marcado, salas definidas, etc (Ferreira Neto, 2010). Comporta, nesse sentido, tanto uma estruturação física-burocrática para os atendimentos, quanto um modelo de subjetividade.

<sup>144</sup> Ferreira Neto (2010). O período da ditadura militar não provocou diretamente estes fatores, mas, contribuiu para valorizá-los.

<sup>145</sup> Dito costumeiro entre psicólogas(os) que descaracteriza as problemáticas sociais, os neutralizam.

<sup>146</sup> Questão esta que continua sendo refeita, apesar dos inúmeros avanços, afinal de contas, escrevo sobre isto após quase uma década que Ferreira Neto (2010) publicou este artigo. Mais do que isto, é importante que seja continuamente refeita, pois, nos consolidamos como profissão em nome de um fenômeno psicológico individual, dividido, a-histórico; nas tramas do capital. E saber disto nos auxilia a problematizar nossas práticas.

Não é novidade o fascínio – ou melhor a produção de desejo – das(dos) psicólogas(os) pelo atendimento clínico individual, tampouco o imaginário social que associa aos atendimentos clínicos individuais a psicologia de modo *sine qua non*<sup>147</sup>. De igual modo, não o é que o encontro entre a psicologia e as políticas públicas provocariam efeitos irreversíveis<sup>148</sup> em nossa formação.

Trazer para o campo de análise da instituição psicologia o que pulsa nos movimentos sociais, o que escapa à clínica tradicional, mas se reapresenta como dispositivo clínico convocado pela análise das implicações dos profissionais em equipes interdisciplinares, buscar nas unidades de saúde aquilo que escapa à racionalidade de uma psicologia asséptica e fazê-la vibrar com o que “pode mais” (...) significa forçar os limites daquilo que se instituiu como psicologia, instituindo novos fazeres que ressignificam também aquilo que se foi delineando como território de um saber-poder especializado<sup>149</sup>.

*É e tá lá e tá trabalhando, e tá vivenciando e fazer uso e também lidar com essa questão da redução de danos para uso de drogas sintéticas e cuidar de outras pessoas e tá nesse foi diferente, acho que a grande formação é também, é ver isso em você.*

*(...) a gente cuida das pessoas porque as pessoas precisam... e as pessoas que vão dizer isso assim.*

*(...) a gente muda também o olhar sobre o outro, sobre a forma de se relacionar... (L.)*

*E aí a Redução de Danos entrou porque ela me oferecia algumas ferramentas para questionar essa coisa das doenças, a questão dura de que a doença é uma entidade física não sei o quê (...)*

*(...) porque a formação superior especificamente fornece um saber sobre o outro que se entranha na pessoa e faz com ela olhe tudo a partir de um outro lugar, que faz com que às vezes o vazio seja tão grande que ele não consiga se relacionar com esse outro. (R.)*

*E aí eu acho que aprendi na vera, assim... na carne mesmo, indo a campo (...) eu fiquei muito próxima porque eu vi mesmo sentido em algumas coisas e ‘caramba, tem uma forma aí diferente de se aproximar das pessoas, de conversar com as pessoas, e de viv... e de conhecer a vida das pessoas e as outras formas né de existência aí na cidade, conhecer a Aracaju’*

*(...) histórias de vida que fizeram mudar muitas coisas a partir do meu olhar e desse lugar de psicologia, que psicologia é essa? Então o que é que a redução de danos tem pra me... pra trazer pra psicologia? (D.)*

<sup>147</sup> Ferreira Neto (2010); Carvalho e Yamamoto (2002).

<sup>148</sup> A tese da Prof.<sup>a</sup> Sílvia Leser de Mello Pereira, em 1975, já apontava como hipótese que “o encontro com outras dimensões do fazer psicológico, distante da demanda dos neuróticos da classe média nos consultórios particulares seria um acontecimento com efeitos irreversíveis no contexto da formação” (Ferreira Neto, 2010, p. 134).

<sup>149</sup> Paulon (2013, p. 731), ao resenhar o livro “Psicologia, Políticas Públicas e o SUS” do João Leite Ferreira Neto.

*(...) como usuário eu nunca tinha pensado que a psicologia poderia olhar para essa temática, assim né?... na minha leitura de psicologia até então era muito careta assim, dessa coisa muito da clínica, uma coisa muito mais voltada para perspectiva clínica ou organizacional.*

*(...) eu conseguiria... eu conseguia me ver ali como psicólogo e ficar pensando também como usuário, né? Esse lugar enquanto sujeito que faz uso de drogas, né? É... fumava maconha, fumo ainda, mas tinha uma coisa ali que era meio 'como é habitar nesse lugar, né?', em que momento que eu via a simetria com algumas pessoas que eu tava ali atendendo e outras com uma diferença muito grande.*

*(...) o que porra tem a ver com a Psicologia isso que eu tô fazendo aqui? Porque na clínica da toxicomania tinha tudo, um birô (bate na mesa), tinha um setting colocado, tinha um roteirinho estruturado de perguntas, né...*

*– Marcado, né?*

*– É... marcado, você sentava e esperava. Quando você vai na rua tem toda uma série de outras coisas que você começa a prestar atenção e ser provocado, né, é... quando as pessoas começavam a conversar 'como é que você sai dessa escuta de ficar procurando os elementos pra poder tá com uma escuta mais aberta assim, o que é que vai vim?' Então cada dia era uma novidade*

*(J.)*

Como exposto, não é novidade que a inserção da ciência-profissão *psi* nas políticas públicas traria impactos substanciais. O encontro (ou o conflito, pensando com os Voulás e os Vaitimboras) de epistemes, clientelas, espaços e territórios diferentes interpela modos de fazer e sensibilidades outras. A diferença interpela; transvê o mundo<sup>150</sup>. Interpela em Mirapólvora, na ciência, na profissão, na fábrica, em nós. “O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos”<sup>151</sup>.

Talvez nem todos os encontros alarguem os possíveis e pensáveis, mas, sobretudo, ferem. Feriu o saber da professora que afirmava que o CAPS não funciona – e não o seu saber, ao menos daquele modo. Me feriu, no corpo, na sexualidade, nos olhos, nas certezas, mas este foi um encontro triste. A rua me feriu também, mas ali vivi encontros pulsantes. Ali, encontrei um furo no muro da psicologia, pistas para práticas *psi* ti(s)tubeantes, com cheiro/fedor e brilho/sombra de gente.

Havia alegria na rua e havia desejo de estar na rua também. Rosa, moradora de rua que me pedira “se abaixe”, contava que gostava da rua. Tinha sido educadora social, tinha família e tinha casa com muros e telhados. Contudo, na rua tinha encontrado uma maneira de estar no

---

<sup>150</sup> Poema “Menino do mato” de Barros (2010).

<sup>151</sup> João Fiadeiro e Fernanda Eugénio em Conferência-performance Secalharidade (2013).

mundo, um cantinho no mundo para chamar de seu. Estranho lembrar somente agora e ter esquecido por tanto tempo que, ao ouvi-la, titubeei, pois pensava que havia uma possibilidade para ela – fora do que desejava, como se, iludido<sup>152</sup> pela concepção de desejo, de cidade e de casa que adotava, julgava que havia um entorpecimento ou embriaguez em suas concepções e não nas minhas, ou nas nossas.

Outrossim, esta ilusão não se dá sem uma simpatia humanista, no sentido em que simpatizar é “acolher o outro, na sua identidade, e reconhecer certa identidade de fundo com esse outro”<sup>153</sup>: somos todos humanos! Sustentar o convite de Rosa, bem como a duração destas lembranças e esquecimentos, implica, todavia, no cultivo de uma simpatia outra:

Simpatizar é simpatizar não só com o outro, mas com o seu movimento, com sua deriva, com o seu devir, inclusive com o devir-outro do outro, acompanhá-lo na sua movência, mesmo ali onde ele se livra dele mesmo ou das amarras de sua identidade. [...] ali onde eles se liberam deles mesmos e assumem um rumo insuspeitado, mesmo que desconcertante<sup>154</sup>.

Como me entorpeceria? Como manteria a movência? O desconcerto? A minha formação me fizera pra brilhar, não para titubear. Além disso, a moral me fizera sóbrio, sério. Não conhecia as sensações e percepções corporais em decorrência do uso de quaisquer drogas estereotipadas, seja álcool ou maconha, embora, tivesse lido-as cuidadosamente nas aulas de psicofarmacologia. O encontro, por sua vez, (des)entorpece, dói, sangra, alivia, arrepia, tira (ou melhor, finca) os pés do chão, só não nos deixa ilesos<sup>155</sup>. O encontro nos faz brilhar pelo titubeio, brilho de gente<sup>156</sup> e não de engrenagens *psi* agrimensando gente em fôrmas institucionais e subjetivas, fazendo-as morrer de fome, de sede, e de falta de vida, de viço.

*E eu quero é que esse canto torto  
Feito faca, corte a carne de vocês*<sup>157</sup>

Portanto, como disse uma das entrevistadas, na *vera* – *na carne mesmo*, aprendemos. Observando o próprio corpo, o consumo, a rua, as diferentes teorias e paradigmas ‘na prática’, as diferenças simétricas ou assimétricas em nossas relações com as pessoas/clientelas, o modo de escutá-las desejando desejos que não são os nossos – nem o da fábrica de interiores –, ou

---

<sup>152</sup> Utilizo iludido para referir-me à discussão feita anteriormente sobre o projeto de “eu”: intra-individual, a-histórico, livre; e de uma ciência *psi* capaz de representar a “verdade” das coisas e orientar-nos em uma liberdade dentro da Ordem.

<sup>153</sup> Pelbart (2013, p. 174).

<sup>154</sup> (Ibid, p. 175).

<sup>155</sup> Referência a música “Ileso”, de Sant’Anna (2015).

<sup>156</sup> Lembrando de Caetano Veloso (1968) em “gente é para brilhar, não para morrer de fome”.

<sup>157</sup> Música “À palo seco” de Belchior (2002).

desejando desejos que também são os nossos, de empreender nossas vidas, participando da sociedade de consumo. Como trair tal produção desejante? Como desventosar-nos do desejo de sermos psicólogas(os)?

Em virtude disto, cabe pensar que o encontro da psicologia com a redução de danos nos impõe um questionamento do primado do governo das condutas, de um cuidado-controle, ultrapassando limites teóricos e políticos: *qual é o jeito que eu encontro com o outro?* (informação verbal)<sup>158</sup>. As respostas para esta pergunta nem sempre convergem e muitas vezes esbarram com os ordenamentos legais, médicos ou científicos. Elas não são pré-determinadas e nem exclusivas a uma categoria profissional, elas se formam na transversalidade dos saberes, ali onde eles sustentam poderes. Além disso, Tateando uma resposta, borra-se os conceitos de campo e núcleo, como fora dito outras vezes, porque vamos dando respostas – e o gerúndio aqui não é cacoete – circunstanciais e contingentes, que se constituem em um território existencial e, por isto, é cartográfica: a pergunta e a redução de danos, ao menos da maneira como a acompanhamos.

Requer habitar de modo receptivo territórios que se avizinham, deixando-nos impregnar. O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo (...). Estar ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento<sup>159</sup>.

Habitar um território existencial é cartografar. É estar exposto, receptivo, engajado, implicado. Não há o interesse em descrever, conhecer ou controlar, há o interesse em compor, habitar, com alguém, com as cenas, com a rua<sup>160</sup>. *Não vai falar nada? Não vai entrar? Se abaixe! Você é gay? Você ficaria comigo?* Habitar um território existencial é ser interpelado pela diferença, é borrar o corpo *psi*. É brincar com a i-maturidade. É continuar verde, *chorar*, ser-estar *marica* e o que mais quiser. E é também não saber mais se estamos falando de psicologia ou de redução de danos ou de algo inominável porque se põe a falar contra as palavras justas. É um processo formativo, justo uma formação.

---

<sup>158</sup> Questionamento de assistente social do Consultório na Rua no Seminário de Redução de Danos: 20 anos de RD no Brasil, realizado em dezembro de 2019 em Aracaju.

<sup>159</sup> Alvarez e Passos (2015, p. 137).

<sup>160</sup> Alvarez e Passos (2015).

## 6. No qual se sucedem as mais espantosas notícias...

*Qual é o jeito que eu encontro com o outro?* Esta não é uma pergunta exclusiva para a psicologia, haja vista as condições socioculturais e políticas para o seu aparecimento enquanto ciência-profissão, isto é, sua profícua e congênita relação com o Estado, o Capital. Importa também borrar a redução de danos. Como desventosar-nos do desejo de sermos psicólogas(os)? Psicólogas(os) e redutoras(es) de danos? Sermos especialistas no governo das condutas dos outros, e na produção do desejo de governar-se.

*Fico até preocupada com como podem escutar o que vou dizer, mas veja: o que estamos fazendo não é uma maneira de controlar até na hora de enfiar o pé na jaca? Tem que beber assim, tem que usar assado. O Estado entra na sua vida até quando você está querendo enfiar o pé na jaca, você tem que fazer de uma maneira que é ditada por outra pessoa. Daí fico feliz quando o usuário encontra por si sua maneira...*

*[...] é a ideia de ajudar o usuário que precisa de ajuda pra mostrar o que é certo. Ideia mesmo pra botar a vida do outro no seu quadrado, dos valores, da normalização. A redução de danos também cai nessa questão que temos de pensar: tem um certo uso mais 'correto' da maconha, do crack, do álcool. Às vezes me vejo como agente normalizador do uso de drogas. Mas é melhor que se pense num uso menos prejudicial do que não se pense em nada. Daí acho que temos de colocar em jogo um certo tipo de trabalho em redução de danos. RD não pode ser herói.<sup>161</sup>*

A consolidação da redução de danos no Brasil se deu em meio a diferentes articulações ético-políticas e experimentações no terreno da saúde pública e democratização: Constituição Federal (1988), primeiras estratégias de redução de danos em Santos (1989) e a criação do Sistema Único de Saúde (1990)<sup>162</sup>. Ou seja, havia diferentes movimentos político-sociais que construíram um caminho possível para adesão às estratégias de redução de danos no Brasil, não sendo assim uma ação isolada, ao acaso e sem conexão com seu contexto. De igual modo, não o é a sua exclusão<sup>163</sup>.

Dito isto, cabe pontuarmos que apesar de introduzir uma lógica de cuidado em liberdade que se opõe a diferentes terapêuticas medicalizantes, patologizantes, moralizantes e explicativas, tanto o paradigma da abstinência quanto o paradigma da redução de danos reproduzem

---

<sup>161</sup> Fragmentos de roda de conversa com redutoras(es), retirados da pesquisa de doutorado de Vasconcelos (2013, p. 118).

<sup>162</sup> Souza (2007).

<sup>163</sup> O governo federal decretou em 2019 o fim da redução de danos como paradigma ético dos equipamentos de saúde, estabelecendo, por sua vez, uma “nova” política sobre drogas que defende a redução da oferta e da demanda, ou ainda, a abstinência (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

o poder do Estado, do Capital<sup>164</sup>. Neste sentido, ainda que as estratégias de cuidado baseadas em redução de danos sejam mais progressivas, correm o risco de funcionar “como tecnologias de poder que capturam os indivíduos através de dispositivos de segurança e normalização”<sup>165</sup>.

O que significa afirmar que tanto o paradigma da abstinência quanto o da redução de danos (re)produzem o poder do Estado? O que é o Estado? Reconhecer isto invalida a exposição acerca da redução de danos e os resultados que tem obtido na saúde pública?

Corriqueiramente reproduzimos concepções sobre o Estado que, de modo geral, atribuem-lhe o lugar de produção do bem-comum e, por isso, da neutralidade ou, quem sabe, da parcimônia. Contudo, apesar destas características serem associadas ao Estado, elas não lhes descrevem, embora sejam postas em funcionamento – pelo próprio Estado – para sustentar ilusoriamente sua forma<sup>166</sup>.

À maneira como se apresenta na atualidade, o Estado não pode ser encontrado em outras sociedades ao longo da história, o que significa dizer que o Estado não é uma entidade perene e que esse tipo de organização político-social data do período moderno e de uma forma específica do capitalismo. A saber, o Estado garante a acumulação do capital, possibilitando as trocas de mercadorias e a exploração da força de trabalho, sendo assim parte indissociável da relação capital<sup>167</sup>.

Desse modo, cabe salientar que além de não ser neutro, o Estado também não é uma instituição elaborada e dirigida pelos burgueses, onde os mesmos podem exercer poder irrestrito, mas sim a forma que organiza a própria relação entre burgueses e trabalhadores, sendo então estranho tanto ao burguês quanto ao trabalhador, visto que ele mesmo estrutura a divisão de classes, indexando sociabilidades e subjetividades<sup>168</sup>. Produção aqui não diz de uma relação dialética, onde um influencia ou determina o outro reciprocamente, como Estado *versus* sociabilidade, por exemplo. De tal forma que não há dois ou mais que se influenciem, há uma lógica que produz estes dois ou mais. Estado entranhado no burguês e no trabalhador, uma racionalidade em funcionamento por meio de um conjunto de práticas capilarizadas no tecido social.

---

<sup>164</sup> Muito embora o escopo teórico-metodológico deste trabalho não se centre no materialismo dialético marxista, torna-se indispensável utilizar a teoria marxista, haja vista o entendimento do capitalismo como um “sistema imanente que não para de expandir seus próprios limites, porque o limite é o próprio Capital” (DELEUZE, 1992, p. 212).

<sup>165</sup> Rosa (2012, p. 13).

<sup>166</sup> Mascaro (2013); Correia (2015).

<sup>167</sup> Mascaro (2013); Correia (2015).

<sup>168</sup> Mascaro (2013).

No tocante às políticas públicas, definidas, neste trabalho, como as ações que os governos escolhem fazer ou não fazer, podemos entender que há uma intencionalidade em seu planejamento e execução, mas, que esta não se deve exclusivamente nem a pressões de grupos interessados ou a definições dos que estão no governo, tampouco servem apenas ao interesse de certas classes sociais, mesmo que possa limitá-las ou influenciá-las<sup>169</sup>. Ou seja, não o é apropriado diretamente, a não ser pela reprodução social capitalista<sup>170</sup>.

Neste sentido, sou levado a pensar que, ao aderir ou excluir o paradigma da redução de danos das políticas públicas de saúde há, de fato, o interesse notório do governo estatal pelo paradigma de abstinência total e a valorização do trabalho de comunidades terapêuticas e cristãs, haja vista as instituições que este ou aquele reforçam, no caso da abstinência, por exemplo, as instituições religião, família, trabalho, educação e a moral, *arrimos do instituído*<sup>171</sup>. Não só, faz-se (ou continua) presente a própria lógica do Estado-Capital: de interferir, gerir, dividir, normalizar, controlar, vigiar a família, a escola, o uso ou não de drogas, a saúde – e inclusive o que seja saúde. Como diria o Sr. Trovões a Tistu: *É o comércio*.

A este respeito, cabe notar que, as discussões sobre redução de danos foram impulsionadas na década de 1920, no Reino Unido, quando médicos e enfermeiros em um município da Inglaterra começaram a distribuir heroína e álcool no centro de saúde a fim de atrair moradores de rua que faziam uso de drogas nas proximidades. Desta maneira, eles podiam utilizar o equipamento para cuidar de suas necessidades básicas e incentivar que pudessem acessar os serviços de saúde<sup>172</sup>. Embora revolucionária no contexto de cuidado e tratamento para o uso de drogas, a estratégia empenhada pela equipe de saúde exemplifica a ação do Estado por meio do setor de saúde. Mas também, este *recorte* histórico da redução de danos aponta a sua intervenção com um público específico: os pobres e marginalizados, as chamadas minorias. Por que? Qual o interesse?

Por um lado, reconhecemos que a redução de danos pôde conferir a(o) usuária(o) de drogas a condição de cidadã(o), haja vista o seu entendimento de que o uso de drogas não é só uma doença, não é só um delito, não é só um pecado<sup>173</sup>, mas, sim, um direito entre cidadãos<sup>174</sup>. Por outro, evidencia-se que tanto só há o reconhecimento de cidadania para os pobres – os ricos

---

<sup>169</sup> Souza (2006).

<sup>170</sup> Mascaro (2013).

<sup>171</sup> Paulon (2006, p. 125).

<sup>172</sup> Souza (2007); Brasília (2013).

<sup>173</sup> Em contraposição as ideias hegemônicas da saúde, da justiça e do cristianismo.

<sup>174</sup> Rosa (2012); Brasília (2013).

sempre tiveram o direito a usar drogas –, quanto que a cidadania também é um meio de exploração capitalista<sup>175</sup>.

É o Estado o afiançador jurídico-político da constituição dos chamados direitos de cidadania. É por esse processo que os indivíduos, despojados de suas peculiaridades de classe, se igualam numa abstrata figura jurídica: o conjunto dos cidadãos. Não por acaso, a tutela estatal acerca da figura do cidadão nos acompanha do nascimento até a morte, buscando preencher todos os poros da vida social. Só assim os indivíduos isolados podem partilhar de uma mesma comunidade jurídico-política com normas, condutas e valores, chancelados pelo Estado e seu aparelho burocrático<sup>176</sup>.

Ao explicar tais contradições não se objetiva indicar respostas últimas para os aspectos expostos ou enfraquecer a luta pela redução de danos nas políticas públicas; antes, espera-se iniciar uma discussão com a redução de danos reconhecendo os seus limites e contradições frente ao Estado-capital. Assim sendo, reconhece-se a importância de que o uso de drogas seja entendido como um direito de todos e a relevância das estratégias de redução de danos para garantia da cidadania dos usuários, entretanto, assume-se a expressão do Estado-Capital nestes.

Não obstante, assume-se a expressão moral (ascética e asséptica) que imprime rostos, gestos, brandura, humildade, excesso de sentimento (vergonha, culpa); que interioriza o homem, faz-lhe “bicho-homem interiorizado, acuado dentro de si mesmo, aprisionado no ‘Estado’ para fins de domesticação”<sup>177</sup>. A moral é arrimo do Estado.

Mas, de que maneira as estratégias de redução de danos podem contribuir para emancipação política? Que reduções de danos são possíveis? Há redução de danos sem Estado? Há redução de danos sem Capital? Imoralista? Uma sociedade sem Capital precisa de redução de danos? Perguntas como estas são importantes porque, entre outras coisas, a ideia ilusória de Estado *neutro* e de cidadania *sem Estado* alimentada pela fábrica de interiores, continua produzindo ilusões quando a camisinha, por exemplo, é o primeiro instrumento de comunicação e explicitação do que seja redução de danos, especialmente com cis-gays e travestis.

Uma das entrevistadas menciona que ao conhecer o Projeto Redução de Danos *saiu de lá cheia de camisinha*. Quando conheci também fui perguntado se eu gostaria de levar camisinhas. Por que redução de danos com a população LGBTQI+<sup>178</sup> está associada a prevenção de

---

<sup>175</sup> Mascaro (2013).

<sup>176</sup> Felix (2019, p. 31).

<sup>177</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 81)

<sup>178</sup> Sigla para designar as pessoas que se percebem como lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer/questionando, intersexo e outras identidades relacionadas.

infecções sexualmente transmissíveis?<sup>179</sup> Ainda que haja a demanda das pessoas pela camisinha entregue pelo Projeto Redução de Danos: *só estava esperando meu instrumento de trabalho; se ele mexesse com vocês eu ia enfiar o canivete nele, logo com vocês que trazem o que me leva ao céu*<sup>180</sup> e que isto legitime a expressão de uma sexualidade marginal<sup>181</sup>, importa pensar se em alguma medida a demanda não se confunde com produção de desejo e desejo de saúde – neste caso, ascética<sup>182</sup>, asséptica.

*Pra gente se olhar e pensar o que é que a gente tá fazendo mesmo? O que é que é redução de danos mesmo? É por esse caminho que a gente tá seguindo? O que é que é redução de danos aqui, na REAPS de Aracaju? Como é que a gente trabalha? Como é que a gente faz isso?*  
(M1.)

A redução de danos não é uma panaceia<sup>183</sup>, muito embora eu tivesse achado que ao menos para mim poderia ter sido. De outra sorte, a redução de danos também funciona como uma biopolítica vitalista<sup>184</sup>. Neste sentido, faremos uma inflexão, pois, uma biopolítica vitalista compreende que a vida não é apenas um “objeto reificado de práticas discursivas, mas também (...) potência que produz conceitos<sup>185</sup>”. Ou seja, a vida também produz normatividades e não apenas se reproduz enquanto forma vivente do Estado; ela tem predicados.

Se há de convirmos que a radicalidade da redução de danos que aqui intentamos afirmar se dá mais pela ampliação da vida do que pela diminuição do risco<sup>186</sup> e que o *conceito de vida está em constante disputa*, como afirmou uma das pessoas entrevistadas, é importante que nos indaguemos: o que é vida? O que é afirmar a vida? E o que é saúde? Que políticas de vida e de saúde disputamos e afirmamos?

*Redução de danos não é uma coisa superficial, como muitas vezes as pessoas falam... que é simplesmente fazer assim ‘ah, ele tá bebendo menos ou ele tá bebendo, mas tá se cuidando’. ‘Certo, gente, ele tá bebendo, mas tá se cuidando; ele tá bebendo, mas tá tomando banho’, que é massa, mas, nesse momento, eu me sinto desafiada e me sentindo, enfim, acompanhada, de modo geral a pensar assim ‘como é que a gente... o que é que existe de... aprofundar nisso... e tem visto esse aprofundar’... então pra mim também é um marco na redução de danos dentro de mim... ‘como é que a gente caminha?’. Acho que a gente discutindo hoje, né? [Nome de um usuário] teve um momento da elasticidade na relação com ele, do vínculo, criação do*

---

<sup>179</sup> Questionamento de Thiffany Odara, mulher, travesti, negra, pedagoga, babalorixá e redutora de danos, durante fala na VI Semana da Visibilidade Trans, evento que ocorreu em Aracaju durante o mês de janeiro de 2020 e que nesta edição discutiu questões relacionadas a religiosidade e saúde mental.

<sup>180</sup> Falas de profissionais do sexo, uma cisgênero e outra travesti, durante rota dos prostíbulos com o Projeto Redução de Danos.

<sup>181</sup> Referência a “Amor marginal”, de Hooker (2012).

<sup>182</sup> Nietzsche (1887/1998).

<sup>183</sup> Wodak (1998).

<sup>184</sup> Safatle (2015).

<sup>185</sup> Safatle (2015, p. 341).

<sup>186</sup> Lancetti (2011).

*vínculo, sustentação do vínculo, mas aí foi uma provocação que [nome de uma colega] fez hoje na reunião ‘o que é que a gente vai além disso?’*  
(M1.)

Ao pressupor que a vida produz normatividade, ou seja, capacidade ética, estética, tuitubeante e verde de criar relações, mudar, deslocar e estabelecer normas, inverte-se a atribuição normativa também ao organismo. A vida, ela mesma, valora. Isto não tem relação com hábitos estritamente individuais que alguém pode escolher fazer ou não fazer, mas com a potência normativa de individuar normas, de transvalorar os valores, questionando as instituições adereçadas a nós (bom, mau, razão, seriedade, maturidade, objetividade)<sup>187</sup>. Portanto, a dinâmica da vida opõe-se à inércia, indiferença, normalidade, à completa adaptação, rigidez, saúde absoluta<sup>188</sup> e, em potencial, até à própria norma<sup>189</sup>. E isto tem que ver com saúde.

Em virtude disto, *também não é qualquer vida que a gente quer afirmar*<sup>190</sup>. Se vida e saúde dizem de movimento, de errância e de improviso, qualquer prática que produza uma mecanização da vida, ao impor normas que vão contra a atividade vital ou que intentem restringi-la – ou mesmo uma regularidade e padronização, como costumeiramente compreende-se a noção de norma –, não produz saúde, mas vida mutilada<sup>191</sup>. Sendo assim, a errância e improviso da cartografia e do encontro construído pela redução de danos (com a rua, as pessoas que ali circulam, com um certo modo de pensar-fazer girar a clínica e as existências) podem produzir uma biopolítica vitalista transformadora<sup>192</sup>, isto se for mesmo necessário este e. Será este então o *espaço sombreado entre as coisas*?

*(...) é possível habitar esse espaço sombreado entre as coisas ou esse espaço que se mistura entre redução de danos, entre clínica ad, sem tá precisando me localizar em uma corrente da psicologia, sem precisar negar uma coisa, pra poder validar outra...*  
(J.)

Este *espaço sombreado*, embora possível, confunde. A vida é o que está em disputa nas narrativas *psi*, na ciência, na abstinência e na redução de danos. É *sobre* a vida que se constroem imagens, cores, gestos, roupas, palavras, comportamentos, vozes, cheiros e ruídos *psis*. É *sobre* a vida que se constroem discursos, hábitos e intervenções em torno da saúde e da doença. É *sobre* a vida que se constroem políticas públicas.

---

<sup>187</sup> Nietzsche (1887/1998).

<sup>188</sup> Safatle (2015); Canguilhem (2009).

<sup>189</sup> Safatle (2015, p.352). O autor, fiando-se em Canguilhem, explica que o conceito de vida expõe a raiz da profunda a-normatividade.

<sup>190</sup> Fala da minha orientadora durante roda de conversa. Neste caso, exponho a autoria para diferenciar a posição dela em relação a das(os) entrevistadas(os).

<sup>191</sup> Safatle (2015).

<sup>192</sup> Termo utilizado em Safatle (2015).

Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que essas últimas se formulem através de afirmações de direito. O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o “direito”, acima de todas as opressões ou “alienações”, de encontrar o que se é e tudo que se pode ser, esse “direito” [...] foi a réplica política a todos esses novos procedimentos do poder<sup>193</sup>.

Contudo, a vida impõe-se. Cartograficamente, o encontro (com) ex-posto ao seu imprevisto, impõe outras normatividades, outras sociabilidades, outras subjetividades.

*E sempre tinha alguém que falava ‘não vi nenhum usuário de drogas’, porque as pessoas tinham no imaginário que iam chegar lá e as pessoas iam tá fudidas na mer..., tá usando alguma coisa, né?, e tavam ali em contato com várias pessoas, mas não conseguiam ter esse alcance, né? Eram míopes pra poder perceber que tavam lidando ali... E...mais né? O que a redução de danos traz é justamente que... essa provocação no olhar, que não é o olhar o usuário de drogas, é olhar o sujeito, esse encontro com o sujeito que tá colocado ali... E nesses encontros uma mudança que me marcou muito foi que me chamavam muito de alemão porque eu era o branco, de classe média, loiro, então era o alemão... Um dia quando um cara me chamou de galego eu falei ‘mudou’.*

- Virou amigo

*Mudou... Teve uma mudança de relação, de um vínculo, de se criar confiança e tal, e eu fui percebendo que tinha uma coisa que tava confusa ali, né, assim, sou redutor de danos mas sou psicólogo também, como se a gente tem uma certa tendência, eu acho, quando a gente faz curso superior de tentar classificar ou analisar...*

- Categorizar...

*Em algum lugar ali nessa história... então pra mim esse foi um momento muito marcante assim (...) tinha uma coisa misturada ali, que eu não sabia muito bem lidar com isso, às vezes eu queria separar ‘eu sou psicólogo e redutor de danos’, eu falei isso muito tempo na minha vida, sou psicólogo e redutor de danos, sou psicólogo e redutor de danos... hoje pra mim faz muito mais sentido ficar nessa separação...*

(J.)

O entremeio psicologia e redução de danos, o *espaço sombreado*, borra um modo de ser profissional, um processo formativo pedagogizado, especializado, mutilador de saberes, mutilador da vida. Não estou convencido de que a resposta ou encaminhamento profissional está em *olhar o sujeito*, pois também há uma disputa de narrativas em torno do que seja o sujeito. Mesmo porque o profissional também diz de uma constituição, de uma sujeição. Contudo, nesse espaço sombreado entre psicologia e redução de danos há uma disposição ética para o encontro com o outro que, quando sustentada, pode “nos levar ao limite do pensamento clínico, ético e político”<sup>194</sup>.

Além disto, nota-se que, embora, psicólogas(os) e redutoras(es) de danos sejam causados por este *espaço sombreado*, hora parece importante manter uma separação nítida entre uma coisa e outra; ora parece importante afirmar esse entre-lugar.

---

<sup>193</sup> Foucault (1988, p. 136).

<sup>194</sup> Lancetti (2015, p. 23).

*[...] quando eu tenho que me apresentar eu digo que sou graduado em psicologia, eu nunca consegui me sentir e não sei qual é a sensação disso, como psicólogo...  
– Nunca nem pagou o CRP...*

*[...]*

*O último resquício que eu tenho dessa prática mais estrito da psicologia foi na condição de estagiário, né? E depois toda a minha trajetória na gestão... isso agora talvez repercuta numa outra coisa que é uma vez estando desempregado, eu não vejo, dentro da iniciativa privada, como trabalhar na lógica que a gente tem no SUS e não me interessa trabalhar de uma forma que não seja essa, de poder sentar, de trabalhar com a equipe, com múltiplos olhares.*

*(W.)*

Tais afirmações fazem meus dedos verdes provocarem outras questões, síncronas com as já feitas até então. A lógica de trabalho e cuidado presente no SUS pode ganhar corpo em um setor privado? Pode haver mistura? Tomemos a redução de danos como exemplo. Há diferentes diretrizes que norteiam as estratégias de redução de danos, das quais podemos citar: a consideração de que a abstinência não é o único objetivo a ser alcançado; a valorização da diversidade e das experiências singulares; o acolhimento sem julgamento, estimulando a participação e o engajamento; o entendimento da redução de danos como um caminho que não exclui outros; a direção do cuidado para produção de liberdade e corresponsabilidade e o estabelecimento do vínculo entre profissionais<sup>195</sup>. Além destas que em alguma medida parecem articular-se com práticas discursivas empreendedoras da autonomia e responsabilização, acrescentemos as que têm sido acompanhadas neste trabalho: encontro, abertura, improviso, plasticidade psíquica, atletismo afetivo, produção de desejo e biopolítica vitalista transformadora. Há lugar para estas lógicas em um setor não-público? Pode haver redução de danos em um *setting* tradicional e bipessoal? A ética em redução de danos não insiste (e brota) justamente da sustentação da “revisão de nossas concepções e de práticas ditadas pelo senso comum e pelo bom senso”, em exceder os limites dos “planos da moral e da judicialização da clínica e da vida”<sup>196</sup>?

A inserção nas políticas públicas causou efeitos irreversíveis na profissão e, ainda que ela pretenda, também não é ileso. Sendo assim, a aposta em uma saúde pública e universal e/ou no método clínico-político<sup>197</sup> da redução de danos não se restringe ao trabalho em um equipamento público, pois, nem estes são neutros, tampouco são perfeitamente rígidos todos os outros não-públicos. “Tudo é perigoso”<sup>198</sup>. O projeto moral-ascético-científico-asséptico se escora em

---

<sup>195</sup> (BRASIL, 2003).

<sup>196</sup> Lantecetti (2015, p. 24).

<sup>197</sup> Souza (2007)

<sup>198</sup> Foucault (1983) citado por Gore (1994, p. 15).

ambos. A vida, a pobreza, a realidade social brasileira, por sua vez, impõem um processo formativo verde e imoralista.

**7. No qual recebemos uma lição de miséria: a moral como droga de nosso tempo, ou ainda: “o que vê quem vê o seu tempo?”<sup>199</sup>.**

*Quando os moradores da Casa-que-Brilha saíram aquela manhã a clamar Tistu por todos os cantos, viram no meio do prado dois chinelinhos e uma frase escrita em belas letras douradas: Tistu era um anjo!*<sup>200</sup>

*Vocês são anjos*, disse uma moradora que recebera cuidado na rua.

*Para trabalhar com morador de rua tem que ter coragem, missão, vocação*, contou dona de um bar que nos auxiliara.

*É lindo isso que vocês fazem, Deus é bom*, afirmou colega de uma das pessoas em situação de rua.

Talvez esta tenha sido uma das descobertas menos verdes em Tistu: ele era um anjo. O cuidado e a garantia dos direitos à população em situação de rua, beiram uma suposta angelicalidade, e funcionam aqui como gestos que põem a fábrica e a crise em funcionamento, ao invés de barrá-la<sup>201</sup>. *Vocês são anjos*, já adiantara uma moradora que recebera cuidado na rua. A despeito disto, me interessa, portanto, insistir na angelicalidade de Tistu e na mortalidade<sup>202</sup> de Nietzsche. Ou ainda, insisto na moralidade em Tistu e na genealogia da moral em Nietzsche.

Usualmente o conceito moralidade é facilmente associado às crenças religiosas e a interferência destas nos diferentes contextos. Por exemplo, angelicalidade é relacionada, de imediato, à moral por fazer referência à cosmovisão judaico-cristã. No entanto, muito embora a moralidade e a cosmovisão judaico-cristã guardem uma idiossincrasia ou reciprocidade, a moral excede para campos epitêmicos, institucionais e subjetivos; para os modos de ver, de viver e de ser.

Quando criança, morei um grande período com meus avós, entre carambolas, dinossauros, terra, água, bonecos, bonecas, escola, igreja, praça, meninos e meninas. Não! *Menino brinca com menino, menina brinca com menina*. Diziam minha Dona Mamãe, pai e avó. *Meninos brincam com coisas de meninos, meninas com coisas de meninas*. Largava a boneca, não podia ir brincar com a vizinha. E, vira e volta, lá estava: brincando com a boneca da vizinha, de

---

<sup>199</sup> Agamben (2009, p.62) em “O que é o contemporâneo? e outros ensaios”

<sup>200</sup> Druon (1976, p. 149).

<sup>201</sup> Referência ao texto de Bruno Latour (2020) para a série Pandemia Crítica, intitulado como “Imaginar gestos para barrar a produção pré-crise”, onde, ao colocar sob análise os efeitos paralisantes da pandemia no comércio e produção, sugere que, a contragosto da incitação maciça a um retorno à produção anterior ao período pandêmico, possamos brecá-la. Aqui, neste parágrafo e nestes escritos, refiro-me não apenas ao contexto pandêmico, mas à produção em sentido mais amplo, que, tem recebido os nomes de fábrica, empresa, ciência madura, moralidade, capital, subjetividade.

<sup>202</sup> Em Nietzsche não há a pressuposição de um paraíso, de dívidas ou de uma transcendência.

galinha atrepada<sup>203</sup> com meninos e meninas, de dinossauros, fazenda e bolas de gude, sei lá em que sequência.

Próximo à casa de minha avó tem uma praça conhecida como ‘pracinha de Dona’, em referência a uma professora prestigiada ou temida – no exercício do poder e da tradição, a associação entre uma e outra é esperada – pelo uso da palmatória e por ser folclorista e idealizadora do Maracatu. Nesta praça as crianças, em sua maioria meninos, se reuniam para brincar, jogar, brigar, comer amêndoas e, também nela, a *interpelação heterossexual* denunciara meus gestos e palavras meninescas várias vezes, não que não o fizera anteriormente. No entanto, lá, um gesto brincante, talvez folclórico, fora vigiado e denunciado em alto e ensurdecedor som por uma adulta. Por gesto, “um meio sem finalidade, ele se basta, como na dança [...] ele abre a esfera da ética [...] na conjunção impossível entre o moribundo e o embrionário”<sup>204</sup>. Acuado, com medo, sem saber que o que significava as palavras ser e *viado*, mas entendendo que ser *viado* borrava a moral e causava horror nas pessoas, corro para casa, na esperança de encontrar abrigo e silêncio.

*Batida de bombo  
Estouro de bombas  
Batuque de ingonos  
Cantigas de banzo  
Rangir de ganzás  
Luanda, Luanda, aonde estou?  
Luanda, Luanda, aonde estás?*<sup>205</sup>

Não sei precisar quais dos eventos acontecem primeiro e, na verdade, isto em nada importa. Recordo ainda que havia reunido em uma garrafa pet uma quantidade enorme de bolas de gude – era uma prática comum entre os brincantes. A brincadeira concentrava meninos e apesar de sentir e/ou justo por senti-la, a *interpelação* da moral, gostava de brincar de bola de gudes, ou ainda, produzi um gosto, acompanhando os gestos para alcançar a biloca (buraco raso) que todos os meninos queriam alcançar com suas bolas. À revelia dos gostos normativos, me interessava pelas cores e formas, pelas bolas de leite (brancas e azuis) e carambolas (com cores esverdeadas e amareladas dentro). Me interessava em colecionar não apenas as bolas de gude, mas as que considerava mais bonitas, coloridas e diferentes.

---

<sup>203</sup> Brincadeira em que os brincantes ocupam a rua e as calçadas. Na calçada (parte alta) ficam as pessoas que fogem dos que estão na rua (parte baixa). Os atrepados precisam mudar alternadamente de lugar, ao passo em que o brincante que está na rua tenta pegá-los. Caso consiga tocar em algum atrepado, eles trocam de posição na brincadeira.

<sup>204</sup> Pelbart (2003, p. 69)

<sup>205</sup> Música “Maracatu”, de Valença (1982)

Todavia, diante de uma escolha tentadora, mas não menos normativa, troquei toda a minha garrafa de bolas de gude pelo livro de oração católica que meu primo tinha. Escrevo isto enquanto ouço uma entrevista do presidente Bolsonaro dizendo que sua primeira condição para eleger um novo ministro do Supremo Tribunal Federal era que fosse “terrivelmente evangélico” e ainda falo em “escolha” tentadora. À primeira vista, possuía *o coração dividido entre brinquedos e Deus*<sup>206</sup>. Talvez não, o brinquedo era deus, a bola de gude também o era.

*E de onde vem essa sórdida abjeção?  
Do fato de o mundo ainda não estar formado  
ou de o homem ter apenas uma vaga ideia do que seja o mundo  
querendo conservá-la eternamente?  
Deve-se ao fato de o homem  
ter um belo dia  
detido  
a ideia do mundo.  
Dois caminhos estavam diante dele:  
o do infinito de fora  
o do ínfimo de dentro.  
E ele escolheu o ínfimo de dentro  
onde basta espremer  
o pâncreas,  
a língua,  
o ânus,  
ou a glândula.  
E deus, o próprio deus espremeu o movimento.  
É deus um ser?  
Se o for, é merda.  
Se não o for,  
não é.  
Ora, ele não existe  
a não ser como vazio que avança com todas as suas formas  
cuja mais perfeita imagem  
é o avanço de um incalculável número de piolhos.  
“O Sr. Está louco, Sr. Artaud? E então a missa?”  
Eu renego o batismo e a missa.  
[...]  
para acabar com o JULGAMENTO DE DEUS.<sup>207</sup>*

E a biloca? A biloca é o cu<sup>208</sup>.

*[...]  
Ânus é condomínio-shopping  
Cu é guerra de sentidos:  
Ficar com o cu na mão  
  
por ser de cair o cu da bunda  
  
De bicicleta no olho do cu  
Transmuto para conhecer*

<sup>206</sup> Nietzsche (1887/1998, p.2).

<sup>207</sup> Trecho de transmissão radiofônica realizada por Artaud, denominada de “Para acabar com o julgamento de Deus”, disponível em: <http://www.bibliotecanomade.com/2008/01/arquivo-para-download-para-acabar-com-o.html>.

<sup>208</sup> Em “O Anti-Édipo”, Deleuze e Guattari (2010) se ocupam da analidade, afirmando, inclusive, que o cu foi o “primeiro órgão a ser privatizado, colocado fora do campo social” (p.189).

*Eu me regenero para não nascer*  
*[texto-ciborgue]*  
*Eu sou o mundo*

*Nascimento é morte*  
*O dilema atual é nascer ou viver*  
...<sup>209</sup>

*“Você tá com Deus enfiado no seu cu?”<sup>210</sup>*

Na disputa pelo cu, a interpelação heterossexual<sup>211</sup> é a(l)tiva, instituindo modos de dizer, de brincar, gestos feitos sestros<sup>212</sup> (emprenhados na vida cotidiana ou nos discursos religiosos, psiquiátricos, políticos e jurídicos). Modos e gestos esses que constituem sujeitos e se apoderam deles antes mesmo de se reconhecerem enquanto *coisa e tal, tal e coisa*<sup>213</sup>, sem que haja sucessão temporal entre a interpelação e o reconhecimento.

Se os ‘sujeitos andam sozinhos’, isto é, se cada um parece aceitar o papel que lhe cabe na divisão dos sexos e das sexualidades tanto quanto na divisão de classes, não é porque a injúria seria dotada da força policial de uma coerção ao regimento que isso me atribuiria um lugar desvalorizado, mais ainda porque não são necessários policiais para que operários se dirijam todas as manhãs para o lugar de trabalho e de exploração. É porque o insulto e seus efeitos são apenas a parte visível da interpelação mais profunda que as estruturas sociais, mentais e sexuais já, e sempre-já, operaram sobre mim<sup>214</sup>.

Tendo isso em vista, parece-me que se torna mais evidente porque tanto a escolha tentadora quanto as bolas de gude são deus. Em deus há ordem, segurança, “verdade”, maturidade, razão. Aliás, há também *amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio*<sup>215</sup>. Afinal de contas, *um menino pode saber aos 10 anos – sem sabê-lo de verdade, mas sabendo-o de qualquer modo – que a palavra ‘viado’ não está longe de designá-lo, e que um dia, seguramente, o designará*<sup>216</sup>. Sem a pretensão de fazer destes

---

<sup>209</sup> Rocha (2021, p. 48-49)

<sup>210</sup> Estamira Gomes de Sousa, em documentário homônimo denominado “Estamira” (2005). Pergunta Estamira a seu neto, após ele questioná-la insistentemente sobre sua relação com Deus. “Ficamos sabendo também que Estamira foi estuprada duas vezes. Segundo sua filha, foi logo depois dos estupros e depois que a mãe chutou uma macumba que ela começou a ‘ficar assim’. Quanto a um dos estupros, um estupro anal, a filha diz que Estamira lhe contou que pediu pelo amor de deus que não fizesse aquilo, que parasse, ao que o estuprador respondeu: ‘que deus, o quê!’. Provavelmente esta cena marca uma ruptura de Estamira com deus. Basta mencionar ‘deus’ para que Estamira fique furiosa: ‘Que deus é esse? Não é ele o próprio Trocadilo? Quem fez o que ele mandou largou de morrer, largou de passar fome?’” (BELO, 2008, p. 142). Utilizo este recorte do documentário pelo professor e psicanalista Fábio Belo para enfatizar a literalidade do deus que entra no cu pela violência.

<sup>211</sup> Eribon (2008, p.75-82).

<sup>212</sup> Minha avó utilizava esta palavra para se referir a hábitos e gestos feios.

<sup>213</sup> Referência a música “Amor e Sexo” da Rita Lee (2003), uma das primeiras músicas que decorei. Oportuno, não?

<sup>214</sup> Eribon (2008, p.77).

<sup>215</sup> Frutos do espírito no livro de Gálatas 5: 22-23 (BÍBLIA, 1969).

<sup>216</sup> Eribon (2008, p.81).

escritos um divã, mas às voltas com o desejo *sempre-já* (também) de costurar ou rasgar com eles a moralidade, de brincar com o *amor e sexo*, reconheço que a *linha de fronteira* com a clínica *se rompeu*<sup>217</sup>.

Em uma das aulas da disciplina no mestrado que se ocupou especialmente da escrita a partir dos referenciais ético-metodológicos pós-estruturalistas<sup>218</sup>, participei de uma intervenção na qual fui impelido a responder com meu corpo a música<sup>219</sup>:

*Oh senhor cidadão, eu quero saber, eu quero saber, com quantos quilos de medo,  
com quantos quilos de medo se faz uma tradição?  
Oh senhor cidadão, eu quero saber, eu quero saber, com quantas mortes no peito se  
faz a seriedade?*

Ao sair da aula, escrevi:

---

<sup>217</sup> Música “Boca de Lobo” do Criolo (2018).

<sup>218</sup> Tópicos Avançados em Processos de Subjetivação e Política I.

<sup>219</sup> Música “Senhor cidadão” do Tom Zé (1972).

*A moral ruiu  
Meu corpo riu.  
A cruz pendeu  
Não há sacrifícios a fazer  
além de arrancar os pregos  
e rir com eles  
Não deles  
Deve ter sido difícil para eles se fixarem ao não fixável  
Que o tempo os marie e os dê outra serventia  
A da arte  
Daquilo que compôs,  
Mas esva-iu,  
foi.  
E deixou aqui outro corpo  
Que riu  
– e ri.*

E deitei no divã, literalmente.

“É também o mal-estar na cultura que se deita no divã”<sup>220</sup>

---

<sup>220</sup> Lindenmeyer (2018, p.434).

Ao retomar um ato psicanalítico nestes escritos não tenho como objetivo *escrever com as minhas neuroses*, mesmo porque, escrita é um *caso de devir*, um *processo, sempre inacabado*, sempre verde, *passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido*, e neurose, por sua vez, é uma *interrupção no processo, uma parada*<sup>221</sup>. Deste modo, escrevo não como doente, mas como *médico de mim e do mundo*, entendendo este último como o “conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem”<sup>222</sup>.

[...] não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter **visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota**, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu, **o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados**.<sup>223</sup>

[...] *É e tá lá e tá trabalhando, e tá vivenciando e fazer uso e também lidar com essa questão da redução de danos para uso de drogas sintéticas e cuidar de outras pessoas e tá nesse... foi diferente, acho que, acho que a grande formação é também, é ver isso em você [...]*  
(L.)

O escritor-redutor-psicólogo regressa com os olhos vermelhos, sob efeito do que viu, ouviu e usou, *só não pode sair ileso*, como já o dissera outras vezes. Tanto porque muitos redutores possuem uma familiaridade com o público que trabalha (usuários de drogas e/ou profissionais do sexo), quanto porque não interessa tentar curar as feridas incuráveis do encontro com neutralidade ou sacralidade. E ainda há outros, inúmeros, embriagados de moral.

Quanto a música acima, não sei se seu compositor é nietzscheano, mas, há a constatação trágica de que a seriedade é um produto, um adereço. Não só, a *razão, a seriedade, o domínio sobre os afetos* são *todos privilégios e adereços do homem*, e adquiri-los teve um *alto preço*<sup>224</sup>. Neste sentido, a moral individualiza, adere, produz regimes de sensibilidades, ou ainda, de *embrutecimento*<sup>225</sup>.

Em conformidade com o que discutimos acerca das condições para o surgimento do indivíduo e a psicologia, a moral, enquanto dispositivo, faz subjetividade privatizada, faz psicologia. Muito embora não tenha a citado ao fazer um recorte histórico-bibliográfico sobre a psicologia, ela *sempre-já* esteve. Acrescentar este elemento para compor este recorte funciona também como uma tentativa de “romper com a circularidade do labirinto escolar”<sup>226</sup> e insistir

---

<sup>221</sup> Deleuze (1997, p.11-13).

<sup>222</sup> Deleuze (1997, p.13-14).

<sup>223</sup> Deleuze (1997, p.14, grifos meus).

<sup>224</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 52).

<sup>225</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 121).

<sup>226</sup> Corazza (2010, p.100).

na verdinagem, *polifonia, descontinuidade*<sup>227</sup> e em uma ciência feminista – que gagueja e resiste às simplificações<sup>228</sup>.

Como disse, a moral excede a cosmovisão judaico-cristã e seus limites institucionais-religiosos. Acostumados (e enfim, formados) com um currículo cheiroso, maduro, importado e facilmente exportável (sem asperidade e *fetichismo*<sup>229</sup>), reproduzimos toda sorte de dizeres e fazeres, como se os fossem definíveis<sup>230</sup>, como se técnica nada tivesse a ver com política e a história de seu tempo.

*Nossa geração toda precisa de psicólogo porque a geração anterior também precisava, mas achava frescura.*

[retirado do twitter]

*P.S.: pouca gente sabe disso, mas a terapia online da Eureka continua funcionando 100% mesmo durante o surto do coronavírus. Felizmente, a Eureka consegue manter a saúde financeira e o fluxo de pacientes durante essa época a ponto de precisar de novos psicólogos no sistema. Essa é a oportunidade que você terá na palestra.*

[recebido por e-mail]

*4 aulas online, gratuitas e exclusivas onde vou te mostrar que ser uma psicóloga mais segura, eleva o nível da sua prática profissional.*

[exibido em post patrocinado no instagram]

*Vocês acreditam que a Psicologia está em tudo? (...) Mas como pode estar em tudo se sua história é recente? É, a Psicologia não consegue ser presente na história – como marca – quando deixamos para falar dela só no adoecimento, quando colocamos em último plano a ida ao psicólogo (...).*

[retirado de post em instagram]

Eu, indivíduo, sujeito, objeto, interior, exterior, razão, bom, mau, sério, maduro, memória, humano, reflexão, seguro, compaixão, culpa, amor ao próximo, ciência, conhecer, pesquisar, doutrina, teoria, método, realidade, abordagens, formação, currículo, generalista, Édipo, falta, doença, saúde, humanismo, descrição, humildade, impessoalidade, #psicologiaporamor, #façaterapia, cores, gestos, roupas, palavras, comportamentos, vozes e cheiros *psis*, missão, vocação, mercado, trabalho, cidadania.

A serviço, portanto, de uma suspensão e autopreservação do humano, de um humano suposto, para o qual, na pior das hipóteses, há que se retornar a ele. Neste sentido,

---

<sup>227</sup> Corazza (2010).

<sup>228</sup> Haraway (1995, p.31-32) toma o feminismo como intercessor para pensar em uma objetividade outra, em uma ciência outra, que não se configure como ‘truque de deus’ ao prometer de forma total ou relativa chegar à verdade, a verdade descorporificada. “O feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, da tradução, do gaguejar e do parcialmente compreendido” (p. 31), ou ainda “a objetividade feminista abre espaço para surpresas e ironias no coração de toda produção de conhecimento; não estamos no comando do mundo” (p. 38).

<sup>229</sup> Este conceito será desenvolvido posteriormente.

<sup>230</sup> Em Nietzsche (1887/1998, p. 68) “definível é apenas aquilo que não tem história”.

O humano se configurava aí como algo subterrâneo, um substratum temporalmente perdido e recoberto por uma exteriorização de toda relação imediata e vital, mas destinado, depois da dor da alienação, depois da odisseia da história como “pré-história” ou como “queda”, “exterioridade”, a ressurgir e a triunfar. Daí que vem o cego abandono, confiante ou desesperado, nas forças da razão objetiva, do progresso, da história [e, portanto, da moral]<sup>231</sup>.

O humano, supostamente genuíno e natural<sup>232</sup>, ou, dizendo de outro modo, o humanismo, é consubstancial à racionalidade colonial e mortífera, “é irmão gêmeo da escravidão” e, por sua vez, indissociável do aparecimento da figura do negro, do judeu ou do mulçumano<sup>233</sup>, por exemplo, bem como do sério, maduro, controlado, abstinente,  *muito cristão, muito distinto*<sup>234</sup>. É mortífero.

Todas aquelas e estas palavras *roucas*<sup>235</sup> têm história. Apesar do currículo que se quer *limpo e não-contaminado*<sup>236</sup> se ocupar delas como se fossem verborreias, maduras o suficiente para produzir uma *rouquidão no pensamento*<sup>237</sup>, seus usos e desusos remontam a moralidade e são *sintomas* do que a psicologia silenciou<sup>238</sup>. Qual o cheiro do ar que você respira ao reproduzir todas elas? Ele *fede de tanta mentira*<sup>239</sup>. Posteriormente, acrescenta:

Pois se em nossos dias um psicólogo tem bom gosto (outros dirão integridade), ele consiste em se opor ao modo de expressão vergonhosamente moralidade que enlameia todo juízo moderno sobre o homem e as coisas. Que não haja engano quanto a isso: o que constitui a marca mais característica das almas modernas, dos livros modernos, [do ar moderno], não é a mentira, mas a arraigada inocência de sua mendacidade de moralista<sup>240</sup>.

Não só, de violência também. A imposição de uma *linguagem enferma, automática e automatizada, despovoada, lisa, sem manchas, nem sombras, nem rugas, nem corpo*, se dá pela violência (da hominização e dos contínuos processos de subjetivação). A serviço do gregário, do ordeiro, automatiza o pensamento e produz bocas sem línguas, sem *voz própria*, cheias de

---

<sup>231</sup> Carchia (1977/2020).

<sup>232</sup> Carchia (1977/2020).

<sup>233</sup> Pelbart (2019, pp. 166; 171).

<sup>234</sup> Césaire (2004) citado por Pelbart (2019, p. 178).

<sup>235</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 99).

<sup>236</sup> Silva (2010, p.16).

<sup>237</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 99)

<sup>238</sup> Giacoia Junior (2001, p.27).

<sup>239</sup> Nietzsche (1887/1998, 39).

<sup>240</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 126, grifo meu).

*fungos*<sup>241</sup>. “A língua recebida já não nos serve, nos provoca nojo, e aquela na qual talvez pudéssemos dizer alguma coisa, não a temos ainda”<sup>242</sup> – mas estamos fazendo-a pegar delírio e *desmoronar*<sup>243</sup> aqui e ali.

Serremos os dentes! Vigilantes! Firmes no leme! Naveguemos em linha reta acima da moral! Porém, apesar de tudo decidisses conduzir vossa nau a essas praias, então só vos resta o remédio de manter esse valor, ficar alerta e manter firme o timão. Que importa nosso destino! Nunca até agora encontraram os navegantes, intrépidos e aventureiros — um mar de conhecimentos mais profundos e o psicólogo que faz tais “sacrifícios” (este não é o *sacrificio dell'intelletto*) reclamará como próprio o direito de que a psicologia seja de novo instaurada como rainha das ciências, aquela à qual as demais ciências têm a “obrigação” de servir e preparar, pois a psicologia se converteu de novo no caminho que condiz aos problemas fundamentais.<sup>244</sup>

Mas então o que é moralidade? É a obediência ao conjunto de valores que estão em voga em um determinado período histórico. Ou seja, “moralidade não é outra coisa (e, portanto, não mais!) do que obediência aos costumes, não importa quais sejam; mas costumes são a maneira tradicional de agir e de avaliar”<sup>245</sup>. Assim, não são as experiências vividas pelas pessoas que nos antecederam em um dado período que se constituem como moralidade, mas a indiscutibilidade dos costumes<sup>246</sup> que cria modos de vidas vivíveis, maduros, definíveis, previsíveis, bons e indiscutíveis, em detrimento de modos de vidas não vivíveis, verdes, maus.

Tendo isto em vista, *sob que condições inventou-se no homem aqueles juízos de valor de bom e mau*<sup>247</sup>, pergunta esta que coloca em questão o valor dos valores, percebidos costumeiramente como *dados, efetivos e além do questionamento* e não como *sintoma, máscara*, ou mesmo *causa, inibição*. E se for para usar a chave do sintoma, que ao menos pensemos como:

[...] pássaros que vêm bater seus bicos no vidro da janela. Não se trata de interpretá-los. Trata-se, isto sim, de situar sua trajetória para ver se eles têm condições de servir de indicadores de novos universos de referência, os quais poderiam adquirir uma consistência suficiente para provocar uma virada na situação<sup>248</sup>.

Ao ocupar-se de uma genealogia da moral, o psicólogo pôde nos apontar frutos maduros, a partir dos quais também pode-se sugerir antídotos ou gestos que emperram e barram o funcionamento da fábrica, da moral.

---

<sup>241</sup> Larrosa (2014).

<sup>242</sup> Larrosa (2014, p.87).

<sup>243</sup> “O desmoronamento da linguagem é correlativo à presença terrível e ameaçadora da realidade, da vida, da realidade viva” (LARROSA, 2014, p.106).

<sup>244</sup> Nietzsche (1886, p. 33).

<sup>245</sup> Nietzsche (1881/2016, p. 17).

<sup>246</sup> Nietzsche (1881/2016).

<sup>247</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 9).

<sup>248</sup> Guattari (1992, p. 222).

## 7.1 A subjetivação como projeto moral

[...] porque a formação superior especificamente **fornece um saber sobre o outro** que se entranha na pessoa e faz com ela olhe tudo a partir de um outro lugar, que faz com que às vezes o vazio seja tão grande que não consiga se relacionar com esse outro.  
(R.)

O “homem” moderno é o *fruto mais maduro* da moralidade<sup>249</sup>, da sociedade. O que se entende por humanidade e as faculdades que lhes parecem próprias ou “naturais” são circunscritas no tempo e indissociáveis de valores individualistas e humanistas. Ou seja, somos subjetivados na sociedade, não em termos de interação, mas de *composição e recomposição de forças*<sup>250</sup>, o que implica em dizer que uma variedade de máquinas de subjetivação (*de paixão, prazer, trabalho, consumo, punitivas, curativas, pedagógicas, espirituais, de governo, de esporte, de mercado, etc.*), individualam, aderem à pessoa uma forma psicológica; produzem *efeitos psi*: plantando o lado de dentro do lado de fora<sup>251</sup>.

Notem que a viabilização e reiteração de uma certa política de subjetivação é motor para o empreendimento capitalista. Fabricar almas empresas e (sobre)viventes é um projeto moral sustentado por diferentes máquinas, das quais a psicologia é uma delas e, talvez, a mais visível, por se configurar como uma disciplina que se ocupa explicitamente disto. No entanto, não apenas ela produz *efeitos psi*, ou seja, produz *cenários éticos* onde são administradas relações específicas com o eu, um *projeto de identidade* e de *estilo-de-vida* colado às *racionalidades políticas* neoliberais<sup>252</sup>.

[...] uma pista para o leitor: ligue a tv, leia os jornais, escute no rádio os debates sobre temas do dia-a-dia. Perceba nas entrelinhas das reportagens com profissionais do psi-quismo, com religiosos e artistas famosos. Atente para as falas sobre o sexo, sobre identidades e pestes. Incorporadas em profissionais de prestígio os amoladores de facas circulam dentro e fora da mídia, produzindo a ingênua e eficaz impressão de uma fala individual e neutra<sup>253</sup>.

Portanto, o fornecimento (não sem violência) de um saber sobre o outro implica na produção de subjetividade, em subjetivação. Produzimos corpos ao optarmos por este ou aquele

---

<sup>249</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 49).

<sup>250</sup> Rose (2001, p. 143)

<sup>251</sup> Rose (2001, pp.190;195;180).

O “lado de dentro do lado de fora” refere-se à dobra, conceito que “descreve uma figura na qual o lado de dentro, o subjetivo, é, ele próprio, não mais que um momento, ou uma série de momentos, por meio do qual uma ‘profundidade’ foi constituída no ser humano”. Neste sentido, o sujeito ou o “eu” é uma dobra, como já vimos nos capítulos anteriores.

<sup>252</sup> Rose (2001, pp.190-195).

<sup>253</sup> Baptista (1999, p. 47).

projeto ético. Embriagados pela moral desenhamos corpos, currículos, técnicas, métodos avaliativos, parâmetros de normalidade, critérios de saúde e doença, servimo-nos como *amoladores de faca*<sup>254</sup>, prontos para dispendar canhões ordeiros.

## 7.2 O primado da consciência

*E aí você **termina a formação** e você sabe que **você não sabe mesmo....***  
(L. grifos meus)

A “linguagem, a consciência e a sociedade têm uma origem comum, não são um dado, um fato natural, não sujeito à transformação, ao vir-a-ser, à história”<sup>255</sup> e são, por sua vez, dispositivos *refêns do gregário, identitário e inautêntico*, parentes da moral. Em outras palavras, a necessidade de vida comum (sociedade) implica em uma necessidade de comunicação (de linguagem) e, por sua vez, no desenvolvimento da consciência.

Para tanto, a memória assume uma função *sine qua non* enquanto *limiar inaugural do processo de hominização*<sup>256</sup>, contribuindo para a *travessia titânica de animal errante a homem cultural*<sup>257</sup>. A mnemotécnica, o fazimento de memória, é, provavelmente, *o problema mais inquietante e terrível na pré-história do homem*<sup>258</sup>. Através dela, e em detrimento do esquecimento, a memória se vale do assujeitamento ao/do mundo exterior, gerando um excesso de sentimento, uma consciência. A razão, a seriedade, o domínio sobre os afetos e a reflexão, são adereçados ao bicho-homem por meio da memória, fazendo-lhe um interior, a alma.

A consciência, portanto, a partir desta perspectiva genealógica, não se configura como uma *essência* ou como *núcleo perene da subjetividade*, mas como o resultado de um *processo formativo* de hominização, feito necessário para que o bicho-homem pudesse se comunicar<sup>259</sup>. Além disto, não é recíproca à razão e equivale a *superfície simplificadora* do corpo e seus instintos<sup>260</sup>. A despeito disto, a moral, a metafísica ocidental, afirma um eu essencial como sujeito e unidade da consciência.

---

<sup>254</sup> Baptista (1999)

<sup>255</sup> Giacoia Junior (2001, p. 40).

<sup>256</sup> (Ibid., p.106).

<sup>257</sup> (Ibid., p.115).

<sup>258</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 50).

<sup>259</sup> Giacoia Junior (2001, p. 37).

<sup>260</sup> (Ibid., pp. 26-27).

Com efeito, ao tomar a consciência como prioridade e superior, a psicologia, a ciência, a filosofia e a política tornam-se cativas da perspectiva do rebanho<sup>261</sup>, do tipo cultural do homem moderno, qual seja: fraco, gregário, escravo, ordeiro. O tipo psicológico que nomeia como “moral dos escravos” diz de uma experiência cultural de liberação do sofrimento às voltas com a vedação a uma descarga externa de energia, o que gera ressentimento e implica em uma internalização. Este tipo caracteriza-se ainda pela identificação pela via da negação a um fora, a alteridade, ao outro e seus valores. Logo, vale-se da sobreposição de dois atributos morais (bom e mau), onde o bom se qualifica como *compassivo, humilde, altruísta, que nega a si mesmo* e, o mau, em contrapartida, como *o que agride, ataca, afirma e age*<sup>262</sup>.

Na ciência, na filosofia e na política, este tipo cultural se apresenta pelo “privilégio epistemológico atribuído a conceitos como reação/adaptação”, pelo “privilégio metafísico da razão pura e por seu caráter de teologia disfarçada, que sempre ainda despreza o corpo em proveito da alma” e pela “glorificação do altruísmo e da extensão universal do espírito de rebanho”, respectivamente<sup>263</sup>. Vale dizer ainda que, no âmbito da psicologia, isto aparece também na reciprocidade entre consciência e psiquismo, bem como na sobreposição platônica e cristã entre corpo e alma, mediante a qual o intelecto (ou razão) se estrutura como “núcleo espiritual de nossa subjetividade e superior ao corpo”<sup>264</sup>. Ou ainda, reflete-se na pressuposição ou busca, ainda que não garantida, de uma “objetividade plena do conhecimento e acesso a estrutura ontológica da realidade”<sup>265</sup>, isto é, de uma ciência madura.

A sobreposição do intelecto e, por sua vez, do cognitivismo, acarreta na negação e depreciação *do corpo, do sensível, das paixões, do movimento, do devir, do histórico*<sup>266</sup>, da verdinagem, do delírio, da poesia. Na busca pela essência das coisas, pela “verdade”, pureza e maturidade distancia-se do corpo e sua volubilidade; do *amor* e do *sexo*. O que implica, consequentemente, no terreno da aprendizagem, entendida, portanto, a partir da sacralização da informação e da opinião<sup>267</sup>, da solução de problemas, ou ainda da aquisição de um saber<sup>268</sup>. O cérebro é deus, quando não, é o seu filho primogênito. O pai e o filho são um. O *caminho*, A *verdade* e A *vida*. Repete-se a narrativa cristã-platônica-moral: o corpo é vituperado.

---

<sup>261</sup> (Ibid., p. 43).

<sup>262</sup> (Ibid.).

<sup>263</sup> (Ibid., p. 88).

<sup>264</sup> (Ibid., p. 47).

<sup>265</sup> (Ibid., p. 44).

<sup>266</sup> (Ibid., p. 48).

<sup>267</sup> Barros, Freitas e Chambela (2019).

<sup>268</sup> Kastrup (2005).

Ocorre mencionar que, neste trabalho, aposta-se na aprendizagem como um *processo de produção de subjetividade*<sup>269</sup>, de criação de conexões, de intensidades, de *desterritorialização, dessubjetivação*<sup>270</sup> e *corporificação de conhecimento*<sup>271</sup>. Neste sentido, destaco que o saber e o uso dos registros mnêmicos, operam não pela via do assujeitamento ao/do mundo exterior ou do reencontro com uma “verdade original”, trata-se, em contrapartida, de *articular o corpo com a história*, a ponto de expor o *corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo*<sup>272</sup>. A memória, portanto, cede de mim<sup>273</sup> e não leva a uma compreensão; ela *corta*<sup>274</sup>, problematiza o que passa no corpo-estagiário-psicólogo-pesquisador-branco-perfumado-viado. Faz-se então contramemória<sup>275</sup>.

Assume-se então um compromisso com o contemporâneo, não com a expectativa de uma vida em outra época, ou com uma recordação que retome a origem da interpelação moral em meu corpo, na ciência psi ou na redução de danos, mas com o acompanhamento disto que insiste como um “embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto”<sup>276</sup>, a verdinagem. Que insiste e incide neste(s) rosto(s) um “facho de trevas que provém de seu tempo”<sup>277</sup>, um facho de cotidiano, de gente e de pobreza. Que insiste, incide e *desmorona*.

### 7.3 Sacerdócio psi

*Teve uma mudança de relação, de um vínculo, de se criar confiança e tal, e eu fui percebendo que tinha uma coisa que tava confusa ali, né? Assim, sou redutor de danos, mas sou psicólogo também, como se a gente tem uma certa tendência, eu acho, quando a gente faz curso superior de **tentar classificar ou analisar...** [...] fui numa outra festa em Salvador e foi a primeira vez que eu ouvi falar nessa história de acompanhamento terapêutico, né? ‘olhe a gente vai lá mas a gente vai fazer um trabalho de acompanhamento terapêutico’. Aí tamo lá nessa festa e o pessoal surge com um cara que tava no meio do mato lá, tinha tomado LSD. No meio do mato, todo encabulado e veio ‘ô [seu nome], tu vai acompanhar ele’, ‘legal, [nome do colega], deixa comigo’...*

<sup>269</sup> Kastrup (2005).

<sup>270</sup> Kastrup (2001).

<sup>271</sup> Conceito descrito em Kastrup (2001).

<sup>272</sup> Foucault (1979, p.22)

<sup>273</sup> Referência a Baptista (2013).

<sup>274</sup> “É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (FOUCAULT, 1979, p.28).

<sup>275</sup> “[...] se trata de fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo, ao mesmo tempo, metafísico e antropológico da memória. Trata-se de fazer da história uma contramemória e de desdobrar consequentemente toda uma outra forma de tempo” (FOUCAULT, 1979, p.33).

<sup>276</sup> Agamben (2009, p.69).

<sup>277</sup> Agamben (2009, p.63), ao se ocupar da pergunta, ‘mas o que vê quem vê o seu tempo, o sorriso demente de seu século?’, assinala que o contemporâneo mantém o olhar não nas luzes, mas no escuro, na obscuridade. Escuro ou trevas que não são inseparáveis das luzes, mas, a despeito destas, percebe nas trevas o dorso fraturado deste tempo.

*Aí fiquei com o cara na festa, aí num dado momento o cara vira pra mim ‘cê não tá curtindo né véio, cê não tá dançando’  
E aí essa coisa da mesma classe social, e tá ali numa festa, e eu ‘não, eu tô curtindo, cara, tô aqui com você’, aí senti, inclusive teve uma hora que ele falou ‘tô de boa, pode ir’ assim, sabe? Você tá numa outra relação de redução de danos.  
(J., grifos meus)*

Não é incomum ouvir *psis* que afirmem que há *discursos científicos que não são científicos*<sup>278</sup>, como numa tentativa de denunciar a moralidade explícita em determinadas teorias e manuais médico-científicos, denegando-os. O tema da afirmação, negação e denegação tem um amplo espaço na teoria psicanalítica, sobre o qual gostaria de me valer temporariamente para pensar no que, à primeira vista, parece ser uma negação, mas, trata-se de uma afirmação<sup>279</sup>. Há discursos científicos que **não** são científicos. São ou não são?

Como vimos no tópico anterior, a psicologia e a ciência se fazem cativas da perspectiva do rebanho, do tipo cultural do homem moderno que, inclusive, se identifica pela via da negação. O que está em questão não diz respeito a uma provável denegação, mas, o uso dela denuncia a moralidade na/da ciência mediante os pressupostos de razão pura ou objetividade plena.

Mas isto, o fato de que se trabalhe com rigor na ciência e de que existam trabalhadores satisfeitos, *não* demonstra em absoluto que a ciência como um todo possua hoje uma meta, uma vontade, uma paixão própria da grande fé. Ocorre o contrário, como disse: onde não é a **mais nova manifestação do ideal ascético** - tratando-se então de casos demasiado raros, nobres e seletos para que o juízo geral possa ser mudado -, a ciência é hoje um *esconderijo* para toda espécie de desânimo, descrença, remorso, *despectio sui* [desprezo de si], má consciência - ela é a *inquietação* da ausência de ideal, o sofrimento pela *falta* do grande amor, a insatisfação por uma frugalidade *involuntária*. Ah, **o que não esconde hoje a ciência!** O quanto não deve esconder!<sup>280</sup>

<sup>278</sup> A fala foi de uma psicóloga e pesquisadora que, ao discorrer sobre as diferentes teorias acerca da transexualidade, evidencia os atravessamentos da moral na ciência quando, por exemplo, os aparatos culturais (roupas, acessórios, uso de bonecas etc.) são usados nos manuais médicos-científicos para definir a identidade de gênero. Ainda na oportunidade, ela mencionara sobre alguns pontos-cegos na formação (discussão destas temáticas, divisão cartesiana etc.), no entanto, sugiro outro ponto, cego e maduro: a moralidade na/da ciência.

Oliveira (2015, p.16) fala disto de outro modo: “É possível que nossas práticas profissionais cotidianas sejam amparadas mais por condições sociais, políticas, econômicas e culturais (destacando aqui nossas crenças e nossos valores morais) do que por aquilo que insistimos em considerar como conhecimento científico – este, por sinal, não estaria livre dessas condições, mas insiste em estar. E qual seria o problema aqui? O de acreditar que nossas práticas são eficientes e legítimas por estarem sendo orientadas por uma produção de conhecimento científico? Ou o de desconhecer seus efeitos? Mais: ignorar que produzem efeitos”.

Foucault (1979, p.171-172, grifo meu) contribui também com esta questão ao discorrer sobre as tentativas de atribuição de cientificidade ao marxismo e à psicanálise: “não se deve antes [desta atribuição] interrogar sobre a ambição de poder que a pretensão de ser uma ciência traz consigo? As questões a colocar são: que tipo de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem ‘é uma ciência’? Que sujeito falante, que sujeito da experiência ou de saber vocês querem ‘menorizar’ quando dizem: ‘Eu que formulo este discurso, enuncio um discurso científico e sou um cientista’? Qual vanguarda teórico-política vocês querem entronizar para separá-la de todas as numerosas, circulantes e descontínuas formas de saber?”.

<sup>279</sup> Furtado (2011).

<sup>280</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 137, grifo meu).

Nomeado de “autêntica fatalidade na história da alma do homem europeu” ou neurose<sup>281</sup>, o ideal ascético corresponde a um conjunto de condições de melhoramento da existência humana a partir dos ideais de humildade, pobreza e castidade. Arrimo da seriedade, do ressentimento e da má-consciência, o ideal ascético está a serviço do amortecimento da sensibilidade, mediante o senhoramento da vida, ou ainda, da vontade de poder que, através da força, procura interromper a fonte da força, suspendendo os afetos. Como se faz isto? *Excedendo os sentimentos*<sup>282</sup>, produzindo memória, reflexão, consciência, culpa.

Ocorre de modo semelhante a lógica que me fizera escolher o livro de orações: se *minha pátria não é esta*, mas a do céu<sup>283</sup> e, para tanto, *é necessário que ele cresça e eu diminua*<sup>284</sup>, a vida, por sua vez, passa a ser valorada em termos de *caminho errado*, funcionando como passagem para outra existência<sup>285</sup>, como dotada de um passado a ser desvelado, de uma “verdade” submersa, reveladora e incriminadora.

Dessa maneira, o sacerdote ascético se utiliza do *amortecimento geral do sentimento de vida*, da *atividade maquinal*, da *pequena alegria*, do *amor ao próximo* e da *organização gregária* (comunidade)<sup>286</sup> para fazer do bicho-homem um *animal avaliador*<sup>287</sup>, interiorizado, neurótico, melhorado, disciplinado. Dito de outra maneira, o sacerdote ascético se responsabiliza por tornarmo-nos culpados pela nossa condição, identificando uma causa, uma *culpa*, um *pedaço de passado* em nosso sofrer que deve ser buscado em nós mesmos<sup>288</sup>. Assim, o sofrimento passa a ser *reinterpretado* pela via da culpa<sup>289</sup>, ou até de um individualismo metodológico<sup>290</sup>.

Em conformidade com estes aspectos, vale mencionar que, o sacerdote ascético e, em nosso caso, o sacerdote psi, se ocupa do poder pastoral mediante a “produção de modos de

---

<sup>281</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 132, grifo meu).

<sup>282</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 132).

<sup>283</sup> “Porque este mundo não é nossa pátria; nós estamos aguardando a nossa pátria eterna no céu” Hebreus, 13:14 (BÍBLIA, 1969).

<sup>284</sup> “É necessário que ele cresça e que eu diminua” João, 3:30 (BÍBLIA, 1969).

<sup>285</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 106).

<sup>286</sup> Nietzsche (1887/1998, pp. 125-126).

<sup>287</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 59).

<sup>288</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 130).

<sup>289</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 130).

<sup>290</sup> Refere-se a postura metodológica que “confere ‘prioridade explicativa’ ao plano micro” (indivíduo, agência, ação), em detrimento do nível macro (sociedade, estrutura, sistemas) (SELL, 2016, pp. 326-327).

existir individualizados e servis”<sup>291</sup>. A produção de *obediência*, maturidade, tutela, homogeneização do coletivo e psicologização do mundo funcionam como uma atualização do poder pastoral, sob a égide da salvação humana (transcendência) mediante a fabricação de *um certo modo de existir* (imanência), do robustecimento das tecnologias de controle social e da direção da consciência<sup>292</sup>. Neste *terreno pantanoso*<sup>293</sup>, as disciplinas *psis* adquirem forma.

As disciplinas psi, no sentido que lhes dou aqui, têm feito parte, de forma constitutiva, das reflexões críticas sobre a problemática do governo das pessoas de acordo com, por um lado, sua natureza e verdade e, por outro, com as exigências da ordem social, da harmonia, da tranquilidade e do bem-estar. Os saberes e as autoridades psi têm gerado técnicas para moldar e reformar os eus, as quais têm sido reunidas – em um agenciamento – com os aparatos dos exércitos, das prisões, das salas de aula, dos quartos de dormir, das clínicas... Eles estão presos a aspirações sociopolíticas, a sonhos, a esperanças e a medos, relativamente a questões tais como a qualidade da população, a prevenção da criminalidade, a maximização do ajustamento, a promoção da autodependência e da capacidade de empreendimento. Eles têm sido corporificados em uma proliferação de programas, intervenções sociais e projetos administrativos<sup>294</sup>.

#### 7.4 Outros frutos do Espírito, da Verdade: caridade, cidadania e desejo.

*Porque os princípios da redução de danos e da reforma se articulam com os da democracia e aí, pela primeira vez, eu tinha ferramentas, inclusive, pra fazer essa questão do cuidado, mas o cuidado de ‘eu posso pensar coisas que eu vou me cuidar mas também cuidar do outro no processo’, e no sentido mesmo macro assim de a minha ação aqui na defesa da igualdade também passa pelo cotidiano, e aí eu comecei a desesperadamente ler todas as coisas que achava assim, batia na minha mão e eu lia e hoje eu ainda tenho muita perspectiva de defesa de princípios... A gente tava conversando até essa semana né?, na UAA, que de defender princípios, de falar assim ‘olhe, quando a gente faz tal coisa eu tô defendendo a democracia, eu tô defendendo, porque que eu acho tão lindo a assembleia né? Vou pra assembleia, fico às vezes a manhã toda sentado, quando vou fazer alguma coisa.*

– De Deus?

(Risos)

– Não, não, assembleia do CAPS.

(R.)

*É, eu acho que a provocação que você me faz aqui... é que quando a gente fala assim ‘a gente tá do lado da vida, afirmação da vida, também não é qualquer vida que a gente quer afirmar, né? E quando a gente fala dessa história da democracia a gente fica querendo colar a redução de danos na cidadania e cidadania é sempre sujeição, né?*

– Sim.

– Essa cidadania que a gente aprendeu é se sujeitar, pra eu cuidar do cara ele tem que se submeter às regras sociais...”

(M2.)

<sup>291</sup> Oliveira (2015, p. 67). Em sua tese de doutorado, se ocupa da obediência mediante uma análise da atualização do poder pastoral nas práticas *psis*.

<sup>292</sup> Oliveira (2015).

<sup>293</sup> “Neste solo de autodesprezo, verdadeiro terreno pantanoso, cresce toda erva ruim, toda planta venenosa, e tudo tão pequeno, tão escondido, tão insincero, tão adocicado” (NIETZSCHE, 1887/1998, p. 112).

<sup>294</sup> Rose (2001, pp. 146-147).

Em seu percurso genealógico da moral, Nietzsche diagnosticara alguns sintomas da vida que declina, ou ainda, da vida faltosa, dividida, humilde, controlada e condenada a outra pátria, a saber: a *democracia*, os *tribunais de paz* e a *religião da compaixão*<sup>295</sup>. Ao fazê-lo, aponta, mais uma vez, para a construção de ideais aparentemente dados ou ilesos e, não obstante, para o horror nisto.

De um lado, a caridade apresenta-se como condição para garantia de uma existência melhor: celeste, inodora, pacífica, sem choro ou ranger de dentes e, nos dias atuais, sem ansiedade, tristeza, atenção, crise e errância. Do mesmo, a cidadania, sob a égide da democracia, ancora-nos em outra deidade, o Estado. Seja para tornarmos-nos cidadãos celestes ou terrenos, em ambos há a afirmação de que ao humano falta – falta-lhe lei, falta-lhe “verdade”, falta-lhe direção. Por certo, já não faz diferença em dizer deus ou ciência, seria como trocar seis por meia dúzia<sup>296</sup>. Muito embora, nos dias atuais, sob a égide do comandante atleta Jair Messias Bolsonaro, deus e ciência passem a orquestrar uma nova disputa, da qual temos mais de 250.000 mortos<sup>297</sup> (*in memoriam*), apenas no Brasil. Silêncio e grito.

Em meados de novembro de 2016, quando ainda estagiava no Projeto Redução de Danos, fui ao centro da cidade com uma redutora para fazer algumas visitas. Em uma delas, estávamos à procura dos familiares de um rapaz que era acompanhado pela redutora. Ela dissera que o vínculo com ele fora quebrado após insistir para que ele, diagnosticado com esquizofrenia, pudesse tomar suas medicações. No entanto, para ele, a redutora havia causado a perda da sua conexão com Deus. Parecia ter uma relação paradoxal com a deidade: ora conectava-se com, ora o era. *Por que esta ciência de merda tenta insultar o meu corpo?*<sup>298</sup> Por que roubar minha conexão com Deus?, ele não perguntou, mas poderia. No diário de campo eu perguntei “o que oferece mais ‘recurso’ simbólico e criativo para ele: o delírio ou o medicamento (ainda que precise dele)? Como cuidar de sua saúde sem retirar dele este ‘recurso’? É preciso retirar?”.

---

<sup>295</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 142).

<sup>296</sup> Sousa (2005), em sua tese de doutorado, ratifica e desenvolve essa relação entre a ciência, a religião e a “verdade”. Inclusive, ele as chama de “artigos de fé” e concorda que o que têm em comum é a “verdade” como referência.

<sup>297</sup> Número estimado em 16 de fevereiro de 2021.

<sup>298</sup> Baptista (2017, p. 217) em “Oração de um nenhum a Nossa Senhora dos Desvalidos”.

Não é que a redutora o tenha oferecido o medicamento com violência ou lhe tratado mal, mas que a veridicção<sup>299</sup> médica lhe retirara a conexão com Deus e, talvez, mais ainda, a possibilidade do paradoxo. A “verdade” sobrepõe o paradoxo. O paradoxo é errante, incerto, brincante, delirante, verde. A “verdade” é lógica, objetiva, alcançável, representável, pura, madura, deus. Mas se a “verdade” também é deus, então o rapaz acabou trocando seis por meia dúzia? E ele pôde escolher trocar?

Em outra ocasião, ainda no Projeto Redução de Danos, retorno ao serviço, depois de haver concluído o estágio, para realizar uma devolutiva sobre o período como estagiário. Perguntado sobre o modo como havia sido afetado, conto da (des)aprendizagem de um modo outro de se relacionar com o outro, distante dos parâmetros religiosos. Aprendi, supostamente, a respeitar a diferença e reconhecer os direitos de usuários e usuários de drogas e profissionais do sexo. Eis que, no processo de entrevista para o mestrado, retomo isto e falo em valorização da cidadania, e sou interrompido por outro intrometido: *you trocou um deus por outro*.

A crença na ‘verdade’ e suas gradações intituladas deus, filosofia e ciência tornaram-se parâmetros para todo valor. A lógica tornou-se a base para toda a ciência e a ciência ganhou, entre todas as ‘representantes da verdade’, o estatuto de grande ‘verificadora’ a atestar o que, de fato, era a ‘verdade’. Nesse sentido, não haveria motivo para que, por exemplo, ciência e religião brigassem entre si<sup>300</sup>.

*A minha missão, além de eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade, seja mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então ensinar a mostrar o que eles não sabem, os inocentes, não tem mais inocentes, não tem, tem esperto ao contrário, esperto ao contrário tem, mas inocente não tem não.*

*(...) Vocês é comum, eu não sou comum (...) só o formato que é comum, vou explicar pra vocês tudinho agora, pro mundo inteiro, é chegar o cérebro, o gravador sanguíneo de vocês e o meu eles não conseguiram porque eu tô formato gente, carne, sangue, formato homem, eles não conseguiram, é a bronca deles é essa, do trocadilo, do trocadilo. (...) O trocadilo é amaldiçoado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe o que que ele fez? Mentiu pros homens, seduziu os homens, cegar os homens, seduzir os homens, incentivar os homens e depois joga no abismo. (...) Ele é tão poderoso ao contrário que, eu, até depois de a carne velhinha desse jeito, feinha desse jeito, boba desse jeito e ele ainda quer mais.*

*(...)*

*Tem o controle remoto natural e tem o controle remoto artificial. O controle remoto é uma força quase igual a, mais ou menos igual a luz, a força elétrica, a eletricidade. Na carne e no sangue tem os nervos, e os nervos da carne sanguínea vem a ser os fios elétricos. Agora os deuses são cientistas, técnicos, eles controla, ele vê aonde ele conseguiu, os cientistas, determinados, trocadilos, ele consegue porque o controle remoto não queima, o cientista tem o medidor que controla. (...) É simples, né?*

*(...)*

<sup>299</sup> Pelbart (2013, p. 222), a partir de Foucault, chama de veridicção os saberes especialistas, considerando-os, portanto, articulados às formas de governamentalidade (poderes) e às práticas de si (subjetivação).

<sup>300</sup> Sousa (2005, p. 32).

*Eles ficam dopando quem quer que seja... com um só remédio. Fica me silenciando: quem sabe sou eu. Esses remédios são da quadrilha, dopante, para querer o deus falsário. O trocadilo é ela [diz sobre a psiquiatra]<sup>301</sup>.*

Estamira achara simples. Talvez o rapaz procurado pela redutora também achasse. Ambos falam do trocadilo-ciência, do trocadilo-redução-de-danos, ou ainda, do que lhes cortam: o poder. Estamira o caracteriza bem: seduz, incentiva, controla e ainda quer mais. *Age sobre a conduta, sobre a ação, sobre a possibilidade de agir, incitando, facilitando, dificultando, ampliando ou limitando, inscrevendo comportamentos*<sup>302</sup>. Para fazê-lo, não se opõe à democracia ou à liberdade, pois não é sinônimo de coerção e se efetua entre sujeitos livres, onde preserva-se os sujeitos da ação e seu campo de possibilidades<sup>303</sup>. “O poder não é lá em cima não, é aqui embaixo”, disse Estamira, reveladora da verdade – talvez neste caso sem aspas, não porque revela a “verdade” da verdade, mas porque brinca, delira, faz dela *gato e sapato*<sup>304</sup> –.

Estamira não é muito diferente de Rosa, a mulher que me convidara a falar, entrar e se abaixar. Tanto essa quanto aquela, produzem uma narrativa errante feita denúncia, convite, revelação, dessubjetivação<sup>305</sup>. Não só, assemelham-se também no *cansaço por carregar nos ombros o peso de predestinações que não escolheram, no corpo surrado de tanta esquina*<sup>306</sup>, na vida roçada do *cotidiano brasileiro sem metáforas, sem véus*<sup>307</sup>, mas, hoje, com máscaras, afinal de contas, e você leitora deve saber bem disto: há perigo no contato, no contágio, no vírus – e em mais da metade da população brasileira<sup>308</sup>.

No momento em que usamos máscaras, caem definitivamente as máscaras que encobriam a relação da clínica com a moral e a urgente tarefa em interferir nesse quadro. O humanismo mata! E, crivados pela moral e bons costumes humanistas, os muros para a alteridade estão ainda mais fortalecidos.

---

<sup>301</sup> Estamira (2005)

<sup>302</sup> Foucault (2009)

<sup>303</sup> Foucault (2009)

<sup>304</sup> Expressão popular para tirar vantagem ou desprezar.

<sup>305</sup> Pelbart (2013, p. 228), entre outras coisas, fala em dessubjetivação como o que “arrasta os indivíduos dados para fora de sua identidade constituída, desmanchando ademais fronteiras entre as esferas humana e não humana, animal, vegetal, mineral, mítica, divina. Mas a partir desses devires imperceptíveis nascem sujeitos larvares, múltiplos eus, subjetivações outras”.

<sup>306</sup> Baptista (2017, p. 216).

<sup>307</sup> Baptista (1999, p. 46).

<sup>308</sup> Sant’Anna (2020), frente à desigualdade social que impõe aos pobres mais micróbios do que os ricos, alerta para que lavar as mãos seja “para eliminar micróbios e não para livrar-se de mais da metade da população de um país”.

Durante Fórum Pandemia na Rua, realizado durante este período de isolamento em formato online, um representante da população em situação de rua de Fortaleza disse “a preocupação é com a transmissão”, o que, até então, parecia óbvio: sim, há perigo no contato, no contágio, no vírus. Eis que outro representante, dessa vez de Santos, fala “o vírus somos nós”, anunciando que, apesar da trivialidade em preocupar-nos com a transmissão, a moral asséptica e ascética se preocupa e elege outro vírus: a rua, o povo. Há que se observar ainda que “o vírus do Covid-19 viu a oportunidade que precisava para proliferar ao perceber a homogeneização da organização das vidas humanas”<sup>309</sup>, o que sugere que os muros erguidos para alteridade (e diferença) são veículos de passagem para o vírus; tornando seus presos mais vulneráveis<sup>310</sup>.

E não é que lavar as mãos, utilizar máscaras e manter o distanciamento social sejam medidas descabidas, posto que elas cabem muito bem na lógica asséptica brasileira, revelando o trocadilo: a tragicidade do vírus e a porosidade dos objetos denunciam uma dimensão racial e geopolítica do sofrimento<sup>311</sup>, denunciam a pobreza.

*Trem sujo da Leopoldina  
correndo correndo  
parece dizer  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
Piiiiii*

*(...)  
Só nas estações  
quando vai parando  
lentamente começa a dizer  
se tem gente com fome  
dá de comer  
se tem gente com fome  
dá de comer  
se tem gente com fome  
dá de comer*

*Mas o freio de ar  
Todo autoritário  
Mando o trem calar  
Psiuuuuuuuuu<sup>312</sup>*

<sup>309</sup> Didi-Huberman e Benevides (2020)

<sup>310</sup> Preciado (2020a) assinala que a reclusão das prostitutas, dissidências vivas ao modelo branco-burguês e matrimonial entre os séculos XVI e XIX, as tornou mais vulneráveis.

<sup>311</sup> Sant’Anna; Butler (2020)

<sup>312</sup> Poema “Tem gente com fome” do Solano Trindade (1988).

O freio de ar, o trocadilo, a fábrica e a produção pré-crise não contavam com Estamira, Rosa, Solano ou Tistu. Eles não calaram, não calam. E calar, ao menos aqui, carrega uma duplicidade oportuna: relativo à ação de não falar e à ação de um atrito repetitivo que causa calo. Retomemos, assim, Manoel de Barros ao dizer que a pobreza *faz amargar*<sup>313</sup>.

Ao dizer isso, vale ressaltar por quais caminhos não escrevo: não me valho da pobreza como um conceito indissociável da deficiência de renda, para a qual existem linhas de pobreza (da absoluta à subjetiva), tampouco como privação de capacidades básicas, para a qual desenvolvimento e liberdade são sinônimos<sup>314</sup> – lembremos da liberdade dentro da Ordem –. Assim como, ao tomar o poema de Solano como intercessor, não me valho de um conceito de pobreza vinculado à fome, seja total (inanição) ou parcial (restrição constante de elementos nutritivos)<sup>315</sup>, nem a pluralidade de fomes<sup>316</sup> ou a relação, quase que imediata nos meios midiáticos, entre o povo de rua e fome.

Acrescento ainda que também não se trata de um trabalho que versa sobre a pobreza a partir dos recortes mais encontrados: atendimento à população pobre; estrato da população para aplicação de testes e intervenções; descrição; consequências da pobreza ou mesmo adaptação do atendimento e técnicas psis<sup>317</sup>. Ainda que, sob uma ótica madura, se avizinha a este último, se trata, em contrapartida, de um processo formativo que, no encontro com a pobreza, ou ainda, com a precariedade da vida<sup>318</sup>, produz contornos que borram o capital, a fábrica, a empresa, o

---

<sup>313</sup> Barros (2010, p. 27).

<sup>314</sup> Moura Júnior, Cidade, Ximenes e Sarriera (2014) analisam as concepções de pobreza, para as quais agrupam duas perspectivas: a unidimensional, segundo a qual a falta de dinheiro é tomada como indicadora de pobreza, diferenciando em linhas distintas (absoluta, relativa, administrativa e subjetiva), e a multidimensional, que percebe a pobreza como atrelada ao âmbito social e não apenas monetário. Os autores sugerem uma afinidade com a última perspectiva e destacam nela a Abordagem das Capacitações, do economista Amartya Sen. Muito embora compreendam que a visão de pobreza como indissociável da falta de dinheiro é limitada, os autores corroboram com a perspectiva amartyaseniana do desenvolvimento como liberdade, que também é limitada, haja vista que reduz “a ideia de liberdade ao nível da ação do sujeito, a ausência de restrições no campo da escolha e no uso das capacidades dos agentes” (MÁXIMO, 2013, p. 66), afirmando, portanto, uma lógica de desenvolvimento nos marcos do capital, sem interferir ou considerar os determinantes sociais. O que não difere da atuação *psi* humanista, caridosa e cidadã.

<sup>315</sup> Castro (1984).

<sup>316</sup> Camim, Porto Júnior, Moura Júnior e Bagolim (2016) falam em fomes (no plural) para referir-se a vergonha, humilhação e injustiças vivenciadas também pelos pobres, diferenciando ou acrescentando elementos a ideia de fome como insegurança alimentar.

<sup>317</sup> Dantas, Oliveira e Yamamoto (2010)

<sup>318</sup> Butler (2017) disserta sobre a precariedade como uma condição política e ontológica de exposição do corpo ao perigo, assinalando que há corpos que são mais elegíveis como precários que outros.

freio de ar, a cidade e a ciência; *desmorona-se* e não adapta-se<sup>319</sup>, colocando em questão conceitos como *universalidade*, *transformação social*<sup>320</sup>, ou cidadania, ou mesmo caridade – em suas versões ascéticas, científicas e liberais, a saber: humanismo, empatia e #psicologiaporamor.

Se trata, ainda, de um encontro-feito-processo distante da lógica asséptica, ascética, liberal e humanista, que escapa à Ordem, aos marcos do capital, não se circunscrevendo à prescrição de modos de vida, sejam eles Baseados em Clarividência, em Evidência, ou em Redução de Danos.

*Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.  
(...)  
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes*<sup>321</sup>

*Conheci muitas pessoas interessantes, histórias de vida que fizeram mudar muitas coisas a partir do meu olhar e desse lugar de psicologia, que psicologia é essa? Então o que é que a redução de danos tem pra me, pra trazer pra psicologia? Porque se vocês perguntassem de fato, se isso fosse algo muito fechado, eu não poderia tá aqui porque eu nunca trabalhei como psicóloga e redução de danos, porque eu era redutora de danos e psicóloga. Dois vínculos diferentes.  
(D.)*

*E sempre tinha alguém [estudante] que falava ‘não vi nenhum usuário de drogas’, porque as pessoas tinham no imaginário que iam chegar lá e as pessoas iam tá fodidas na mer..., tá usando alguma coisa, né? Estavam ali em contato com várias pessoas, mas não conseguiam ter esse alcance, né?, eram míopes pra poder perceber que tavam lidando ali... O que é redução de danos traz é justamente que... essa provocação no olhar, que não é o olhar o usuário de drogas, é olhar o sujeito, esse encontro com o sujeito que tá colocado ali e nesses encontros uma mudança que me marcou muito foi que me chamavam muito de alemão porque eu era o branco, de classe média, loiro, então era o alemão. Um dia quando um cara me chamou de gailego eu falei ‘mudou’.  
(J., grifo meu)*

Antes de seguir escrevendo, desta vez sobre o processo formativo com o qual escrevo e sou mudado, volto à fala acima “*é olhar o sujeito, esse encontro com o sujeito que tá colocado ali*”, dita também por outra entrevistada “*respeitar o outro acima de tudo, o desejo do outro,*

---

<sup>319</sup> Seguindo o rastro da adaptação, vale retomar algumas considerações em Butler (2009, p. 20, grifo meu): “o problema não é apenas saber como incluir mais pessoas nas normas existentes [está para adaptação], mas sim considerar como as normas existentes atribuem reconhecimento de forma diferenciada. Que novas normas são possíveis e como são forjadas? O que poderia ser feito para produzir um conjunto de condições mais igualitário da condição de ser reconhecido? Em outras palavras, o que poderia ser feito para mudar os próprios termos da condição de ser reconhecido a fim de produzir resultados mais radicalmente democráticos?”.

<sup>320</sup> Dantas, Oliveira e Yamamoto (2010).

<sup>321</sup> Música AmarElo do Emicida (2019), em recomposição com Belchior, Majur e Pablo Vittar.

mesmo” (L.), pois, como o dissera mais acima, também experimentei disso, nestes termos e efeitos<sup>322</sup>.

Tomo os termos *olhar o sujeito e respeitar o desejo do outro* como consubstanciais e leio-os como prenúncio de uma cumplicidade afetiva com a ascese que o outro desenha para si no encontro com os(as)(es) psicólogos(as)(es) redutores – e não com o ideal ascético da abstinência, para o qual os desejos e afetos precisam ser suspensos para garantia da sobriedade e da salvação, não necessariamente do corpo, pois já o fora condenado, mas do espírito. *A carne é fraca*<sup>323</sup> –. No entanto, esses termos não são ilesos à moral que embriaga e alucina, eles também podem ser imbuídos de mistificação, e o são.

Primeiro, por ascese e ideal ascético, refiro-me à *ascese afirmativa* e à *ascese negativa*<sup>324</sup>, respectivamente. Essa última diz da crença no *além-vida*, na *metafísica*, na verdade, no dualismo. Tem repulsa à *falta de sentido*, ao *‘absurdo’ da vida*, preferindo, assim, se valer dessas crenças póstumas, verificáveis e verificadoras. Não é a vida que importa, mas a “verdade”, seja na versão cristã em um novo céu e uma nova terra em Cristo, seja na científica e filosófica que aponta na “verdade” a sua finalidade e parte de um a priori “verdadeiro”. Desse modo, este tipo cultural se ocupa de uma *“vida ideal”*, ilesa, mística, madura e objeto da verdade<sup>325</sup>.

Se, por drogas, dizem das substâncias que interferem e agenciam os sentidos, percepções e ações de quem usa, ou que seu uso está às voltas com uma falta que brinca de pique-esconde, valho-me dessas associações *psis* e clichês, ao menos aqui, para apontar uma droga letal, lícita, apátrida, ecumênica e viciante que também reifica, agencia, individua, civiliza e assume uma dinâmica de presença-ausência: a verdade. A verdade é moral. A moral padece da verdade.

– São esses canhões, Tistu, que fazem a riqueza de Mirapólvora – exclamou com orgulho o Sr. Trovões. – Podem demolir, a cada tiro, quatro casas tão grandes como a sua.  
Essa notícia não pareceu inspirar a Tistu o mesmo orgulho.

---

<sup>322</sup> Retomo e adenso aqui o *efeito psi* em Rose (2001) para afirmar a indissociabilidade entre as teorias de subjetividade e o núcleo interior que produzem e mantêm, entre as disciplinas psi (seja psicologia, psicanálise, alcóolicos anônimos, redução de danos etc.) e seus produtos – que ocupam extensivamente, em/no tempo e espaço, as próprias disciplinas que os originam.

<sup>323</sup> “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca” Mateus 26:41 (BÍBLIA, 1969).

<sup>324</sup> Sousa (2005, p. 26-29).

<sup>325</sup> Sousa (2005).

*Então, pensou ele, a cada tiro de canhão, quatro Tistu sem casa, quatro Carolo sem escada, quatro Amélias sem cozinha... Então é com essas máquinas que se perde o jardim, o país, a perna, ou alguém da família... Esta é a verdade!*<sup>326</sup>

Ainda no escopo do ideal ascético ou ascese negativa, pode-se acrescentar que o desejo, a contragosto do que as afirmações em análise (“olhar o sujeito” e “respeitar o desejo do outro”) parecem sugerir, em si mesmas, pode estar colado à política hegemônica do desejo, qual seja, a micropolítica reativa<sup>327</sup>. Nesta posição, a *subjetividade é reduzida à sua experiência como sujeito*, olha-se **um sujeito** e respeita-se o **seu** desejo. Semelhante à moral, à verdade, o desejo também é arma, e vale dizer que estes termos e efeitos são consubstanciais, embora vazem, especialmente o último. Dito de outra forma, o desejo também é capturável.

Em vez da força das armas militares, as armas de que se utiliza o capitalismo globalitário são de duas ordens: a força pulsional e seu porta-voz, o desejo, sua arma micropolítica, articulada a uma aliança com as forças políticas locais mais reativas, sua arma macropolítica<sup>328</sup>.

A restrição ao sujeito, ou seja, aos conhecimentos, sentidos e percepções próprias da forma-sujeito, operada nesta posição do desejo, contribui para a conservação do *status quo*, para a manutenção do plano vigente, submetendo-se, assim, ao regime do inconsciente colonial-capitalístico ou colonial-cafetinístico – à apropriação pelo capital da vida e do viver –. Afinal, como já sabemos, a subjetivação também é um projeto moral. Outrossim, o desejo pode ser conduzido por uma bússola moral<sup>329</sup>, apontando sua agulha para o que já é conhecido, familiar, ileso, para um hemisfério, um caminho, uma fôrma institucional, reduzindo subjetividades *a esqueletos de uma retórica seca e vazia, destituída da carne de um corpo vivo*<sup>330</sup>, vociferando *ecos, discursos-clichê e palavras alheias envoltas numa aura de verdade*<sup>331</sup> (da ciência, do consumo de drogas, do cuidado, do sujeito, da psi, da formação).

Em contraposição ao escopo da ascese negativa e da política do desejo na posição micropolítica reativa, a ascese afirmativa se desenha no encontro com o vida e o viver, não estando, portanto, preocupada com a “verdade, mas com o equívoco de pensá-la como única perspectiva diante da qual todas as outras devem ser avaliadas”<sup>332</sup>. É uma *ascese da vida*, não

---

<sup>326</sup> Druon (1976, p. 50).

<sup>327</sup> Rolnik (2019)

<sup>328</sup> Ibid., (p. 81)

<sup>329</sup> Ibid., (p. 66)

<sup>330</sup> Ibid., (p. 73)

<sup>331</sup> Ibid., (p. 74)

<sup>332</sup> Sousa (2005, p. 27)

contra a vida<sup>333</sup>. É da vida e sua potência de criação e diferenciação que se ocupa, não carecendo de paraísos ou a prioris. *A crença no paraíso é uma droga*<sup>334</sup>.

Nesse sentido, a política de ação do desejo exerce uma posição desviante em relação ao regime do inconsciente colonial-capitalístico. Diferente da micropolítica reativa, esta posição ativa não é orientada por uma bússola moral, mas ética, onde se aponta para a vida e não para quaisquer hemisférios previamente dados, criando, assim, uma diferença do que está posto no regime vigente<sup>335</sup>, nomeado como antrope-falo-ego-logocêntrico. Desejo, aqui, está às voltas com o movimento de “conservação da vida em sua potência de germinação”<sup>336</sup>. O desejo e o polegar de Tistu têm em comum a possibilidade maquínica de fazer germinar, de verdenejar, de insurgir.

– Meu filho – disse enfim, após madura reflexão – ocorre com você uma coisa extraordinária, surpreendente! Você tem polegar verde...  
– Verde! – exclamou Tistu muito espantado. – Acho que é cor-de-rosa, e até que está bem sujo! Verde coisa alguma! Olhou seu polegar, muito normal.  
– É claro, é claro que você não pode ver – replicou Bigode. – O polegar verde é invisível.  
A coisa se passa por dentro da pele: é o que se chama um talento oculto. Só um especialista é que descobre. Ora, eu sou um especialista. Garanto que você tem polegar verde<sup>337</sup>.

No entanto, neste caso, diferente do polegar verde, não há mistério nem interioridade. Não se passa dentro da pele, mas à flor da pele, na pele pueril encarniçada de mundo. Tampouco precisa de especialistas, pois, *quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare*<sup>338</sup>. A verdinagem é a (re)ativação das virtualidades, não é como aprender uma coisa nova, mas como desaprender a aprendizagem, recuperando o verde em nós, a capacidade de diferir, experimentar – “ali onde ela [a vida] se encontra em estado mais embrionário, onde a forma ainda não ‘pegou’ inteiramente, e a atração irresistível que exerce esse estado de **Imaturidade**, no qual está preservada a liberdade de ‘seres ainda por nascer’”<sup>339</sup>. É recuperar o *genital inato* e *recusar o nascimento biológico*, a maturidade, não porque não se quer viver, mas porque nascer de novo é uma exigência que não cessa<sup>340</sup>, uma exigência “para recriar um corpo que tenha o poder de começar”<sup>341</sup>.

---

<sup>333</sup> Ibid.

<sup>334</sup> Rolnik (2019, p. 96)

<sup>335</sup> Ibid.

<sup>336</sup> Ibid., p. 56)

<sup>337</sup> Druon (1976, p. 22)

<sup>338</sup> Barros (2000)

<sup>339</sup> Pelbart (2013, p. 31, grifos meus)

<sup>340</sup> Pelbart (2013, p. 33)

<sup>341</sup> Pelbart (2013, p. 33)

Portanto, em detrimento da moral e seus efeitos ascéticos, assépticos, *psis*, *fabris*, *roucos* e *clichês*, aposta-se em uma ascese outra, que afirme **uma vida**: neutra, desnudada<sup>342</sup>, imoral. “Toda vida é desnudamento, abandono das vestimentas, dos códigos e dos órgãos; não que nos dirigimos para um buraco negro niilista. Mas ao contrário para sustentar-se no ponto em que se intercambiam atualização e virtualização; para um ser criador”<sup>343</sup>. Neste ponto, a vida dá ponto, não a moral ou a formação. Aliás, ela emprenha na formação uma *experiência-limite*<sup>344</sup>: uma dessubjetivação.

## 7.5 Eficácia e validação: a fruta reluzente e o broto

– *O senhor é a favor de quem, Sr. Trovões? – perguntou Tistu, fazendo grande esforço para ser ouvido naquele alarido que os cercava.*  
– *O quê?*<sup>345</sup>

O Sr. Trovões continua o diálogo e responde, no entanto, prefiro insistir na pergunta gaguejante, semelhante a que faço quando não consigo escutar com nitidez o que o outro me conta, ou quando espero que adense mais o conteúdo. *O quê?* Em Mirapólvora, Tistu aprendeu que os Voulás e Vaitimboras, situados à direita e à esquerda de um imenso deserto, disputavam o direito à posse e exploração do petróleo soterrado nele. A disputa gerava lucro a Mirapólvora e a fábrica do seu pai, que embora tivesse um lado preferido, vendia canhões para os dois, pois, importava-lhe comercializar. *A economia não pode parar*, é o que diz Bolsonaro. No entanto, parou, ao menos do modo como a conhecíamos. E a disputa, também parou?

*Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão.*

*Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Tomos nós iremos morrer um dia.*

---

<sup>342</sup> Pelbart (2013, p. 33-34). Vale dizer que “uma vida” é um conceito desenvolvido com Deleuze e que “neutro” não tem relação com neutralidade, mas com a rejeição de qualquer categoria.

<sup>343</sup> Pelbart (2013, p. 34)

<sup>344</sup> “A fenomenologia trata de apreender a significação da experiência cotidiana para reencontrar, através dela, o sujeito fundador dessa experiência e de suas significações, na sua função transcendental. A experiência tal como Foucault a entende, em contrapartida, na linhagem dos autores mencionados, não remete a um sujeito fundador, mas desbanca o sujeito e sua fundação, arranca-o de si, abre-o à própria dissolução. Em suma, a experiência-limite é um empreendimento de dessubjetivação” (PELBART, 2013, p. 208).

<sup>345</sup> Druon (1976, p. 50)

*Essa é a preocupação que eu tenho. Se a economia afundar, afunda o Brasil. E qual o interesse, em parte, com toda certeza, dessas lideranças políticas? Se acabar a economia, acaba qualquer governo. Acaba o meu governo. É uma luta de poder.*

*Mas acreditamos nos médicos, enfermeiros, pesquisadores, e esse Reuquinol [nome comercial da hidroxicloroquina no Brasil], se Deus quiser, vai ser confirmado como remédio para curar a covid-19. E com o remédio, vai embora essa histeria implantada pelo Brasil. Que não foi implantada pela imprensa, foi o Papai Noel, o Saci Pererê.*

*Aplica logo [a hidroxicloroquina], pô. Sabe quando esse remédio começou a ser produzido no Brasil? Ele começou a ser usado no Brasil quando eu nasci, em 1955. Medicado corretamente, não tem efeito colateral.*

*Tem que deixar de ser um país de maricas.*

*Mesmo que houvesse uma segunda onda [de Covid-19], é só fazer tratamento precoce. Conversa com o médico, tem três medicamentos para outras coisas que servem também para combater a Covid, que a princípio se resolve o assunto.*

*O tratamento precoce é o ideal. Sentiu sintoma, vai no médico. Vem alguns dizerem que [a hidroxicloroquina] não tem comprovação. Eu sei, mané.*

*[...] ninguém pode ser obrigado a tomar a vacina.*

*Eu não posso obrigar ninguém a tomar vacina, como um governador um tempo atrás falou que ia obrigar. Eu não sou inconsequente a esse ponto. Ela tem que ser voluntária, afinal de contas, não está nada comprovado cientificamente com essa vacina aí.*

*[...] se você virar um jacaré, é um problema seu.*

Jair Messias Bolsonaro, presidente da república [falas retiradas da internet<sup>346</sup>].

Parece-me evidente que, entre os discursos generificados, mortíferos e quase amartyasenianos (*desenvolvimento como liberdade*<sup>347</sup> ou, nesse caso, liberdade para desenvolver, quando desenvolver e “livrar-se de mais da metade da população de um país” são sinônimos), há uma tônica prescritiva de condutas morais no âmbito de saúde e o interesse pela comprovação científica, pela eficácia da vacina, em nome da saúde. E é este o ponto que merece destaque nesta seção.

Encontrei com três profissionais do Consultório na Rua com as quais estagiei. Foi um encontro de cuidado, onde, na oportunidade, fui eu o cuidado. Informadas do falecimento da minha Dona Mamãe, me convidaram para um encontro num grande parque da cidade. Lá, com muitas mãos, óleos essenciais, música e prosa, pude deitar sobre os panos trazidos por elas e receber cuidado – pelo *reiki*, pela vida no encontro. Em uma de nossas conversas, me contam das peripécias do trabalho, das partidas e das chegadas. Uma, em especial, durou: alguns dos

<sup>346</sup> UOL (2020); BBC (2020); Mazui, Pinheiro e Garcia (2021); Ribeiro (2021); Jucá (2020).

<sup>347</sup> Ver mais em Máximo (2013). Comentei brevemente em nota de rodapé na página 86.

profissionais (médico e residentes) passaram a questionar a *eficácia terapêutica* do que faziam. *É o quê?*

Não é novidade a tentativa de utilização deste conceito-dispositivo como mecanismo de invalidação do trabalho em saúde realizado na perspectiva da atenção psicossocial, antimanicomial e redução de danos, mesmo porque “operar em superfícies não submetidas à moral e à contrafissura”<sup>348</sup> incide na adoção de políticas cognitivas, relacionais e de subjetivação outras. A saber pelo percurso nietzscheano e pelo desmoronamento do meu corpo, dar-se conta da “arraigada inocência da mendacidade de moralista”<sup>349</sup> não se faz sem transpiração e expurgo.

*Saia de mim como suor  
Tudo que eu sei de cor  
Saia de mim como excreto  
Tudo que está correto  
[...]  
Saia de mim como um peido  
Tudo que for perfeito  
Saia de mim como um grito  
Tudo que eu acredito  
Tudo que eu não esqueça  
Tudo que for certeza  
Saia de mim vomitado  
Expelido, exorcizado  
Tudo que está estagnado  
Saia de mim como catarro  
Espirro, pus, porra, sarro  
Sangue, lágrima, catarro  
Saia de mim a verdade*<sup>350</sup>

Outrossim, também não é novidade o escopo na saúde, quando, por exemplo, o enfrentamento ao *simulacro da epidemia de crack* passa a se redirecionar como um problema de saúde ao invés de segurança, suprimindo que “uma das raízes do proibicionismo foi precisamente a autoridade médica moral”<sup>351</sup>. E nisto reside uma pista: “tudo é perigoso porque a moral está por todos os lados [...]”<sup>352</sup>. A moral está na fantasiosa espera presidencialesca pela comprovação científica da vacina, e também está na expectativa madura dos profissionais do Consultório na Rua pelo testamento de eficácia terapêutica. Não percamos de vista que a ciência também é uma moral ascética, da qual a eficácia é a fruta mais reluzente do supermercado.

---

<sup>348</sup> Lancetti (2015, p. 68)

<sup>349</sup> Nietzsche (1887/1998, p. 126).

<sup>350</sup> Música “Saia de mim”, do Titãs (1991)

<sup>351</sup> Lancetti (2015, p. 28)

<sup>352</sup> Paulon (2006, p. 134)

No entanto, vale dizer (e como vale!) que, como este trabalho acompanha um processo formativo às voltas com a fetichização e hibridismo, e não com uma verdade monoracionalista<sup>353</sup>, juntos deviremos-jacaré. Até lá, sugiro antídotos para a moral ou, dizendo de outro modo, pistas parciais para uma validação do trabalho/pesquisa/formação cartográficos, verdes e imoralistas, a partir do entendimento de validação como

[...] avaliar suas avaliações, isto é, confirmar ou corroborar tanto os procedimentos e seus efeitos, quanto as diretrizes com as quais a pesquisa se orienta. Se a validação é uma avaliação da pesquisa realizada, ela deve partir da **orientação ou diretriz** do trabalho de investigação<sup>354</sup>.

- 0) Entrar e se abaixar.
- 1) Dar passagem a pensa do corpo, com rigor.
- 2) Gaguejar – uma linguagem, uma(s) teoria(s), uma(s) técnica(s).
- 3) Infantilizar – uma(s) história(s), uma vida, uma (des)razão.
- 4) Colocar o corpo no sol, inseguro do risco incurável de feder a gente.
- 5) Não sair ileso.
- 6) Descolar a retina – visão e poder são fraternos.
- 7) Fugir da compaixão, da caridade.
- 8) Não se apaixonar – pela verdade, pelo poder, pela Disciplina, pelo paraíso, pela terapêutica.
- 9) Insistir na potência escorregadia e viva da encruzilhada.
- 10) Levar e levar-se ao limite em estado verde: de germinação, multiplicidade, desnudamento e puerilidade.

O que se alcança acompanhando-as?

E por quanto tempo o que se alcança pode durar?

*É o quê?*

---

<sup>353</sup> Ver mais em Rufino Júnior (2018)

<sup>354</sup> Passos e Kastrup (2013, p. 392, grifo meu)

## 8. No qual Tistu é mandado à escola, onde não fica. Já Felipe, fica.

Até os oito anos, Tistu foi escolarizado em sua própria casa por sua Dona Mamãe, que se incumbia de lhe familiarizar com as letras e números, no entanto, ao completar oito anos, sua mãe acreditou que havia terminado sua tarefa e deveria *confiar Tistu a um professor de verdade*.

Esse momento deve ter tido uma ritualística muito comum a que ainda acontece hoje: matrícula, compra de farda, escolha do material escolar, compra de livros e, *voilà*, pronto para ir à escola. Tistu fora cheio de vontade, como muitos o fazem. Recordo que participei de um diálogo dia desses com a turma do quinto ano da escola em que trabalho como psicólogo escolar, e falávamos sobre a transição de série. A professora da turma convidou uma ex-aluna da escola para falar sobre sua transição e, na oportunidade, as palavras animação, mudança, amizades e adaptação tiveram destaque. Todos(as) estavam atônitos(as) para saber como fazer amigos(as), como fora o primeiro dia, a quantidade de professores (não mais tias ou tios), entre outras coisas. Talvez tenha sido assim também com Tistu.

Ele fora para a escola *cheio de vontade*. Suponho que com algumas questões semelhantes às da turma que ouvi. No entanto, a aula lhe dera sono. Sim, por mais que se esforçasse, cantarolasse e tivesse vontade de estar ali, não conseguia se manter acordado. Zzz. Eis que a voz do professor irrompe: *Tistu! Não foi de propósito, professor*, respondeu ele. *Não interessa. Repita o que acabo de dizer*, contrapõe professor. *Seis empadas... divididas por duas andorinhas*, diz ele. Seu professor sabia, de cor e salteado, o que lhe responder: *zero!*

Recebeu zeros e ficou de castigo, até que seu professor de verdade enviara uma carta a seu pai lhe dizendo “Prezado Senhor, o seu filho não é como todo mundo. Não é possível conservá-lo na escola”. No livro conta que em Mirapólvora a preocupação se chamava *não é como todo mundo*, assim como menciona que era possível ouvir a sirene da fábrica vociferar o mesmo mantra *não é como todo mundo*, tampouco eu o era com meus gestos *viados* e pueris. Isto não é novidade quando sabemos que, no âmbito de uma abordagem tradicional da educação, ou de sociedade, *todo mundo* é sinônimo de unidade, universalidade e adesão a uma moral excludente e hegemônica, a um projeto político educacional específico, reproduzível, homogeneizante, maduro e continente: *cabeça, ombro, joelho e pé, joelho e pé*. Ou ainda, *cabeça, tronco, ombro, lápis, rodas, celulares...*

Por isto mesmo, não é só em Tistu que a escola produz *resultados imprevisíveis e lastimáveis*, Felipe também o sentira. Rubem Alves, em parceria com Maurício de Souza, escreve o livro “Pinóquio às avessas”, onde conta a *estória* (será?) de um *menino de carne de osso que à medida que estuda na escola vai virando outra coisa*<sup>355</sup>, contrariando a narrativa em Pinóquio no qual as crianças nascem de pau e só viram crianças de verdade ao passarem pela escola. *Crianças de verdade. Professor de verdade.*

– Pinóquio era um bonequinho de madeira. Não era um menino de verdade. Para se tornar um menino de verdade, ele teria de ir à escola. Pinóquio fugiu da escola, preferiu brincar. Ai lhe cresceram orelhas e rabo de burro. Quem não vai à escola fica burro. Ainda bem que a Fada Azul veio em seu auxílio. Se não fosse por ela, ele teria ficado burro pelo resto da vida. Passaria a vida puxando carroças. É preciso ir à escola para não ficar burro, para ser gente de verdade... Os olhos de Felipe já estavam fechando de sono. Seu pai lhe deu um beijo, e o menino adormeceu repetindo o que o pai lhe dissera: “É preciso ir à escola para não ficar burro, para ser gente de verdade”. E pensou “Ainda não fui à escola. Ainda não sou gente de verdade...” E adormeceu. E teve um pesadelo terrível. Sonhou que era um burrinho puxando uma carroça...<sup>356</sup>

Felipe, ao nascer, não fora trazido pela cegonha, como contam as histórias clássicas para crianças dormirem e não saberem sobre sexo. No entanto, se assim o tivesse sido, talvez a cegonha não desse conta de trazê-lo para seus pais. Felipe não chegara só. Não tinha irmão gêmeo, se é o que pensou, mas, desde cedo passara a conviver com uma enxurrada de expectativas e *planos para o seu futuro: muito inteligente, muito bom aluno, com notas boas, entraria na universidade e seria um cirurgião famoso, um grande cientista ou um bem-sucedido administrador de empresas*<sup>357</sup>. Acrescento ainda que seria cisgênero, hétero, casado, cristão e pai de dois filhos(as), de preferência um menino e uma menina. E tudo isto acompanhado de superlativos, claro.

Por outro lado, Felipe *nada sabia sobre os planos e sonhos dos pais para seu futuro*<sup>358</sup>, ocupava-se apenas com o presente, acompanhado de uma curiosidade pueril, semelhante a uma coceira dentro da cabeça ou às cócegas em Tistu. Interessava-lhe as perguntas chãs, o que lhe tomava o corpo, o que alargava os seus olhos: *Quem inventou as palavras? Por que é que canteiro se chama canteiro? Deveria se chamar planteiro. Quem foi que disse que o nome do cavalo deveria ser cavalo? O que o mar faz quando a gente vai dormir? Para onde vai a lua quando ela desaparece? Quando a gente morre a gente fica com saudades?*<sup>359</sup>

---

<sup>355</sup> Alves e Sousa (2010, p. 8)

<sup>356</sup> Ibid. (pp. 10-11).

<sup>357</sup> Ibid. (p. 12).

<sup>358</sup> Ibid. (p. 13).

<sup>359</sup> Ibid. (p. 14-15).

Suas perguntas não pareciam ser para gente grande, muito embora seus pais insistissem em afirmar, quando não sabiam responder, que na escola ele aprenderia. E isso ajudou Felipe a construir uma ideia da escola como um espaço maravilhoso onde suas perguntas teriam respostas. Contudo, seu fascínio mesmo era pelos pássaros, *queria saber seus nomes*, possuía um álbum com fotos e desejava saber sua linguagem, ao menos essa: *a que cabia na boca de passarinhos*<sup>360</sup>. Mas seu pai insistia em lhe fazer perguntas de gente grande e exigir respostas que acompanhassem essa lógica: *O que é que você quer ser quando crescer?*, pergunta. *Quando eu crescer quero continuar sendo o que já sou: Felipe! Não quero ser outra pessoa! Não quero mudar de nome*<sup>361</sup>, responde. Parecia óbvio para Felipe, mas não para seu pai, já maduro, que sorri ao ouvi-lo, como se sua resposta fosse banal – e, de fato, o era, banal, verde –.

Outras crianças, diferentes de Felipe, querem ser outras coisas, outras pessoas, outros entes, aqui e agora. Lá na escola as professoras também fizeram essa pergunta aos alunos de cinco anos prestes a formarem-se em abc e as respostas apontavam para os desenhos animados, heróis e heroínas. Ao que prontamente, suas professoras refizeram as perguntas e lhes instruíram a escolher profissões, como também o fizera o pai de Felipe. É proibido cochilar e imaginar.

*É claro que você vai continuar a ser Felipe. Mas, quando crescemos, ficamos diferentes. Agora você é criança. As crianças brincam. Quando você crescer, deixará de ser criança e se transformará em adulto. Os adultos trabalham. Assim é a vida. É preciso trabalhar para ganhar dinheiro, para comprar uma casa, casar, ter filhos. É por isso que, quando alguém lhes pergunta “O que você é?”, os adultos respondem: “Sou professor, médico, advogado, engenheiro, mecânico...” Os adultos são aquilo que fazem para ganhar dinheiro. Essa é a razão porque você em breve vai entrar na escola. As escolas existem para transformar crianças que brincam em adultos que trabalham. É preciso entrar no mercado de trabalho...*<sup>362</sup>

Felipe se interessara, *queria ser adulto*<sup>363</sup>. E, aqui, vale dizer, que “não há um indivíduo desejante que cria objetos ou um objeto sociedade [ou educação, ou psicologia, ou empresa] que produz indivíduos em série. Há uma máquina desejante e coletiva que transversaliza indivíduo e sociedade”<sup>364</sup>. Ou ainda, não há oposição entre desejo e instituição<sup>365</sup>, haja vista que “o homem não tem instintos, ele faz instituições”<sup>366</sup>.

---

<sup>360</sup> O Livro sobre nada em Barros (2010).

<sup>361</sup> Ibid. (p. 18).

<sup>362</sup> Ibid. (p. 18).

<sup>363</sup> Ibid. (p. 18).

<sup>364</sup> Paulon (2006, p. 127, grifo meu).

<sup>365</sup> Paulon (2006).

<sup>366</sup> Deleuze (1991) citado por Paulon (2006, p. 127).

De tal forma que, como vem sendo dito, a experiência de si é histórica e culturalmente contingente, sendo, portanto, passível de transmissão e aprendizagem<sup>367</sup>. Nesse ínterim, “as práticas pedagógicas e/ou terapêuticas seriam espaços institucionalizados onde a **verdadeira** natureza da pessoa humana – autoconsciente e dona de si mesma – pode desenvolver-se”<sup>368</sup>, aderindo-a, assim, um modo *de narrar-se, descrever-se, observar-se, julgar-se, dominar-se e interpretar-se*. Ou ainda, de fazê-la gente de **verdade**.

*E como é que as escolas transformam crianças em adultos?*<sup>369</sup>, pergunta Felipe ao seu pai adulto e gente de verdade. Sem titubear, seu pai lhe explica, apresentando uma espécie de panorama do currículo escolar.

– É assim: você entra para a escola no primeiro ano. Lá vão lhe ensinar muitas coisas. Se você as aprender e tirar boas notas, passará para o segundo ano. No segundo ano, vão lhe ensinar muitas outras coisas. Se você as aprender e tirar boas notas, passará para o terceiro ano. E assim você vai aprendendo coisas, tirando boas notas e passando de ano, até chegar o momento mais importante, o momento em que você deverá escolher o que vai ser quando adulto. É a hora de entrar na universidade. Muitos querem entrar nas universidades. Mas elas não têm lugar para todos. Aí não basta tirar boas notas. Você terá que tirar as melhores notas para entrar na universidade. Os que não tiram as melhores notas não entram. Se você entrar, no primeiro ano vão lhe ensinar as coisas necessárias para ter a profissão que você escolheu. Se você as aprender e tirar boas notas, passará para o segundo ano. No segundo ano, vão lhe ensinar muitas outras coisas, e assim vai acontecendo até terminar o último ano da universidade. Aí há uma grande festa, chamada formatura. Na formatura, você receberá um diploma. Diploma é um papel grande, bonito, em que se encontra escrito o nome da sua profissão. É o diploma que **diz o que você é**. Os adultos são a profissão que exercem. Aí você vai trabalhar, ganhar dinheiro, ter filhos, que vão para escola, onde lhes ensinarão muitas coisas<sup>370</sup>.

Este panorama tem *efeitos protéticos, gestando corpos e sujeitos indexados* ao regime antropo-falo-ego-logocêntrico e econômico, mediante *pedagogias institucionais, terapêuticas e corporais*<sup>371</sup>. Não que se produza pedagogias apenas no campo escolar-educacional. Os projetos terapêuticos nos serviços de saúde mental, por exemplo, também *figuram projetos pedagógicos*, territórios de ensino, determinando condutas e montando o escopo do cuidado<sup>372</sup>.

*Voilà. É assim que as crianças deixam de ser crianças que brincam e passam a ser adultos que podem entrar no mercado de trabalho*<sup>373</sup>, de modo que a educação funciona como

---

<sup>367</sup> Larrosa (1994).

<sup>368</sup> (Larrosa, 1994, p. 44, grifo meu).

<sup>369</sup> Alves e Sousa (2010, p. 18).

<sup>370</sup> Alves e Sousa (2010, pp. 20-21).

<sup>371</sup> Vasconcelos (2013, p. 162;160)

<sup>372</sup> Vasconcelos (2013, p. 168).

<sup>373</sup> Alves e Sousa (2010, p. 24).

um empreendimento de sujeição<sup>374</sup>, de moral, de poder, de governo, na medida em que “estrutura o campo possível de ação dos outros”<sup>375</sup>, lhes dizendo quem são e o que podem. Ou ainda, “é como se a própria instituição da moral se apresentasse como âncora invisível de todas as outras instituições – derradeira tábua de salvação, arrimo do instituído, reproduzindo sempre o mesmo, como se fosse o único modo de existência.”<sup>376</sup>. O mesmo é verdadeiro, maduro, adulto, homogêneo, obediente.

A pergunta de Felipe contribui muito para alinhar a enxurrada de questionamentos feitos até aqui, de modo que permite uma pueril visualização da lógica da educação como sujeição<sup>377</sup> (e também de recusa, que pensaremos adiante) e, portanto, do currículo como produtor e não como produto; do currículo como vida. *Quer dizer que o que eu aprendi fora da escola não vale nada lá dentro?*<sup>378</sup>, questiona Felipe, que diferente de Tistu, não pôde experimentar um novo sistema de educação.

Seja no currículo de Felipe (educação formal e pássaros), no de Tistu (educação formal, jardim, ordem, miséria, geografia, fábrica e, por último, morte, sobre a qual seu polegar verde *não pôde muito*, e eu, bem sei), na grade curricular para formação de psicólogos ou até mesmo no currículo (aparentemente manifesto e oculto) dos redutores de danos, constroem-se teorias curriculares que se assentam em quatro questões principais: a questão do conhecimento e da verdade; a questão do sujeito e da subjetividade; a questão do poder e a questão dos valores<sup>379</sup>.

Ou seja, quer se queira quer não, o currículo se tece na definição das seguintes questões: 1) *O que constitui o conhecimento válido ou verdadeiro? Por que esse conhecimento e não outro?* 2) *‘Quem nós queremos que eles e elas se tornem’? ‘O que eles e elas são’?* 3) *Por que queremos que alguém se transforme em uma coisa e não outra? E por que pensamos nesse ‘alguém’ como tendo um tipo de natureza e não outra?* (4) *Por que consideramos certos tipos de conhecimento e certos tipos de subjetividades preferíveis a outros? Por que julgamos certos ideais de conhecimento e sujeito como desejáveis e outros como indesejáveis?*<sup>380</sup>.

---

<sup>374</sup> Deacon e Parker (1994).

<sup>375</sup> Foucault (2009, p.?).

<sup>376</sup> Paulon (2006, p. 125).

<sup>377</sup> Deacon e Parker (1994).

<sup>378</sup> Alves e Sousa (2010, p. 23).

<sup>379</sup> Silva (2001, n.p)

<sup>380</sup> Silva (2001, n.p)

De modo que o currículo “é, por excelência, um local de subjetivação e individuação”<sup>381</sup>, corporificando os enlaces entre *saber, poder e identidade*, na medida em que “produz os sujeitos aos quais fala” e “estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades”<sup>382</sup>. Vale mencionar que ao ratificar a ideia do currículo como produtor de sujeitos não nos valemos da escolha epistemológica em separar esses conceitos (currículo e sujeito) atribuindo-lhes, quando muito, uma relação de causa e efeito, mas, sim, afirmamos uma adição consubstancial, expressa como *currículo + eu + conhecimento + texto + (...)*<sup>383</sup>. Assume-se, então, o currículo como um empreendimento epistemológico e moral<sup>384</sup> e, portanto, não como um espaço de transmissão de conhecimento, mas de *produção de quem somos e do que nos tornaremos*<sup>385</sup>.

– Professora, o que é programa?

Sabendo que Felipe era uma criança, ela explicou de forma bem fácil:

– Programa é uma fila com todas as coisas que você deve aprender na escola, colocando uma atrás da outra.

– E... professora... – Felipe continuou – quem é que diz quais as coisas que devo aprender? Quem foi que colocou em fila o que devo aprender?

Quem põe o conhecimento em fila são pessoas muito importantes, do governo.

– E como é que eles sabem o que quero aprender, se não me conhecem e moram longe de mim?

– A escola não é para você aprender aquilo que quer, disse a professora. – A escola é para você aprender aquilo que deve aprender. O que você deve aprender é aquilo que disseram os homens inteligentes do governo. Tudo na ordem certa. Uma coisa de cada vez. Todas as crianças no mesmo tempo. Na mesma velocidade...<sup>386</sup>

Felipe é insistente, questiona o porquê das coisas. Lembra-me de uma criança de 5 anos que fez a seguinte pergunta a sua professora “*E por que tem que ser do seu jeito sempre? Eu não posso fazer do meu jeito nunca?*”. Ela não soubera o que responder. Pausa. Apenas lembrou que isso era algo que eu deveria saber. Desde então, a lembro – e a todas as outras – destas perguntas. No entanto, manter-se questionando é assumir uma luta pela subjetividade<sup>387</sup> e, portanto, “o direito à diferença e o direito à variação”<sup>388</sup>. E isto não se dá sem esforço. “Como fazer-se ‘sujeito da força’, sem sucumbir e tornar-se ‘sujeito à força’?”<sup>389</sup>.

Talvez, as práticas feitas para ‘matá-las’ liberem finalmente suas linguagens, no exterior de seu mutismo. Como o canto das sereias, talvez sua sedução consista no vazio que abrem, na imobilidade fascinante que provocam naqueles/as que as escutam. Imobilidade de pedra, em rostos sem expressão e sem olhos. Silêncio em bocas, que são

---

<sup>381</sup> Silva (2001, n.p)

<sup>382</sup> Silva (2010, p. 10-12).

<sup>383</sup> Silva (2001, n.p)

<sup>384</sup> Silva (2001, n.p)

<sup>385</sup> “O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz” (SILVA, 2010, p. 27).

<sup>386</sup> Alves e Sousa (2010, p. 30).

<sup>387</sup> Paulon (2006).

<sup>388</sup> Deleuze (1988) citado por Paulon (2006, p.128).

<sup>389</sup> Paulon (2006, p. 132).

apenas uma linha fina. Olhos e bocas que, talvez, não queiram mais ser apenas desenhos tatuados sobre os próprios rostos<sup>390</sup>.

Ainda na escola, uma menina da mesma idade me cumprimentava com alegria sempre que eu visitava sua sala. Sua voz destonada do dever-fazer, do dever-ser, dever-sentar, exclamava, em alto e bom som, “Tio Robeeert”. Ao que corria e me abraçava. Depois dela, outras tantas também vinham. Isto se repetia em todas as manhãs em que ia à sua sala, a contragosto de sua professora. Esta sempre lhe dizia “não pode sair da sala”, “fale mais baixo”, “você já perguntou ao tio se ele quer abraço?”, “fale da cadeira”, “um de cada vez, sem barulho”. Cada manhã uma sentença. O corpo da menina alegre se encadeirou, apesar das visitas e do corpo-aberto ao encontro com ela. A visito, ela olha para mim, olha para sua professora, olha para mim, esforça um sorriso semicerrado e volta a cabeça-atenção para o quadro. Volta a copiar. Copia e cola. Cópia sob modelo. De quem?

*O pesadelo foi assim: Felipe estava num hospital. Ia ser operado. A cirurgiã, com um giz na mão direita e um apagador na esquerda, lhe dizia:  
- O seu coração é um ninho de pássaros. Mas os pássaros que moram no seu coração não cantam nas horas certas. Assim, vamos trocá-los por um cuco, que canta sempre nas horas certas<sup>391</sup>.*

O currículo é “objeto de uma disputa vital”<sup>392</sup>. Enquanto representação, o currículo é uma superfície de inscrição do conhecimento em sua forma significante, de modo que o conhecimento não é entendido como a transcrição do ‘real’, da verdade das coisas, de um a priori verdadeiro ou dado, mas, antes, é a própria transcrição que é real<sup>393</sup>. Dito de outro modo, o currículo inscreve o que é ou não real, o que é ou não conhecimento, o que é ou não certo, o que é ensinável, o que é aprendível, o que é válido. Ele não existe para validar, validando ele faz existir o que valida e a própria validade. Nesse sentido, “a representação consiste precisamente na tentativa de domesticar o processo selvagem, rebelde, da significação”<sup>394</sup>. O currículo é uma “criação linguística, discursiva, de uma realidade própria”<sup>395</sup>.

Além disso, como tentou dizer a professora de Felipe, a significação não se dá sem a imposição de significados, por isso, se trata de um jogo de poder, de uma representação autorizada<sup>396</sup>. Não é que é autorizada apenas pelos homens inteligentes do governo, pois, o poder não

---

<sup>390</sup> Corazza (2001, p. 74).

<sup>391</sup> Alves e Sousa (2010, p. 34).

<sup>392</sup> Silva (2010, p. 65)

<sup>393</sup> Ibid.

<sup>394</sup> Ibid. (p. 65).

<sup>395</sup> Ibid. (p. 66).

<sup>396</sup> Ibid.

se restringe a ação do Estado, afinal, não se trata de uma qualidade que este ou aquele possui, mas, sim, de relações, relações de poder<sup>397</sup>. É o que se passa, por exemplo, entre os olhares da menina no encontro com os meus, os da professora e o quadro branco. Aliás, “visão e poder estão mutuamente, indissolivelmente, implicados”<sup>398</sup>.

Neste campo de visibilidade está em jogo a ocupação de posições singulares, explicitadas nessas perguntas: “1- Que posso eu saber? O que posso ser e enunciar em tais condições de luz e de linguagem? 2- Que posso fazer? A que poder visar e que resistências opor? 3- Que posso ser? Como me produzir como sujeito?”<sup>399</sup>. O currículo quer, ele tem “vontade de sujeito”<sup>400</sup>.

Um currículo “quer” um sujeito que pensa, logo é? Que dúvida de tudo, até de sua capacidade de conhecer? Que, justo por esta dúvida estratégica, pode ter a certeza que é autocognoscível e autotransparente? Um sujeito com capacidade de observação sistemática e de raciocínio rigoroso, liberado do erro, do místico, do tirânico? Que atua, movido pela universalidade da sua consciência, anotando, quantificando, comparando? Que faz sua razão triunfar sobre sua emoção, o método contra os instintos, a ciência contra a arte? Um currículo deseja um sujeito progressista, que encarne o progresso? Que seja rentável, produtivo, próspero?<sup>401</sup>

A saber por tais pistas, currículo não se resume ao programa, tampouco à grade de matérias cursadas na graduação. Ele passa por isto, mas não se esgota num plano. Se bem que existe uma compreensão do currículo-como-plano e, portanto, “ordenado, sequencializado e territorializado em áreas do conhecimento”, semelhante a um mapa com fronteiras bem delimitadas<sup>402</sup>. Um mapa-plano com objetivos igualmente delimitados, certos e, sobretudo, íntegros, contribuindo para manutenção e reprodução de relações assimétricas<sup>403</sup>. Dos quais, destaco: “sair preparado para atuar onde quiser”<sup>404</sup>, tornar-se adulto, ou, até mesmo especificar com precisão o que é do campo<sup>405</sup> psi (ou da assistência social, da psicanálise, da saúde etc.) e, portanto, oculto, e o que é do núcleo<sup>406</sup> de redução de danos, e, por isto, revelado. Afinal, o currículo pretende-se “limpo”<sup>407</sup>.

---

<sup>397</sup> Foucault (2009).

<sup>398</sup> Silva (2010, 61). Tomaz Tadeu da Silva ainda diz que “É na representação, entretanto, que o poder do olhar, o olhar do poder, se materializam; é na representação que o visível se torna dizível. É na representação que a visibilidade entra no domínio da significação” (p. 61).

<sup>399</sup> Corazza (2001, p. 61).

<sup>400</sup> Ibid. (p. 15).

<sup>401</sup> Ibid. (p. 16)

<sup>402</sup> Souza (2012, p. 16)

<sup>403</sup> Ibid.

<sup>404</sup> Cito isto na nota de rodapé da p. 35.

<sup>405</sup> Campos (2000).

<sup>406</sup> Ibid.

<sup>407</sup> Silva (2010, p. 16).

*Com muito amor mesmo que a gente desenvolveu muitas coisas legais na época que eu tava trabalhando, e conheci muitas pessoas interessantes, **histórias de vida que fizeram mudar muitas coisas a partir do meu olhar e desse lugar de psicologia. Que psicologia é essa?** Então o que é que a redução de danos tem pra me pra trazer pra psicologia? Porque se vocês perguntassem de fato, **se isso fosse algo muito fechado eu não poderia tá aqui, porque eu nunca trabalhei como psicóloga e redução de danos, porque eu era redutora de danos e psicóloga (risos). Dois vínculos diferentes...** Mas, eu, através da experiência fui, né, tentando construir diferentes pra a galera que eu encontrei.*  
(D., grifos meus)

E o que se esconde quando se esconde o currículo? Há quem diga que currículo oculto pretende abarcar as relações sociais, a organização, rituais, regras, regulamentos e normas do espaço escolar “que moldam nossa subjetividade como que por detrás de nossas costas” para fins de ajustamento, adaptação, conformismo, obediência<sup>408</sup>. Acrescento, porém, que, no âmbito da redução de danos, parece ter ares de fetiche, ao passo em que assume a posição de denúncia ao fetiche.

O fetiche é mantenedor do paradoxo, da ambiguidade, da diferença, da variação, da presença e ausência, da afirmação e negação. É *escorregadio, manhoso, arteiro, lúdico, feiti-ceiro, místico*. Confunde verdadeiro com falso, *coisa com gente* e vice-versa, divide-se entre o *que é e o que não é, o que sabe e o que não sabe*. Contra-ortodoxo, contracorrente.<sup>409</sup> Por consequência, é indesejável. O currículo é fetiche<sup>410</sup>. Nem aqui, nem acolá. Entre. Os dois. Múltiplo. É programa e não é. É grade e não é<sup>411</sup>. Vaza, como uma vida<sup>412</sup>.

O fetichismo fornecia um contraste conveniente para as noções de progresso, de ciência e de racionalidade desenvolvidas pelo Iluminismo. O fetichismo aparecia como a perfeita oposição, como o ‘outro’ – irracional, supersticioso, imoral – da racionalidade iluminista<sup>413</sup>.

A suposição e conservação do lugar denominado como oculto opera como denúncia, como desfetichização do processo formativo no entremeio psicologia e redução de danos, não do currículo rd ou do currículo psi, haja vista que os mantém inteiros, íntegros, ilesos e maduros. Ao desfetichizar esse processo, mantém-se os currículos – os dois – com limites bem definidos, atribui-se “certificados de autenticidade e de identidade”<sup>414</sup>. Uma tentativa de manter uma separação. Do lado do núcleo, as funções justas de uma redutora de danos, doutro, do campo, feito oculto, o universo disciplinar de outras áreas do conhecimento, de outras profissões. São

---

<sup>408</sup> Silva (2005, p. 80).

<sup>409</sup> Silva (2010).

<sup>410</sup> Ibid.

<sup>411</sup> Ibid.

<sup>412</sup> Souza (2012) fala em currículo-como-vida, em contraposição ao currículo-como-plano.

<sup>413</sup> Silva (2010, p. 76).

<sup>414</sup> Ibid. (p. 100).

*vínculos diferentes*. Até tem nomes diferentes: núcleo e campo. As histórias de vida me fizeram mudar, mudaram meu olhar, inclusive o de psicóloga, mas, nunca trabalhei como psicóloga e redutora de danos. “Um currículo ‘quer’”<sup>415</sup>.

*Sou psicólogo e redutor de danos... hoje pra mim faz muito mais sentido ficar nessa separação.*  
(J., grifos meus)

A conjunção “e” é fetiche. Ela mantém uma *ilusão de realidade*, semelhante a cinematográfica, na qual os dois vínculos são, de fato, diferentes e, portanto, paralelos e inconciliáveis, como a realidade e a ficção, conquanto também funciona como um ato de *des-reconhecimento*, de *criação*<sup>416</sup>, de dessubjetivação: *o que porra tem a ver com a psicologia isso que estou fazendo aqui?*

O E não é nem um nem outro, é sempre entre os dois, é a fronteira, sempre há uma fronteira, uma linha de fuga ou de fluxo, mas que não se vê, porque ela é o menos perceptível. E no entanto é sobre essa linha de fuga que as coisas se passam, os devires se fazem, as revoluções se esboçam<sup>417</sup>.

Ambíguo? Assim o é o fetiche. Aliás, “somos todos fetichistas. Melhor, pois, brincar com os fetiches do que denunciá-los”<sup>418</sup>. E é nesse ponto que educação assume a posição de recusa<sup>419</sup> – ao cognitivista<sup>420</sup>, maduro, ileso, empreendedor e moral. Não porque se faz oposição à ciência, à psicologia ou à redução de danos, tampouco porque propõe uma substituição, outra identidade. Mas, sim, porque traveste, fetichiza, transgride, propõe um hibridismo, intercessores outros, uma *perspectiva parcial*, um *conhecimento localizado*<sup>421</sup>. Não é uma cartografia verde liberada do poder, afinal, ele é tagarela perpétuo<sup>422</sup>, mas compromissada com o *controle do abuso de poder*, com o *limite e minimização de dominação de nosso eu*<sup>423</sup>. Nesse sentido, “a

---

<sup>415</sup> Corraza (2001, p. 16).

<sup>416</sup> Silva (2010, pp. 94;96).

<sup>417</sup> Deleuze (1992, p. 60-61).

<sup>418</sup> Silva (2010, p. 92).

<sup>419</sup> Deacon e Parker (1994).

<sup>420</sup> Kastrup (2005, p. 1281) diz que da importância “em expurgar o cognitivista que existe em nós e que nos habita, muitas vezes de maneira clandestina, assombrando-nos com o modelo da representação”.

No modelo de representação, “conhecer é chegar ao real, sem intermediação” (SILVA, 2010, p. 16). Vale lembrar que, ao situar o currículo como representação mais acima, não tratamos de uma epistemologia realista, mas do representar como tentativa de fixação da significação, por isto, como foi dito “o conhecimento não é a transcrição do ‘real’: a transcrição é que é real” (SILVA, 2010, 64-65).

<sup>421</sup> Haraway (1995).

<sup>422</sup> Butler (1990) citada por Deacon e Parker (1994, p. 107).

<sup>423</sup> Deacon e Parker (1994, p. 108).

tarefa não é derrubar ou transcender mas, através da paródia e do paradoxo, travestir as identidades, práticas e objetivos educacionais hegemônicos, para subverter ou deslocar as relações de poder que envolvem a educação moderna”<sup>424</sup>.

É uma cartografia comprometida com a ética, pouco com a técnica (da/o expert<sup>425</sup>). Uma ética que: 0) *toma de volta a alcunha roubada de um deus iorubano. Exú nas escolas!*<sup>426</sup>; 1) *não procura vilões entre as instituições ou celebra heróis que zelem pelo ‘bom mocinho’ processo do desejo*<sup>427</sup>; 2) *engaja-se na tarefa de desinstitucionalização, seja mantendo o questionamento dos nossos valores, seja na disposição para produção do novo e do resgate do devir criador de cada um de nós*<sup>428</sup>; 3) *insiste em outramentos, na luta pela subjetividade e na produção de outras*; 4) *aposta na bricolagem*<sup>429</sup>: *de escritas, tempos*<sup>430</sup> e *saberes*; 5) *que, como o fetiche, torna inútil a busca das essências, ridiculariza a hipótese de um significado último, confunde o autêntico e o inautêntico, borra as fronteiras, dificulta a manutenção das distinções entre natureza e cultura, ciência e sociedade, técnica e política*<sup>431</sup>; 6) *ultrapassa os planos da moral e da judicialização da clínica e da vida*<sup>432</sup>; 7) *reduz os danos da moral, da fissura e da contrafissura*; 8) *induz derivas subjetivas em psicólogas(os), redutoras(es), brancos e pretos, viados e héteros, cristãos e feiticeiros, drogados e caretas*<sup>433</sup>; 9) *segue verde, entra e se abaixa*; 10) *cabe na boca dos passarinhos*<sup>434</sup>; 11) *e é imoralista, inventiva, maquina*.

Não que a ética prescindia da técnica, afinal “nem pura estabilidade, nem pura instabilidade”<sup>435</sup>. Aposta-se, aqui, em uma técnica como gesto, um gesto que pode se fazer ético, na medida em que, enquanto tal, tem sentido “no próprio ato, no que é capaz de produzir”<sup>436</sup>. Outrossim, “a matéria propõe um gesto, uma ação [...] a tecnicidade/informação contida no objeto

---

<sup>424</sup> Ibid. (p. 107).

<sup>425</sup> Baremlitt (2002).

<sup>426</sup> Soares (2018).

<sup>427</sup> Paulon (2006, p. 132).

<sup>428</sup> Ibid. (p. 134).

<sup>429</sup> Paraíso (2014).

<sup>430</sup> Detoni (2009, p. 14).

<sup>431</sup> Silva (2010, p. 109).

<sup>432</sup> Lancetti (2015, p. 24).

<sup>433</sup> David Capistrano Filho, importante sanitaria e defensor da redução de danos, quando processado por haver introduzido o Programa de Redução de Danos, perguntou ao juiz: “sua excelência, o senhor está me processando por incitar o uso de drogas, justamente a mim um sujeito careta que não fuma nem cigarros?” (LANCETTI, 2015, p. 133).

<sup>434</sup> Barros (2010).

<sup>435</sup> Escóssia (2003, p. 181).

<sup>436</sup> Ibid. (p. 182).

construído retroage sobre os sujeitos, reconfigurando-os, produzindo, assim, novas subjetividades”<sup>437</sup>. Um gesto técnico-ético faz “exigência de relação”<sup>438</sup>, de vida; “opera em superfícies não submetidas à moral e à contrafissura não só para não perder de vista os pacientes e suas imperceptíveis mudanças mas para não se separar do que cada um pode”<sup>439</sup>; torna visível<sup>440</sup>. Ao passo que se faz distinção da técnica como meio, da técnica dos experts.

As(Os) experts são filhas(os) da educação moderna, empresarial, redutos do saber. Decidem tudo porque sabem. Alunas(os) da frente. Cucos. Preparadas(os), qualificadas(os), seguras(os) do que sabem e de como utilizar o que sabe. Exímias(os) técnicas(os), especialistas, aplicadoras(es), avaliadoras(es). Conhecem todas as drogas e seus efeitos, intervenções possíveis, recaídas prováveis, rotinas recomendáveis, as melhores estratégias de abstinência ou de redução de danos para cada pessoa. Sabem como reduzir danos de quem usa maconha, cocaína, crack, álcool, inalantes e alucinógenos. Distinguem verdadeiro de falso, válido de inválido, eficiência de ineficiente, certo de errado, científico de senso comum, verde de maduro, psicologia de redução de danos, concreto de fetiche, núcleo de campo, natureza de cultura, individual de social, razão de emoção, cabeça de corpo, infantil de adulto, corpo de aprendizagem, real de ficção, gente de objeto de estudo, caminho de objetivo, dissertação de poesia.

*Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia*<sup>441</sup>.

*[...] não sei para que vim, mas estou aqui. Nesse apartamento de Urano que dá para os jardins de Roma [e de Miraflores]. E vou ficar um pouco. Na encruzilhada. Porque ela é o único lugar que existe. Não existem margens opostas. Estamos todos na encruzilhada. E é dessa encruzilhada que lhes falo, como o monstro que aprendeu a linguagem dos homens*<sup>442</sup>.

---

<sup>437</sup> Ibid. (p. 182).

<sup>438</sup> Ibid. (p. 183).

<sup>439</sup> Lancetti (2015, p. 68).

<sup>440</sup> Ibid. (p. 76).

<sup>441</sup> Torquato Neto e Gil (1985).

<sup>442</sup> Preciado (2020, p.30, grifo meu)

## 9. No qual Tistu denuncia a(de) si próprio numa encruzilhada...

A emoção não diz "eu": primeiro porque, em mim, o inconsciente é bem maior, bem mais profundo e mais transversal do que o meu pobre e pequeno "eu". Depois porque, ao meu redor, a sociedade, a comunidade dos homens, também é muito maior, mais profunda e mais transversal do que cada pequeno "eu" individual. Eu disse anteriormente que quem se emociona também se ex-põe. Expõe-se, portanto, aos outros, e todos os outros (...) <sup>443</sup>.

*Lost*, disse um dos entrevistados ao perceber que durante a roda de conversa os caminhos de todos nós tinham se cruzado em algum momento. *Lost*, repetimos diversas vezes ao perceber que esta informação só se concretizava a cada fala. *Morremos*, disseram quando, enfim, todos os fios se cruzaram. *Lost*, ou “perdidos”, é uma série norte-americana com seis temporadas que, de forma geral, narra a história dos sobreviventes de um acidente aéreo. *Spoiler*<sup>444</sup>: As(os) 48 sobreviventes se reconheciam como estranhas(os) entre si, até que, na última temporada, nos é revelado que elas(es) estavam no pós-morte e todas as pessoas que habitavam aquela ilha com eles outrora haviam sido muito importantes e próximas. Os fios se cruzaram.

Sobre isto, duas coisas merecem atenção: o fato de estarem perdidas(os) e a conclusão de termos morrido.

*Aí uma outra cena foi na formação de AT*<sup>445</sup>, *que eu fui atender como AT na primeira vez. Eu fui ter supervisão com [nome do supervisor], o supervisor da época, e aí eu fui contar pra ele: ‘E aí [...] como é que foi seu primeiro AT?’*, eu falei ‘nem te conto, fui encontrar ele e aí a gente foi andar no bairro, lá na Vila Madalena, e a gente começou a subir e descer ladeira, subir e descer ladeira, e a gente se perdeu e eu olhava no Google Maps e eu não sabia onde eu tava e ele não sabia onde ele tava e a gente ficou muito perdido...’.

(Risos)

*Foi desesperador... (Risos). Ele ‘que bom [...] muito bem, então foi ótimo sua experiência, é isso aí... se perca mais, viu?’ (Risos). E aí eu fui sacando o que é a história do AT era me permitir me perder com o outro, quando também tinha toda uma vontade de controlar, né? (risos) A situação. ‘Google Maps, pelo amor de Deus...’ (Risos). ‘Alguém me socorra daqui...’. E aí também eu fui achando a clínica do AT muito parecida com a clínica da redução de danos, né?, que diz respeito a você estar com o outro, você se permitir um vínculo.*

(M1.)

A vida impõe-se. O encontro é uma ferida<sup>446</sup>. Feridas(os) ou perdidas(os), as possibilidades de atuação e habitação do território existencial com a(o) outra(o) borram os limites e

---

<sup>443</sup> Didi-Huberman (2016, p. 30).

<sup>444</sup> Termo que designa o ato de contar a história de um filme, série ou livro, sem que a pessoa para quem se conta tenha assistido ou lido.

<sup>445</sup> Acompanhamento terapêutico.

<sup>446</sup> João Fiadeiro e Fernanda Eugénio em Conferência-performance Secalharidade (2013).

medidas, alargam as possibilidades, oxigena a transferência, compacta o divã na mochila, expande a abertura para o movimento. *Só não pode sair ileso daqui*<sup>447</sup>.

A vida denuncia o “eu”. Nestes escritos, emoções e palavras não dizem apenas de mim, muito embora o projeto de mestrado tenha surgido a partir das respostas à pergunta “Onde está a redução de danos em você?”, feita por Michele Vasconcelos, quando, na oportunidade, a convidei para compor a banca de avaliação do meu trabalho de conclusão de curso. Responder esta pergunta e acompanhá-la fez aparecer outros pronomes, outras pessoas, outros corpos-em-mim, outros corpos-fora-de-mim. Ora Tistu, ora Felipe, ora cinco psicólogos(os)-redutoras(es) de danos, um historiador-redutor de danos, ora (todas/os os nomes, falantes e escritoras/es não-ileso que compuseram essa escrita). *Morremos*.

A vida impõe-se: devir. O *devir escapa à história*. Ainda que a história permita contextualizar e apontar os condicionamentos, a vida não é história. A história aposta na revolução; o devir na invenção, na multiplicidade, nos processos, em singularizações que escapam aos *saberes constituídos*, os *poderes dominantes*, os *modelos*. Por isto, há devir minoritário e revolucionário em todos nós: devires criança, mulher, gay, travesti, velho, negro, etc. Minoria, entendida nesses termos, alarga os processos de identidade, as representações, resultando então em *criações coletivas*<sup>448</sup>.

Dessa maneira, há devir no processo formativo. Não na ideia de um processo de formação permanente, como se viver e/ou trabalhar fossem uma corrida infinita para comprar e completar um álbum de figurinhas, como adorava fazer na minha infância. O processo formativo do qual falamos aqui tem que ver com suscetibilidade para o acontecimento, para o devir. Na encruzilhada do acontecimento, ao menos neste, fazemo-nos *verdes, crianças, chorões, perdidos e maricas*. A encruzilhada é devir, maquínica e pedagógica, permitindo-nos

[...] alargar o que somos, dar-nos um novo corpo com outro umbral de sensibilidade, de modo análogo ao que ocorre no movimento do aprender quando se o compreende como possibilidade de tornar habitável a fronteira onde se encontram e se transformam o representável e o que ainda não se conhece<sup>449</sup>

A encruzilhada tem Senhor: Exú. “O princípio, o verbo, a palavra, a confusão, a diferença, a biografema, a criatividade, [...] a artistagem viva e ativa”<sup>450</sup>. “É o que movimenta e

---

<sup>447</sup> Sant’Anna (2015).

<sup>448</sup> Deleuze (1992).

<sup>449</sup> Jodar (2000) citado por Silva (2001, p. 132).

<sup>450</sup> Corazza ([201?], p.2)

intensifica a vida. É o que mantém a ordem e a desordem”<sup>451</sup>. É o Senhor do terceiro elemento, da terceira cabaça, de três caminhos – não de um, tampouco do outro, e nem, ao menos, dos dois; Senhor do terceiro<sup>452</sup>, por escolha.

[...] não se objetiva a substituição de uma perspectiva por outra. A sugestão pelas encruzilhadas é a de transgressão, é a traquinagem própria do signo aqui invocado. São as potências do domínio de *Enugbarijó*, a boca que tudo engole e cospe o que engoliu de forma transformada<sup>453</sup>.

A encruzilhada esculhamba a linearidade e a pureza dos cursos únicos, uma vez que suas esquinas e entroncamentos ressaltam as fronteiras como zonas pluriversais, onde múltiplos saberes se atravessam, coexistem e pluralizam as experiências e suas respectivas práticas de saber<sup>454</sup>.

O terceiro elemento é o entremeio, a *encruza*, a conjunção “e”, que, sob o signo de Exú “assenta e substancia as ações de fronteira, resiliência e transgressão, codificadas em forma pedagogia”<sup>455</sup>. A encruzilhada é pedagógica. A pedagogia das encruzilhadas denuncia a moralidade racista e colonial, ao passo em que reivindica caminhos e possibilidades outras – que “se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam”<sup>456</sup>, se travestem e criam fetiches por todas esquinas –.

Exú nas escolas!, esse é o desejo-gesto da Elza Soares e do Luiz Rufino, quiçá de Tistu, Felipe e todas(os) as(os outras(os) nomes que por aqui pediram passagem e se despem. Um gesto educacional regido por uma micropolítica ativa, mediante a qual “o desejo cumpre sua função ética de agente ativo da criação de mundos, próprio de uma subjetividade que busca colocar-se à altura do que lhe acontece”<sup>457</sup>. Laroyê.

A encruzilhada, o entremeio é o princípio, o embrião, a entrada e a saída de todos os encontros, das linhas de fuga. O entremeio é poesia, bricolagem, artesanaria, contradição, confusão, traquinagem, assenta as *vértebras quebradas do nosso tempo*<sup>458</sup>. O entremeio é dobra e, portanto, “inaugura outra política [cognitiva, relacional e formativa], uma política que renuncia ao esquema opressão/libertação/identidade e que busca criar novas formas de experimentar e de sentir, afirmando a diferença, a variação”<sup>459</sup>. A encruzilhada é verde, feita como tal pelo pau esquizo de Exú. A encruzilhada é dispositivo pedagógico: “qualquer lugar no qual se constitui

---

<sup>451</sup> Ibid. (p.2)

<sup>452</sup> Rufino Júnior (2018)

<sup>453</sup> Ibid. (p. 76)

<sup>454</sup> Ibid. (p. 78)

<sup>455</sup> Ibid. (p. 73)

<sup>456</sup> Ibid. (p. 75)

<sup>457</sup> Rolnik (2019, p. 65).

<sup>458</sup> Agamben (2009, p. 61)

<sup>459</sup> Silva (2001, p. 134)

ou se transforma as experiências de si”<sup>460</sup>, introduzindo uma *política de recusa, paradoxo e crítica imanente*<sup>461</sup>.

Exu  
É o começo  
Atravessa o avesso  
Exu é o travesso  
Que traça o final  
Exu é o pau  
No caule que sobe  
Sozinho que cabe  
O caminho do além  
De bem e mal  
Dito  
Pelo não dito  
Odara é bonito se a água não acaba  
Elegbara elegante no falo que baba  
Exu é quem cruza e descruza o amor  
Bará não tem cor  
Estará onde quer que qualquer corpo for  
Pra todo trabalho  
É o laço e o atalho  
É o braço e a mão  
Do falho e do justo  
Exu é o custo  
Do movimento  
O tormento do ser  
Que não é  
Exu<sup>462</sup>

- O que você quer dizer? Já não acabou a minha história? – perguntou Tistu.  
- Vamos ver... vamos ver... – disse o pônei, pondo-se a roer seus trevos.<sup>463</sup>

---

<sup>460</sup> Larrosa (1994, p. 57)

<sup>461</sup> Deacon e Parker (1994, p. 109)

<sup>462</sup> Silva (2018) cantada por Serena Assumpção.

<sup>463</sup> Druon (1976, p. 136-137)

## 10. Considerações crônicas

[...]

*Dia desses, chegou ele ao seu destino – o portão da escola municipal – e ficou um tempo olhando lá pra dentro. Vê e se vê nos outros meninos brincando no pátio, enclausurados em seus uniformes. Reconhece alguns, acena e chama-os pelos apelidos. Alguns respondem e outros riem, não se sabe se dele ou para ele. Resolve fazer suas manobras mais radicais ali, naquele pedaço de asfalto defronte à escola. Empina a bicicleta algumas vezes, faz um cavalo de pau e volta ao que parece ser seu ponto de partida: o olhar dos meninos de dentro da escola. Olha disfarçada e esperançosamente para o pátio de cimento queimado, onde muitas vezes ficou de pé, na fila, também enclausurado em seu uniforme surrado, olhando para fora. É ele agora que está de fora, montado na sua bicicleta, segurando na grade do portão da escola, e é deste lugar que observa as mesas compridas, empenadas e de colorido fosco já gasto pelo tempo, e, nas paredes, reconhece, por trás da poeira, os murais enfeitados com os mesmos desenhos mimeografados indistintos. Parece procurar o seu.*

*Mas passa um carro, levanta uma brisa forte que espalha poeira por todos os olhos e ele não acha o desenho, não acha os meninos, não se acha. Solta o portão e segue na bicicleta enferrujada, deixando pra trás um novo rastro de poeira vermelha, que se espalha pelo chão e pelo ar e, em seguida, baixa, some e faz esquecer quem passou por ali, desimprimindo sua marca e sua passagem por aquele lugar<sup>464</sup>.*

O professor havia dito que o lugar combinaria comigo. Um dito-gesto. Um gesto que “abre a esfera da ética”<sup>465</sup>. Que abre, não que abriu. Abriu é pretérito perfeito, achou lugar, é trabalho acabado ou, quando muito, faltoso. Abre é intempestivo, *aberto ao próprio vento*<sup>466</sup> e parcial, imiscuído nas vizinhanças, nas encruzilhadas. Abre é gesto de afirmação à vida. Abre é verbo? Conjugua verbo, mas é presente-do-indicativo, justo na terceira pessoa. Abre é Senhor da terceira cabaça.

Não que eu tenha imaginado que aquele gesto desembocaria nesse corpo, que produziria esse efeito-subjetividade. O *saber-do-vivo*, outro nome para o polegar verde, debateu-se com aquela exclamação, ela parecia dizer do que não sabia representar. Língua ainda enferma, carecia de procura e de lugar. O movimento é cúmplice do risco, atesta contra a pensa, faz convite ao corpo. Entrei, me abaixei e falei. Por vezes tímido, outras afoito, mas, sobretudo, verde, quando este diz que do resta, do que esvaiu do regime de embrutecimento.

Outra professora, ainda na graduação, ouvindo-me debater com os encontros neste lugar, pede que eu leia, anote, revise e observe brechas, lacunas, repetições, pede que eu produza uma questão. Até que não foi tão difícil. Estava ali, bem ali: onde está a redução de danos em Aracaju? Se há uma política a intersetorializar as práticas por entre os lugares, há que se ter outros que não os que conheci. O que se produz nestes outros? Quais os seus nomes? Onde

<sup>464</sup> “O lugar e o menino sem lugar”, de Milanez (2019, pp. 23-24).

<sup>465</sup> Pelbart (2003, p. 69)

<sup>466</sup> Música “Circular movimento”, de Marsa (2016).

ficam? O que fazem? Como fazem? Já sei, vamos mapeá-los. Mapeando não os perdemos de vista: lhes damos tempo, endereço e rastreamos suas técnicas, alcances e percalços.

Sabido do que faria, encontro com outra professora. Parece-me que a palavra lugar lhe pareceu mais encantada que o plano de mapeamento, ou que mapeamento como plano. E então fareja outra questão, mais próxima que a outra: onde está a redução de danos em você? Em mim? Será que ela falara da justificativa do trabalho? E eu sou redutor? Por que mesmo combinaria comigo? Que pergunta sem-lugar! Qual? A sobre mim. Como eu respondo isto? Posso escrever? Em qual pessoa? Qual pessoa? Sim, do singular, do plural. Não perca de vista a relevância pessoal, social e acadêmica. O que é relevância? É a irmã de eficácia.

*Entre!* Mas eu tinha uma relevância para fazer. Não era uma justificativa? Sim, isto mesmo. E qual a relevância? A de quem? A minha? Também. É... A relevância para mim é o aprendizado. O que se pode aprender com isso? *Abaixe!* Mas, por quê? Está sol e ainda não cheguei no lugar, preciso ir para aprender. Tem lugar para aprender? Claro, tem vários! *Fale!* Falar de quê? Do corpo! Mas eu não já falei? Você falou da relevância. Ora, mas é a relevância para mim. Mim é corpo. *É o quê?* O cor... Você aprendeu de cór? Quando aprende a gente decora. E o que você decorou? Já me perdi. O que você quer saber mesmo? Desaprendi [...]

Não que seja necessário imprimir significados a esta narrativa, poderia fazê-la perder a força e cronicidade. Apesar disto, reservo-me ao direito de dizer, a respeito da proposição inicial, que não combinou. Se combinar for sinônimo de ajustar, harmonizar e condizer, então, não. Não combinou. Não porque o gesto fizera furo ao abre, justo o desvio, tem feito furo à moral: produzindo efeitos-subjetividades, derivas curriculares e formativas, descombinações e hibridismos. E onde fica o lugar? Escorregando, artistando, enfeitiçando. Mapeá-lo, como um plano, o faria perder a vida, o viço pueril. Cartografar, pois, o descaminho de uma vida, de um encontro.



Quadrinho feito por Tastequiet. Instagram, 2019.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Santa Catarina: Argos, 2009.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In PASSOS, E., KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ALVES, R.; SOUSA, M. **Pinóquio às avessas**. Rio de Janeiro: Verus Editora e Maurício de Sousa Produções, 2010.
- ARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, pág. 7–41, 2009.
- BARROS, M. E.; FREITAS, M. C. A.; CHAMBELA, S. M. G. Diálogos entre o conceito de experiência em Walter Benjamin e a clínica da atividade. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2019.
- BACO EXU DO BLUES. **Queima a minha pele**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZV-P8v5xM7U>.
- BALEIRO, Z. **A depender de mim**. São Paulo: Saravá discos, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kvozWo9FXHI>.
- BAPTISTA, L. A. Demolição da memória de um psicólogo anônimo: a invasão no cotidiano por flechas do Vietnam. **Mnemosine**, v. 9, n. 2, 2013.
- \_\_\_\_\_. Oração de um nenhum a Nossa Senhora dos Desvalidos. **Corpo Grafías Estudios críticos de y desde los cuerpos**, v. 4, n. 4, pág. 216-218, 2 ene. 2017.
- \_\_\_\_\_. **A cidade dos sábios**. São Paulo: Summus, 1999, pág. 45-49.
- \_\_\_\_\_. **A fábrica de interiores: a formação psi em questão**. Niterói: EdUFF, 2000.
- BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, 5ed., Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari, 2002.
- BARROS, L.P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos In: Passos, E., KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, pág. 32-51.
- BARROS, M. **Poesia completa**. Portugal: Leya, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- BBC. Relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.
- BELCHIOR. **À palo seco**. Rio de Janeiro: Continental, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SlAUaz57I50>.

BELO, F. Estamira. In: PASSOS, I. C. F. (Org.). **Poder, normalização e violência**: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, pág. 141-156.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BIBLIOTECA NÔMADE. Para acabar com o juízo de Deus, [?]. Disponível em: <http://www.bibliotecanomade.com/2008/01/arquivo-para-download-para-acabar-com-o.html>.

BRASIL. **Lei 4.119**, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.

\_\_\_\_\_. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei 4.119**, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.

\_\_\_\_\_. **Manual de redução de danos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASÍLIA. **Caminhos do cuidado: caderno do aluno**. Formação em Saúde Mental (crack, álcool e outras drogas) para agentes comunitários de saúde e auxiliares/técnicos de enfermagem da Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

\_\_\_\_\_. **Traços humanos nas superfícies do mundo**. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/42>. Acessado em 03 de março de 2020.

CAMPOS, G. W. S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.5, n.2, pág. 219-230, 2000.

CANAVEZ, F. Entre Freud e Foucault: a resistência como afirmação de si. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, pág. 225-244, 2015.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARCHIA, G. **Glosa sobre humanismo**. Série Pandemia Crítica. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/134>. Acessado em 19 de fevereiro de 2021.

CARVALHO, D. B.; YAMAMOTO, O. H. Psicologia e políticas públicas de saúde: anotações para uma análise da experiência brasileira. **Psicologia para América Latina**, 2002.

CASTRO, J. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. COMIM, F; PORTO JÚNIOR, S. S; MOURA JÚNIOR, J. F et al. Sem pobreza, mas com ‘fomes’: visões econômicas e psicológicas. In: XIMENES, C. NEPOMUCENO.; CIDADE; et al. **Implicações psicossociais da pobreza e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Governo Federal decreta fim da política de Redução de Danos**. 2019 Disponível em: <https://site.cfp.org.br/governo-federal-decreta-fim-da-politica-de-reducao-de-danos/>. Acesso em 10 de março de 2019.

CORAZZA, S. M. **Exu-biografema**: signo trágico. [201?]. Disponível em: [https://www.academia.edu/34853842/Exu\\_biografema\\_signo\\_tr%C3%A1gico](https://www.academia.edu/34853842/Exu_biografema_signo_tr%C3%A1gico). Acesso em 13 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. **Fantasia de escritura**: filosofia, educação, literatura. Porto Alegre: Sulina, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORREIA, M. O. G. Por uma crítica imanente sobre os limites das políticas públicas de direitos sociais e o Estado na produção do bem comum no modo de produção capitalista. **Saúde e Sociedade**, v.24, n.1, pág. 55-65, 2015.

CRIOLO. **Boca de Lobo**. São Paulo: Saigon, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xCWwtIE6D04>.

DANTAS, C. M. B.; OLIVEIRA, I.F. de; YAMAMOTO, O. H. Psicologia e pobreza no Brasil: produção de conhecimento e atuação do psicólogo. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, 2010.

DEACON, R.; PARKER, B. Educação como sujeição e como recusa. In: SILVA, T. D. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, pág. 97-110.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DETONI, M. C. **Artesania clínica**: questões para uma prática de multiplicidade. Porto Alegre: Marcavíslua, 2009.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_.; BENEVIDES, F. **Radical, radicular / revolver as imagens, por a terra em transe**. Série Pandemia Crítica. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/25>. Acessado em 15 de fevereiro de 2021.

DIMENSTEIN, M. A cultural profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de Psicologia**, v.5, n.1, pág. 95-121, 2000.

DO BAIRRO, J. **Corpo sem Juízo**. 2019.

DRUON, M. **O menino do dedo verde**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

EMICIDA. **Amarelo**. São Paulo: Sony Music e Laboratório Fantasma, 2019.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

ESCÓSSIA, L. Por uma ética da metaestabilidade na relação homem-técnica. In: GUATTARI, F. et al. **O reencantamento do concentro**. Cadernos de Subjetividade, n. 11, 2003, pág. 177-186.

ESTAMIRA: tudo que é imaginário tem, existe, é. Direção de Marcos Prado. Rio de Janeiro: Marcos Prado e José Padilha, 2005. 1 Documentário (121 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IcUKQNj3HEg>.

FELIX, P. R. Cidadania e capitalismo: uma análise a partir da crítica marxista do direito. **Praia vermelha: estudos de política e teoria social**, v.29, n.1, pág. 13-38, 2019.

FERENCZI, S. **Elasticidade da técnica psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA NETO, J. L. Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. **Memorandum**, v.18, pág. 130-142, 2010. Disponível em: [www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/ferreiraneto01.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/ferreiraneto01.pdf).

FIGADEIRO, J.; EUGENIO, F. **O encontro é uma ferida**. In: Trilogia Secalharidade. Lisboa: Ghost Editores, 2013.

FIGUEIREDO, L. C. M; SANTI, P. L. R. **Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência**. São Paulo: EDUC, 2008.

FISCHER, R. M. B. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, pág. 117-140, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS H. L.; RABINOW P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREJAT. **Amor pra recomeçar**. Nova York: WEA Records, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DbbNw3YTEz8>.

FURTADO, D. B. Do sim e do não: comentários sobre a denegação. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 61, 2011.

GAMA JÚNIOR, C. G. **Atravessamentos e transversalizações na vida de moradores de rua: reflexões a partir de um lugar institucional no município de Aracaju-SE**. 2019. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

GIACOIA JÚNIOR, O. **Nietzsche como psicólogo**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2001.

GORE, J. M. Foucault e Educação: fascinantes desafios. In: SILVA, T. D. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, pág. 9-20.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.

HOOKER, J. **Amor marginal**. Recife, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qe713DXVF8k>.

JUCÁ, B. Chip na vacina, “virar jacaré” e outros mitos criam pandemia de desinformação na luta contra a covid-19. **El País**. São Paulo, 21 de dez. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-20/chip-na-vacina-virar-jacare-e-outros-mitos-criam-pandemia-de-desinformacao-na-luta-contr-a-covid-19.html>. Acesso em 17 de fev. de 2021.

KASTRUP, V. A psicologia na rede e os novos intercessores. In: Fonseca, T. G.; Francisco, D. J. (Orgs.). **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, pág. 13-22.

\_\_\_\_\_. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos, E., KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, pág. 32-51.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 1, 2001.

\_\_\_\_\_. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, 2005.

LANCETTI, A. **Clínica Peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2011.

\_\_\_\_\_. **Contrafissura e plasticidade psíquica**. São Paulo: Hucitec, 2015.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LATOUR, B. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. Série Pandemia Crítica. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/28>.

LAZZARATO, M. Política da multiplicidade. In: LINS, D.; PELBART, P. P. (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze - bárbaros, civilizados**. São Paulo: Annablume, 2004.

LEE, R. **Amor e sexo**. EUA: Warner Chappel Music, 2003. <https://www.youtube.com/watch?v=ho-iGFctXe8>.

LINDENMEYER, Cristina. A Antropologia Psicanalítica: uma chave para pensar o contemporâneo. Entrevista com Paul-Laurent Assoun. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 21, n. 3, pág. 431-441, 2018.

MARSA. **Circular movimento**. Recife: Mill Records, 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=b4\\_rYsMPoYk](https://www.youtube.com/watch?v=b4_rYsMPoYk).

MASCARO, A. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÁXIMO, M. Desenvolvimento sem liberdade: uma análise crítica do pensamento de Amartya Sen. **Cadernos do Desenvolvimento**, v. 8, n.13, 2013.

MAZUI. Vacina 'não está comprovada cientificamente', diz Bolsonaro, contrariando o que disse a Anvisa e as provas obtidas por cientistas. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/22/vacina-nao-esta-comprovada-cientificamente-diz-bolsonaro-contrariando-o-que-disse-a-anvisa-e-as-provas-obtidas-por-cientistas.ghtml>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

MOURA JR, James Ferreira et al. Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, 2014.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal** ou prelúdio de uma de uma filosofia do futuro. Curitiba: Hemos Livraria, 1886.

\_\_\_\_\_. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia de Bolso, 1881/2016.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1887/1998.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 1883/2011.

OLIVEIRA, S. R. S. **A obediência como virtude e saúde**: a atualização do pastorado nas práticas psicológicas contemporâneas. 2015. 169f. Tese de doutorado (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

PARAÍSO, M. A. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, pág. 587-604, 2010.

\_\_\_\_\_. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. E. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, 17-31.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, pág. 391-413, 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAULON, S. M. A Desinstitucionalização como Transvaloração: Apontamentos para uma terapêutica ao niilismo. **Athenea Digital**. Revista de Pensamiento e Investigación Social, n.10, 2006.

\_\_\_\_\_. À saúde de uma psicologia cada vez mais pública. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, pág. 731-733, 2013.

PELBART, P. P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_\_\_. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ensaaios do assombro**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

PIO DÉCIMO. **Graduação em Psicologia**. Área de atuação. Disponível em <https://faculdade.piodecimo.com.br/curso/1116/45322/area-de-atuacao>. Acessado 05 de fevereiro de 2020.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporação e afetabilidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.25, n.2, pág. 323-338, 2013.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, pág. 52-75.

PRECIADO, P. **Aprendendo do vírus**. Série Pandemia Crítica. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/26>. Acessado em 14 de abril de 2020a.

\_\_\_\_\_. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

RIBEIRO. 200 frases de Bolsonaro minimizando a pandemia do coronavírus. 2021. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/200-frases-de-bolsonaro-minimizando-a-pandemia-do-coronavirus-203647435.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

ROCHA, L. R. **Carne sísmica**. Aracaju: edições blague, 2021. No prelo.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

ROSA, O. P. **Drogas e biopolítica: uma genealogia da redução de danos**. 2012. 373 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, T. D. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RUFINO JÚNIOR, L. R. Pedagogia das encruzilhadas. **Revista Periferia**, v. 10, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504/>.

SAFATLE, V. Uma certa latitude: Georges Canguilhem, biopolítica e vida como errância. **Scientiae Studia**, v.13, n.2, pág. 335-367, 2015.

SANT'ANNA, A. **Cansado**. Aracaju: Leo Airplane, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ooG6uPOBF8>.

\_\_\_\_\_, A. **Ileso**. Aracaju: Leo Airplane, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jLX1Hx1CFH0>.

SANT'ANNA, D. B. **Lavar as mãos, descolonizar o futuro**. Série Pandemia Crítica. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/25>. Acessado em 20 de agosto de 2020.

SELL, C. E. **Max Weber e o átomo da sociologia: Um individualismo metodológico moderado?**. Civitas, Rev. Ciênc. Soc., Porto Alegre, v. 16, n. 2, 2016.

SILVA, C. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Dr. Nietzsche, curriculista: com uma pequena ajuda do professor Deleuze**. ANPED, 24., 2011. Anais Caxambu, 2001.

SILVA, T. D. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Só pra contrariar. **Essa tal liberdade**. Minas Gerais: Sony BMG, 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VAW5ND4W7VM>.

SOARES, E. **Exu nas escolas**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NmDsmHtOgyw>.

SOUSA, J. M. Currículo-como-vida. In: M. A. PARAÍSO, R. A. VILELA & S. R. SALES (Orgs.). **Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica**. Curitiba: Editora CRV, 2012, pág. 13-24.

SOUSA, M. A. de A. **Nietzsche asceta**. 2005. 263 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão de literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, v.8, n.16, pág. 20-45, 2006.

SOUZA, S. R. L.; FRANCISCO, A. L. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhados caminhos... **Investigação Qualitativa em Saúde**, v.2, pág. 811-820, 2016.

SOUZA, T. P. **Redução de Danos no Brasil: A clínica e a política em movimento**. 2007. 116f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

TITÃS. **Saia de mim**. New York: WEA, 1991. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ahBzlu\\_dGZI](https://www.youtube.com/watch?v=ahBzlu_dGZI).

TORQUATO NETO; GIL, G. **Geleia geral**. New York: WEA, 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dg594OQENew>.

TRINDADE, S. **Tem gente com fome e outros poemas: antologia poética**. 1ª ed., Rio de Janeiro: DGIO, 1988.

UOL. **'País de maricas'**: 9 frases de Bolsonaro sobre pandemia que matou 162 mil pessoas no Brasil. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/11/11/pais-de-maricas-9-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia-que-matou-162-mil-pessoas-no-brasil.htm>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

VALENÇA, A. **Maracatu**. Rio de Janeiro: Polydor/Polygram/Philipis, 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHMWHHPzR1w>.

VARELA, F. J. O reecantamento do concreto. In: GUATTARI, F. et al. **O reencantamento do concentro**. Cadernos de Subjetividade, n. 11, 2003, pág. 71-86.

VASCONCELOS, M. F. F. **A infâmia de Quincas: (re)existências de corpos em tempos de biopolítica**. 2013. 239f. Tese de doutorado (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

VEIGAS, L. M. **O analista está presente: a arte da performance de Marina Abramovic e a clínica**. 2015. 75f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

VELOSO, C. **Gente**. Rio de Janeiro: Philipis, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nrzYbc3rWzc>.

VENAS, R.; RIBES, R. (Org.). **Infância crônica**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2019.

WODAK, A. Redução de Danos e Programas de Trocas de Seringas. In: BASTOS, F. I.; MESQUITA, F.; MARQUES, L. F. **Troca de seringas: ciência, debate e saúde pública**. Brasília: Ministério da Saúde, 1998, pág. 55-72.

ZÉ, T. **Senhor Cidadão**. Rio de Janeiro: Continental, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zLTMM3r8wYI>.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Roteiro para roda de conversa

#### 1 – Apresentar brevemente a pesquisa.

Vamos experimentar com ele um novo sistema de educação, já que *não é como todo mundo! Ele aprenderá as coisas que deve saber, olhando-as com os próprios olhos. Ensinar-lhe-ão, no local, a conhecer as pedras, o jardim, os campos; explicar-lhe-ão como funciona a cidade, a fábrica*, e tudo que puder ajudá-lo a tornar-se gente grande. A *vida*, afinal, é a melhor escola que existe. Vamos ver o *resultado!*  
(O menino do dedo verde)

#### 2 – Ler Termo de Consentimento

#### 3 – Regras

3.1 Falar um(a) de cada vez

3.2 Quem quiser falar levanta a mão

#### 4 – Perguntas-disparadoras

4.1 Nome, idade, raça/cor, local e ano em que fez a graduação, equipamento onde trabalha ou trabalhou com psicologia-redução de danos e o que mais quiser...

4.2 Como se deu o percurso de formação em psicologia?

4.3 Como se deu o percurso de formação em redução de danos?

4.4 Em que momentos estas formações se (des)encontram?

## **APÊNDICE B – Termo de Consentimento**

Prezado(a) participante:

Meu nome é Robert Santos do Carmo, sou aluno do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Estou realizando uma pesquisa sob orientação da professora Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos, com o objetivo de cartografar um processo formativo no entremeio psicologia e redução de danos.

Solicito, assim, através deste documento, o consentimento de vocês para contribuir com o estudo, por meio da participação nessa roda de conversa que poderá ser gravada e posteriormente transcrita, estando cientes de que essas informações serão utilizadas unicamente para fins de pesquisa e os dados que permitam identificá-la(o) serão omitidos, garantindo o sigilo.

A participação é voluntária e não lhes incorre nenhuma assistência financeira. A não participação no estudo não lhes causará qualquer prejuízo, e vocês poderão desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer risco de penalização.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador mediante contato por telefone (79) 99664 – 0582.

Agradeço as suas contribuições e coloco-me à disposição.

Atenciosamente

---

Robert Santos do Carmo

---

Michele de Freitas Farias de Vasconcelos

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

---

Nome e assinatura do(a) participante

---

São Cristóvão, 31 de outubro de 2019